ANO 37.º SEXTA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1957 N.º 12.511

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Ignorância e ingratidão

Num artigo publicado há dias neste mesmo lugar, o nosso eminente e querido colaborador sr. dr. João de Barros — nobilíssimo exemplo de coerência e de fidelidade a um ideal que outros, menos persistentes ou mais acomodatícios, não hesitaram em renegar — lembrava a conveniência de reeditar, numa versão resumida ao alcance de todas as bolsas, a «História do Regime Republicano em Portugal», que se publicou há anos sob a direcção de um alto espírito e homem de carácter a cuja probidade mental todos prestam justiça: o prof. Joaquim de Carvalho. Eis outro exemplo (ainda nos restam, felizmente, alguns) de persistência no amor aos princípios e ás ideias que levaram á implantação da Republica em Portugal.

Entendemos que o alvitre de João de Barros, tão espontaneo como oportuno, não devia cair em cesto roto. Não se trata apenas de uma obra de divulgação, mas tam-

(Continua na 3.ª página)

DR. JOAQUIM DE CARVALHO

A posição de Portugal ganha torreno durante o julgamento na Haia

HAIA, 4 (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria).—*Com a leitura, ontem, pelo professor Galvão Teles, das conclusões finais do Governo português, terminou, na sala de audiências do Palácio da Paz, a resposta de Portugal ás seis objecções do Governo de Nova Delhi contra a competência do Tribunal e á copiosa defesa que durante cinco dias delas fizeram, utilizando todos os golpes permitidos e proibidos da esgrima jurídica, os três mosqueteiros da causa indiana, que, por sinal, exactamente como no romance de Dumas, são quatro — Soskice, Setalvad, Guggenheim e Waldock. (Se tivessemos de escrever estes mesmos nomes antes de iniciadas estas audiências, fá-lo-iamos, naturalmente, pela seguinte ordem — Guggenheim, Waldock, Soskice, Setalvad. As aparências iludem...)*

Como é alegórico todo o estilo arquitectónico e decorativo do Palácio da Paz — a começar na torre, que lembra a de uma catedral gótica, e a terminar no grande fresco

(Continua na 14.ª página)

A nova ilha e o longe penacho de fumos e poeiras vulcanicas

Explosões cada vez mais violentas sacodem o mar do Faial onde a nova ilha de lava não cessa de crescer

HORTA, 4 — De acordo com as ultimas notícias aqui recebidas, continuam, mais violentas que nunca, embora mais espaçadas, a intervalos de meia em meia hora, as explosões submarinas no Mar do Faial. A ilhota formada pelas lavas cresce constantemente, atingindo a periferia, agora, a altura de 50 metros. Trata-se de um espectáculo de terrível grandiosidade.

De todo o mundo chegam telegramas, a todo o momento, a pedir notícias acerca do fenómeno. A televisão dos Estados Unidos já começou a exibir aspectos da erupção e do nascimento da ilha, enviados de avião.

A população do Faial passa horas de aflitiva ansiedade, minoradas, porém, pelas inumeras provas de solidariedade prestadas pelos habitantes das restantes ilhas do arquipélago.

O local não foi hoje sobrevoado por observadores, devido ao mau tempo, provocado por uma depressão centrada ao norte da Ilha Terceira. O mar está agitado, prevendo-se vento forte do quadrante Sueste, sem tendência para alteração nas próximas 24 horas.

O boletim metereológico era aguardado com extraordinário interesse, visto, que, se a direcção do vento mudasse, as cinzas seriam arrastadas para terra, podendo daí advir temíveis catástrofes.

O eng. António Rezende que já voou sobre a zona dos Capelinhos, declara que, por cálculos efectuados em função das estimativas da profundidade do Mar do Faial, na área da erupção, da largura e da altura da ilhota e da zona de flutuação das escórias, os materiais expelidos pela cratera devem ter atingido 100 a 150 milhões de toneladas.

Intensificaram-se as ligações telefónicas e telegráficas entre o

(Continua na página central)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
24 PÁGINAS
oito das quais incluem
* **Vida Literária**
* **«Diário de Lisboa» Juvenil**
* **«Eduquemos o nosso filho»**
* **Conto policial e**
* **«Diz o médico...», pelo dr. Augusto d'Esaguy**

*

Amanhã, como de costume em igual dia dos anos anteriores, estão encerrados todos os nossos serviços pelo que não se publica o «Diário de Lisboa».

Se há República em Portugal a culpa foi dos monárquicos — diz-nos o prof. dr. Joaquim de Carvalho

Mestre Joaquim de Carvalho vive numa ruela provinciana de Coimbra, entre o vetusto Arco de Almedina e as escadinhas de Minerva, da Universidade. A sua casa, separada do exterior por um muro, distingue-se no branco claustral da cidade, por ser cor-de-rosa, estar envolta na copa de grandes árvores e por um manto de trepadeiras virentes. A porta nunca se fecha. Não é preciso bater. Dá-se volta ao ferrolho, e entra-se logo. Mesmo que o ilustre catedrático esteja na «Baixa», parolando, a férias, sempre com auditórios atentos, na farmácia Donald ou em plena Rua Ferreira Borges, uma criada, de cabelos ciganos, conhecendo bem os hábitos do dono, manda logo o «quidam» subir a escaleira de pedra, balaustrada de barroco, abrindo a porta do escritório. Ali tudo é silêncio. A invisivel e prateada teia de aranha do tempo que passa sobre as cadeiras de mogno, os retratos do mestre, em que ele indulgentemente se comportou como bondoso modelo, sem que o artista, com excepção de um, lhe reproduzisse a vida intelectual ardente, antes cromatizando-a intensamente, ele, que anda sempre vestido, austeramente, de preto; as poltronas modestas, não muito fofas, nem confortáveis, de um ascetismo filosófico, que já vai sendo «démodé».

Mas o nosso Ortega y Gasset do pensamento, coordenador de ideias, mestre activo e paternal de tantas gerações, não está em casa. Esperamos, longamente, algumas horas. Através das janelas de vidrinhos, em guilhotina, afogadas pela verdura do jardim, espreitamos. A vera Coimbra surge-nos em retalhos: empenas velhinhas, tabuletas pobres de comércio, artérias estreitas, coberturas de telha de meia-cana, rebordando o beiral, donde as andorinhas emigraram já. Lá em cima, no pátio de uma

(Continua na 7.ª página)

Há que abrir os olhos para os problemas de ordem económica e social, dentro da fórmula das liberdades públicas, que são, de resto, a tradição da Monarquia liberal e da República

As negociações económicas luso-espanholas

MADRID, 4. — No Palácio do Pardo, pela primeira vez após as férias, reuniu ontem o Conselho de Ministros, sendo pelo de Assuntos Exteriores feito um relatório das negociações de ordem económica com vários países, e especialmente com Portugal, dando o presidente do Conselho Económico, sr. Gual Villabi, explicações acerca do tratado na sua recente visita ao ministro português da Presidência, prof. Marcelo Caetano. — (Efe).

Visado pela Comissão de Censura

QUATRO REIS — Dos sete monarcas reinantes na Europa (dois são senhoras) vêem-se quatro nesta foto, obtida no funeral do rei Haakon. Á frente seguem o novo rei Olavo da Noruega, acompanhado de seu filho, o principe herdeiro Harold; na fila seguinte caminham os reis Frederico da Dinamarca, Paulo da Grécia e Balduino da Bélgica

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Colegial coreano

morto a tiro

por um soldado americano

SEUL, 4 — Um colegial coreano, de 15 anos, foi morto esta manhã por um tiro disparado por um soldado americano, na estação de Kum Chom, a 200 quilómetros a Nordeste de Seul.

O soldado, Raymond Bailey, que estava de guarda a um comboio, viu avançar para ele um grupo de cinco celegiais, aos quais deu ordem para parar. Como aquele não fizesse caso, disparou primeiro tiro para o ar e segundo para o solo, só um terceiro tiro foi disparado na direcção do grupo. Esta ultima bala foi disparada na direcção do grupo. Esta ultima bala, segundo Bailey declarou, é que atingiu o jovem no abdomen.

A criança morreu no hospital pouco tempo depois de ali ter dado entrada.

Várias centenas de habitantes manifestaram-se violentamente, exigindo que o soldado lhes fosse entregue. — (F. P.).

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ, na casa Reinaldo Luna & Irmão, Ld.ª.

O maior ovo

LIMA, 4. — O maior ovo do Mundo, com o peso de 235 gramas, foi posto por uma pequena galinha numa granja dos arredores desta capital. A «fabulosa» galinha pertence ao sr. Frinich, de nacionalidade croata, que possue nada menos de 4.000 das melhores poedeiras do Peru. — (Efe).

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de pintura

VIANA DO CASTELO, 3—Amanhã, ás 19 horas, com a presença do governador civil do distrito, sr. eng. Reis Faria, presidente do Município e de outras entidades oficiais, será inaugurada uma exposição dos trabalhos realizados pelos estagiários da XX Missão de Estética de Férias, organizada pela Academia de Belas-Artes, durante os dois ultimos meses, nesta região. Os trabalhos a expor, no Museu Municipal, sãocerca de uma centena.

B A I L A D O S

WANDA RIBEIRO DA SILVA

Reabre o seu Studio no próximo dia 7. Telefones 732972 ou 863575.

O general Juarez Távora

está de visita a Portugal

Está em Lisboa o general Juarez Távora, que foi chefe da Casa Militar do antigo presidente Café Filho e, mais tarde, ele mesmo candidato á Presidência da Republica do Brasil. O general, que vem de visitar diversos países da Europa e tem sido, nos ultimos anos, uma das figuras militares de maior preponderancia na vida política brasileira, vem a Portugal pela primeira vez.

—Mas com que alegria o faço!— diz-nos.

Depois de referir que a sua deslocação á Europa estava relacionada com o seu estado de saude, o sr. general Juarez Távora acentuou:

—E' uma visita que não poderia deixar de fazer e que já deveria ter feito. Portugal é, para nós, Brasileiros, o país mais importante. E para mim, ainda mais que tenho as raízes da minha família em Portugal: aqui nasceu o meu nome, criou fama o nome dos Távoras, que também muito sofreram.

A uma pergunta sobre as relações luso-brasileiras:

—Espero que sejam cada vez maiores e melhores. Somos da mesma raça, do mesmo sangue, temos as mesmas ideias e as mesmas aspirações e caminhamos pelos mesmos caminhos, devemos caminhar sempre pelos mesmos caminhos.

E, finalmente, a propósito da visita do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil, o sr. general Juarez Távora disse-nos:

—Saí do Rio, no dia da chegada do sr. Presidente Craveiro Lopes, mas ainda tive tempo de ver a alegria do povo brasileiro e a sua participação nas homenagens preparadas para receber o vosso presidente. A visita do sr. general Craveiro Lopes teve uma grande importancia no conjunto das relações luso-brasileiras.

E depois de relembrar que esteve para acompanhar o ex-presidente Café Filho na sua visita a Portugal, e de se ter referido, com muita simpatia, figura e á obra do sr. Presidente do Conselho, «cuja projecção conhece não só no Brasil, como no Mundo», o general Juarez Távora, declarou ainda:

—Estarei três dias em Portugal, que aproveitarei para conhecer Lisboa, Sintra e Cascais, e a Batalha e Aljubarrota, e, se tiver tempo, também, um velho solar dos Távoras, no Norte de Portugal.

Na companhia de um secretário da Embaixada do Brasil, Juarez Távora visitou, esta manhã, a zona turística de Cascais, Estoril e Sintra.

Ao retirar o mosto

caiu no balseiro e morreu

CANTANHEDE, 4—*(Pelo telefone)*—Quando hoje, pelas 10 horas, tentava retirar mosto, caiu num balseiro, com uva em fermentação, o proprietário sr. Alexandre Rodrigues de Oliveira, casado, de 55 anos, natural desta vila. Conduzido ao Hospital do Arcebispo, não foi possível reanimá-lo, apesar dos esforços empregados pelos médicos.

Funcionando nesta vila uma Adega Cooperativa que oferece todas as condições de segurança, seria de aconselhar aos vinicultores que não corressem riscos semelhantes nas suas pequenas adegas.

Vida mundana

DE VIAGEM

Partiu para Valladolid o sr. dr. Muñoz Braga, que vai representar a Sociedade Portuguesa de Nutrição no III Congresso Luso-Espanhol de Endocrinologia.

— Depois de curta estadia em Portugal, regressou ao Brasil, o sr. comendador Albano de Sousa Guise, figura de relevo na colónia portuguesa do Rio de Janeiro e grande benemérito de instituições luso-brasileiras de assistência e de cultura.

—A convite da Air France parte amanhã para Paris o sr. D. José Seisal, director da Agência de Viagens Zepa, que, como representante português, tomará parte na viagem inaugural do Super Starliner, da linha Paris-México, daquela importante companhia de aviação.

Cafiaspirina

refresca e anima

DR. JOSÉ DE PÁDUA

RETOMOU A CLINICA

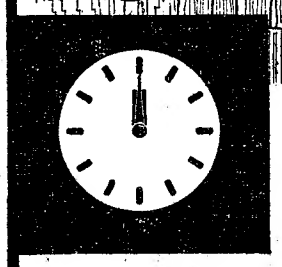
Praça dos Restauradores, 65. 2.º, Esq.º

VOOS SEM ESCALA

LISBOA - NOVA YORK

no avião comercial mais moderno e mais rápido do mundo...

"SUPER-7"



Parte de Lisboa à meia-noite em voo directo para Nova York e a uma velocidade média de 560 Km/h!

A Pan American serve agora Portugal com os mais modernos quadrimotores intercontinentais, os de maior velocidade e maior autonomia de voo. Os seus novos Clippers* 'Super-7' servem também **Barcelona, Nice, Roma** e dão a **Volta-ao-Mundo.** Na sua próxima viagem utilize o rápido e confortável Serviço Turístico *'Rainbow'* ou o de primeira Classe *'President'*. Viaje nos Clippers 'Super-7' da Pan American — o melhor serviço de transportes dos nossos dias.

Dirija-se ao seu
AGENTE DE VIAGENS
ou à Pan American World Airways, Inc.
Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa
Telef. P. P. C. A. 32181 (8 linhas)

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ 19 ANOS

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por motivo de trabalhos inadiáveis, será interrompida a corrente eléctrica, no próximo Domingo, 6 do corrente mês, das 8 h. ás 12 h. nas seguintes zonas:

1.ª zona:
Rua Gualdim Pais e imediações.

2.ª zona:
Calçada da Picheleira e imediações.

3.ª zona:
Rua Cristóvão de Figueiredo (ao Bairro Santos) e imediações.

4.ª zona:
Calçada de Sete Moinhos, Calçada da Quintinha, Rua Particular á Calçada da Quintinha e imediações e parte do Bairro da Calçada dos Mestres.

5.ª zona:
Rua Vale Formoso de Baixo, Rua do Telhal, Rua Fernando Palha, Rua Dr. Estevão de Vasconcelos e imediações.

6.ª zona:
Oeiras.

CASINO ESTORIL

HOJE (17 anos)

SITHA et JASHAR

Fantasistas coreográficos em sinfonias orientais

LO e VEIGA

Bailados regionais portugueses

e a Orquestra Internacional de **RAY MARTINO**

DEPOIS DE AMANHÃ — DOMINGO

«CHÁ-DANÇANTE» com todas as atracções

Á NOITE — ULTIMA exibição das atracções — DESPEDIDA

Ignorância e ingratidão

(Continuação da 1.ª página)

bem de uma obra de justiça, de uma obra que restitui aos acontecimentos e aos homens, tantas vezes deturpados uns e caluniados os outros, a sua altura própria e a sua fisionomia verdadeira.

As gerações novas, que lêem por outra cartilha, teriam muito que aprender com a sua leitura e não deixariam de rectificar juizos erroneos que se tem formulado.

Há que restabelecer, portanto, a verdade tantas vezes adulterada ao sabor das conveniências e que restituir aos homens que fizeram e serviram a Republica a sua verdadeira estatura, libertando-os da ignorancia e da ingratidão—a moeda em que lhes paggram os serviços e os sacrificios que fizeram em prol do bem comum.

As pessoas de boa-fé não ousam, certamente, pôr em duvida a pureza de intenções e a nobreza de propósitos daqueles que trabalharam para o advento do regime republicano em Portugal e mais tarde para a sua consolidação e prestigio. Se os acontecimentos nem sempre os favoreceram e os resultados obtidos não corresponderam muitas vezes aos anseios do País e aos esforços despendidos pelos homens que procuraram servi-lo, isso dêve-se menos á carência das ideias do que á falta de continuidade na acção e de eficácia dos métodos.

A meio século de distancia, não se extinguiram completamente as paixões e ainda hoje, em certos sectores menos ponderados ou mais facciosos, não se hesita em lançar sobre os homens de 1910 uma onda de calunias e de suspeições que não pode passar em julgado. Há que rectificar os juizos precipitados ou malévolos e que repelir as diatribes daquelas que tornaram o regime republicano responsável pelos erros cometidos por alguns politicos que não souberam servi-lo. A Republica, no entanto, tem-se mantido e continuará a manter-se, através de todas as injustiças e de todas as protérvias de que tem sido alvo e de todas os ataque que lhe têm dirigido.

Parece-nos, portanto, vantajoso e exequível o alvitre que nestas colunas lançou João de Barros, sem duvida uma das vozes mais autorizadas que hoje se erguem, que tem a coragem (que a outros falta) de se erguer em defesa do regime republicano, dos homens que o serviram e das ideias que o enformaram.

O aniversário que amanhã se comemora, dentro das modestas proporções que lhe são consignadas, servirá a robustecer a fé de todos os democratas num ideal que não morre, porque é afinal de contas a aspiração de todos os povos que querem viver com dignidade e sem sujeições que aviltem ou abdicações que envergonhem. Bem sabemos que as ideias sofreram com o andar dos tempos e as realidades prementes da nossa época, uma evidente transformação no seu conteudo — e não podemos negar que certas palavras fundamentais (aquilo a que os Franceses chamam «les gros mots») se desvalorizaram, como o papel moeda, este por um aumento excessivo da circulação fiduciária, aquelas pelo uso imoderado que delas se fez e pelos abusos que á sua sombra se cometeram.

Como quer que seja, ninguém pode esquecer que vivemos em Republica e que é ao regime republicano que devemos, apesar de tudo e de todos os agravos que lhe fizeram, as condições propicias á politica de regeneração financeira e administrativa que se vem processando em Portugal nas três ultimas décadas, obra incontestável de um homem a quem o País fica devendo altissimos serviços e que sobreleva de longe os méritos do próprio sistema. E' preciso reconhecer que essa obra, a muitos títulos notável, e que seria injustiça negar, foi possivel em regime republicano, embora recorrendo á supressão de liberdades que o povo português acima de tudo preza e pelas quais lutou sem descanso desde que teve a consciência da sua maioridade politica.

Aguardamos, hoje mais do que nunca, convencidos de que ela não se fará esperar, a hora em que essas liberdades possam ser inteiramente restabelecidas — e só então se terá dado um passo decisivo para a obra de pacificação que todos desejamos, restituindo a cada Português a certeza de que a sua voz poderá fazer-se ouvir livremente, sem incorrer na ira dos deuses.

Leiam o jornal humoristico

sempre fixe

FLOR QUE SECA E REVERDECE...

Que sentem as mulheres

(mães de família)

no choque das paixões modernas?

Como pensa a mulher dos nossos dias? Que sente e como reage, perante a vida moderna? Serão tão submissas como alguns as julgam, tão dominadas pela vontade do homem como eles julgam?

Vemo-las despreocupadamente jogar a canasta, escolher retrós e botões; vemo-las conscientemente correr aos seus empregos, ganhar com sacrificio e merecimento ordenados mais pequenos, por trabalhos iguais ou mais esforçados do que o dos homens; vemo-las ser mães atentas; vemo-las ficar em casa, enquanto o homem trabalha ou se diverte lá fora. Exploram e são exploradas.

E eles? Como reagem eles? Submissamente ou revoltadamente?

Tudo depende dela...

Em Itália, apareceu há pouco um romance de grande actualidade de Alba de Cespedes, uma grande romancista que nos desvenda muitos capítulos dos dramas femininos do nosso século. Esse livro chama-se «Caderno interdito» e começa por contar a história de uma mulher que, tendo saído para comprar cigarros ao marido, resolve, de repente, adquirir um caderno de capa negra onde passa a anotar as reacções da sua alma e os factos da sua vida.

Esse «diário» é por assim dizer a voz de todas — ou quase todas — as mães de familia do seu tempo que sufocam dentro da vida quotidiana.

E quem era, afinal, essa mulher, mãe de familia? Tem 43 anos, é casada com um funcionário publico e mãe de um rapaz e de uma rapariga adolescentes que andam a estudar. Diante do seu caderno de capa negra, ela, porém, assusta-se; terá coragem de ficar consigo só?

E onde irá arranjar tempo para se entregar áquela solidão comunicativa?

Pela primeira vez, repara que a sua casa é pequena para poder estar só e que o tempo não lhe sobra para poder escrever...

Pior do que isso: naquela casa, tudo depende dela e ela não tem sequer onde esconder aquele diário íntimo? Todos os móveis são devassados por outras pessoas, porque todas as pessoas da casa têm o «seu» móvel — uma secretária, uma cómoda... — menos ela.

Um dia, diante de uma exclamação dos filhos, proclamara: «tenho o meu «diário» guardado numa gaveta fechado á chave, que só eu abro» — e a filha rira-se desabusivamente: o que é que ela teria para contar no seu «diário»?

Todavia, ela escreve, escreve...

Morrer de silêncio

A' medida que escreve descobre-se a si própria, revela-se e desvenda-se o que vinte anos de vida familiar fizeram dela. Já não existe. Ou é como se não existisse. O marido, sim, existe; o filho prepara-se para existir. E tudo se organiza, á sua roda, em função da sua existência, para atender os seus gostos, necessidades e hábitos. A própria filha existe: reconhece-se o direito de ter amigos, segredos, personalidade. Ela, Clara, não. Pertence a todos e ninguém lhe pertence; está em toda a parte e ninguém acorre onde ela está, a não ser que seja por necessidade própria. Não tem o direito de estar nervosa, porque logo lhe querem arrancar o seu segredo.

— Estás nervosa!

Não é cuidado. E' aborrecimento, egoismo... Clara sente, na verdade, que alguma coisa de novo se passou, a partir daquele momento em que o marido começou a chamar-lhe «mamã». Terá mudado de caracter?

Deixou de ver as amigas de infancia, não tem tempo de passear, deixou de ser uma mulher do futuro, ficou a ser uma mulher do passado — uma mãe de familia com encargos sem regalias...

— De que morrem as donas de casa? — perguntaram um dia á escritora Alba de Cespedes.

— De silêncio — respondeu —. O que mata marido e mulher é o silêncio.

O egoismo dos outros

E' por isso que a sua heroina — «Valéria» — escreve desesperadamente, como quem quer reatar o diálogo interrompido com o marido e os filhos. Rebela-se. Liberta-se. E, todavia, qual é a atitude do marido? Não continua a ser afectuoso e pronto a prestar-lhe pequenos favores? Nenhuma «cena» entre eles. Mas ela sabe qual é o grau de indiferença que os une.

— Estou tão cansada!

Ninguém se mexe, ninguém tenta ajudá-la. Por fim, levantar-se-á para fazer aquilo que lhe cumpre fazer. Apenas o marido disse, sem levantar os olhos do jornal, com o ar distraído ou por descargo de consciência:

— Estás cansada mas não és capaz de ficar quieta.

Ela cumpre. No emprego como em casa. Porque ao regressarem ambos, o unico «maple» será para ele ler o jornal, enquanto ela vai cozinhar, lavar, engomar... Podia acaso ser de outra maneira?

Um dia, numa fita americana, tinham visto uma grande funcionária dar ordens no escritório, enquanto em casa o marido lavava a louça. O que a plateia rira. O marido também. Como se riu quando ela tentou que ele a ajudasse a dar á bomba do fogareiro de petróleo ou como quando lhe pediu uma gaveta na sua secretária, onde pudesse guardar «os seus segredos»...

— Tontinha, como se na nossa idade ainda houvesse segredos!

Sim, os segredos serão para a filha. A todo o transe quer ter o pretexto dos estudos, para entrar tarde em casa. Um dia que chega noite alta e a mãe insinuou qualquer coisa, ela protesta violentamente: que espécie de relações insinuava? Acaso considerava que aquela vida miserável que levavam tinha alguma coisa a ver com o amor?

Aquela submissão, aquele modo de a usarem, aquela renuncia a tu-

(Continua na 14.ª página)

O novo OPEL REKORD na AUTO ESTRADA!...

EM EXPOSIÇÃO
das 9 às 24 horas

RUA TOMÁZ RIBEIRO, 97-A
TELEF. P. P. C. A. 5 8111

SOREL LIMITADA

AV. ENG.º DUARTE PACHECO
POSTO ABASTECEDOR
TELEF. 68 28 61

CONCESSIONÁRIOS DA GENERAL MOTORS

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Como já noticiámos, Procópio Ferreira vem a Portugal, com uma companhia de comédias. Este distinto actor brasileiro, volta a rever um publico que há muitos anos o aplaudiu com sinceridade. Entre outros elementos do Teatro brasileiro acompanham-no Hamilta Rodrigues, Francisco Moreno, Elisa Matos, Esmeralda Matós e Teresinha. A peça de estreia será «A Raposa e as uvas», de Guilherme Figueiredo. O seu embarque efectua-se na próxima terça-feira, no vapor «Ana C».

—Antes de se iniciarem os seus trabalhos da época de Inverno devem ir a Madrid os artistas-empresários Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.

—Para o elenco do Teatro da Trindade estão já indicados os artistas Maria Lalande, Josefina Silva, Maria José, Lily Neves, Ribeirinho, Luís de Campos, Fernando Gusmão, Rui de Carvalho, Canto e Castro, Costa Ferreira e Fernando Muralha.

—No dia 26, apresentar-se-á no Coliseu do Porto a companhia de «ballet» 1957, de Paris, excelente conjunto coregráfico.

—E' provável que a companhia «Teatro Para Todos», a actuar no Teatro Sá da Bandeira do Porto, realize espectáculos em Braga, Guimarães, Aveiro e Coimbra.

—No sábado estreia-se em Vila Franca de Xira o Circo Luftman.

—O êxito alcançado por João Villaret, no Teatro Copacabana, com o monodrama «Esta noite choveu prata», fez adiar, a estreia da peça de J. Anouilh «E' de amor que se trata», que a semana passada subiu á cena e em que João Villaret, é um dos intérpretes.

—O actriz Alma Flora vai ingressar na companhia, que está a ensaiar a revista «Viva o homem», e que ainda este mês subirá á cena no Teatro Sá da Bandeira do Porto.

—Está já organizada a companhsia de circo que a 25 do corrente, se estreia no Coliseu, para inauguração da temporada.

—Segundo noticia a Lusitania, João Villaret estreou-se com êxito nos «Artistas Unidos», na peça de Jean Anouilh. «E' de amor que se trata». A seu lado vão actuar Delorges Caminha e sua mulher Henriette Morineau.

Primeiras exibições

«Aconteceu na Itália», no São Jorge

O São Jorge deu ontem ao publico um gracioso presente: nem mais, nem menos que uma viagem colorida e divertida á Itália, com três lindas raparigas modernas—já não estão na moda as três graças que Rubens pintou—estudantes universitárias, cada uma do seu país (França, Inglaterra e Alemanha) e com a sua beleza juvenil.

O filme é um «Artur Rank». Este nome diz-nos sempre qualquer coisa. É, especificamente, britanico no estilo da produção.

«Aconteceu em Itália» é uma produção anglo-italiana. Sai-se do espectáculo bem disposto. A história não procura complicações, leve, anedótica, pitoresca. Dá-nos uma sensação eufórica de alegria e mocidade. De que se trata? De três raparigas, entre tantas, que percorrem a Itália, num Verão de sol, verdadeiro festival de luz, com poucos recursos, mas com um fértil espírito de aventura. Pernas nuas, sorrisos ingénuos, almas em flor, elas visitam Florença, o lírio vermelho da Renascença; a anadioménica Veneza; Pisa, com a torre inclinada; a histórica Roma, revestida de purpura dos Cesares; e outras ainda, que nos surgem, no «écran», bem como ridentes paisagens, banhadas de ouro, estampas da sua própria beleza. Fazem «auto-stop» nas estradas; acampam nas florestas; são convidadas por um conde para um lindo palácio, talvez o Cá d'Oro, que dá sobre o grande canal, na terra dos doges, verificando pouco depois que... Mas é melhor não revelar o que lhes sucede. O que devemos dizer é que o amor desperta em cada uma delas, com fortuna diferente.

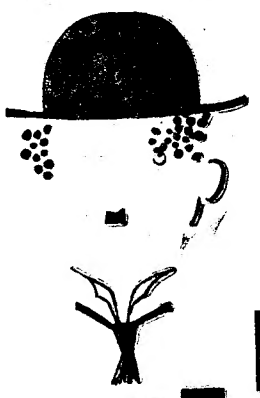
Vitorio de Sica aparece, e, como

(Continua na 6.ª página)

BIBI FERREIRA

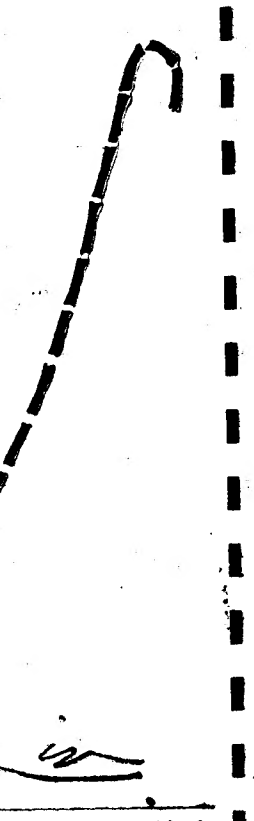
MARIA VITÓRIA
EMP.ª E. SALVADOR e R. MARTINS, LT.ª
2 SESSÕES: Ás 20.30 e 22.45
A MELHOR REVISTA DE SALVADOR
CURVAS PERIGOSAS
COM
BIBI FERREIRA
e ANTÓNIO SILVA
AMANHÃ
DIA 5 DE OUTUBRO
FERIADO NACIONAL
ESPECTACULO A TARDE
AS 16 HORAS

MAIORES DE 6 ANOS



O FESTIVAL CHARLOT

HOJE, ÀS 21.30
GRANDE ESTREIA NO
CONDES
TEL. 22523
DOS SEUS MAIS CÉLEBRES CLÁSSICOS!
UM ESPECTÁCULO ENCANTADOR DEDICADO A TODO O PÚBLICO DE LISBOA!



ATENÇÃO: Hoje, véspera de feriado, podem assistir ao espectáculo da noite todas as crianças com mais de 6 anos

HOTEL EMBAIXADOR
TEM ORGULHO DE APRESENTAR
HOJE EM ESTREIA
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
PARA INICIO DA SUA ÉPOCA DE INVERNO
A VOZ DE OIRO DO CINEMA ESPANHOL
LOLITA SEVILLA
Famosa intérprete dos filmes: «Aventuras do barbeiro de Sevilha», com Luis Mariano; «Malaguenha», com António Molina; «Benvindo sr. Marshall», com Manolo Moran; «A rapariga do bairro», com Pepe Blanco; «O que custa viver»
BREVEMENTE: ESTREIA DE UMA DAS MAIS FAMOSAS ORQUESTRAS DA EUROPA
DOMINGO — CHÁ-DANÇANTE, com
LOLITA SEVILLA
Reservam-se mesas pelo Telef. 730171

O VIRA
Boite internacional para a Canção Nacional
CASCAIS
JUNTO A' LOTA
HOJE
HELENA TAVARES
e JÚLIO VIEITAS
Acompanhamentos por
ACACIO ROCHA
e
ALFREDO MENDES
A partir das 21 horas, serviço de jantares da mais alta categoria.
Reservas pelo telef. 980979
(17 anos)
PALCO

ALGÉS
PARA MAIORES DE 6 ANOS
5 DE OUTUBRO
FERIADO NACIONAL — A's 4 da tarde
Festa de homenagem ao antigo bandarilheiro
AGOSTINHO COELHO
LIDANDO-SE 8 NOVILHOS-TOIROS 8
4 CAVALEIROS AMADORES
JOSÉ BARAHONA NUNCIO
LUÍS NETO REBELO DA GAMA
ALFREDO CONDE
JOSÉ MALDONADO CORTES
4 MATADORES DE TOIROS
ANTÓNIO DOS SANTOS
CÉSAR GIRÓN
MANOLO VAZQUEZ
RAFAEL GIRÓN
UM GRUPO DE FORCADOS COMPOSTO POR CABOS
A venda de bilhetes continua na OTA — L. Martim Moniz — Telef. 860998
SOMBRA desde 40 — S/SOL desde 30 — SOL desde 20 — PEÃO 10$00

Maria da Conceição
Apresenta todas as noites no
CANTINHO DA MÃE-PRETA
Fados e Guitarradas pelos melhores artistas
Beco do Azinhal, 7—Alfama — T. 366183 — Adultos

A melhor feira taur na do ano
DOMINGO, 6
A's 4 horas da tarde
(Espectáculo para maiores de 6 anos)
8 Toiros 8
Sendo 4 de D. Duarte Atalaia e 4 de José Pedrosa
CAVALEIROS
D. FRANCISCO MASCARENHAS e MANUEL CONDE
ESPADAS
O fino e artístico sevilhano
MÁRIO CARRION
E o grande triunfador das Festas do Colete Encarnado
ARMANDO SOARES
que lidarão á espanhola
4 Toiros em Pontas 4
Um Valente Grupo de Forcados

VILA FRANCA
SEGUNDA, 7
A's 4 horas da tarde
Espectáculo para maiores de 6 anos
7 Novilhos-Toiros 7
Sendo 6 do Dr. José Manuel Andrade e 1 de António Durão
CAVALEIROS
D. JOSÉ ATAÍDE
PEDRO LOUCEIRO
ESPADAS
VICTORIANO ROGER «VALENCIA»
O novilheiro que mais orelhas cortou em Madrid
MANUEL DURÃO
na lide de 4 novilhos em pontas 4
Os Valorosos Forcados da Estremadura
Chefiados pelo Ex.mo Sr. Miguel Correia da Cunha

3 EXTRAORDINARIAS 3 corridas de TOIROS
TERÇA-FEIRA, 8
A's 21.45 horas
(Espectáculo para maiores de 12 anos)
Extraordinária Corrida nocturna
9 Bravos e Puros Toiros 9
Sendo 6 de António Durão e 3 de D. Duarte Atalaia
CAVALEIROS
SIMÃO DA VEIGA JR.
e FERNANDO SALGUEIRO
3 ESPADAS 3
DIAMANTINO VIZEU
JOSÉ TRINCHEIRA
ARTUR CARDOSO
que há pouco em Madrid cortou orelhas
que lidarão 6 toiros em pontas
Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, Cabo António Porto

Todos os dias de corridas, Emocionantes Esperas de Toiros
BILHETES A VENDA a partir de 5.ª-feira 3 de Outubro, na Agencia ABEP, na Praça dos Restauradores, em Lisboa. Telefone 28823, e no Café Central, em Vila Franca de Xira. Carreiras consecutivas de comboios e camionetas, havendo, Um Comboio Especial para Lisboa, depois da Corrida Nocturna.

AVIS
TEL. 47163

HOJE — ESTREIA

O CINEMA REUNE PELA PRIMEIRA VEZ DOIS GRANDES ARTISTAS

BOB HOPE e KATHARINE HEPBURN

NUM FILME EM **VISTAVISION** E **TECHNICOLOR**

UM AMERICANO EM MOSCOVO

☆ ☆ ☆ ☆ ☆

ELA QUERIA CONVERTÊ-LO AO COMUNISMO... E ELE DESCOBRIU QUE ELA, SEM UNIFORME, ERA UMA RAPARIGA ENCANTADORA

UM ÊXITO DE GARGALHADA

FESTA ARTÍSTICA de ALFREDO FILIPE

Realiza-se amanhã dia 5, no acolhedor Pavilhão Verde de Algés, a festa artística do Actor-Animador **ALFREDO FILIPE.**

Deram a sua amável adesão para o brilhantismo da festa de Alfredo Filipe, os conhecidos artistas, Irene Macedo, Raul Solnado, Camilo de Oliveira, Mário Laerte, Ricardo Isidro, Noel Raulito e C.ª, Fernando Ruas, José Galvão, Conjunto Sem Nome, e a Orquestra Ribamar, com o vocalista José Bartolomeu.

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo e água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

OLIMPIA CLUB

A nova gerência deste Club orgulha-se de apresentar hoje em estreia em Lisboa a grande atracção cómico-acrobática

TRIO GUALTIERI

A frente de um seleccionado programa de variedades e a melhor orquestra portuguesa: **JOSÉ MAGALHÃES** com o cantor **TITO GODINHO**

ADULTOS — Sábado, inauguração de ceias com fados e guitarradas

CAFE INCONFUNDIVEL no BAR RIBATEJO

P. do Areeiro, 11-D — T. 724111 — Até às 3 e 30 da manhã

Para aquele aspecto de vitalidade que elas admiram

Use AQUA VELVA, a loção para depois de barbear que amacia a pele

Tem melhor aparência, sente-se melhor, usando Aqua Velva depois de fazer a barba.

A humidade natural que a lâmina retira à pele dá-lha de novo Aqua Velva. Vitaliza a pele e dá ao rosto o ar juvenil e saudável que as mulheres apreciam. Proteje também contra a infecção, é estimulante, tem um aroma viril muito agradável.

Compre Aqua Velva — a melhor loção do mundo para depois de fazer a barba — hoje mesmo.

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE:

SÃO LUIZ — TEL 27173
A's 15.00 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (12 anos)
ÊXITO
SUBLIME TENTAÇÃO
com Gary Cooper — Dorothy McGuire — Anthony Perkins
1.º prémio do festival de Cannes

EDEN — TEL. 20768
15.30 18.30 e 21.30 (12 nos)
8.ª SEMANA
do filme português
DOIS DIAS NO PARAISO
com MILU — VIRGILIO TEIXEIRA — CARMEN MENDES e ANTÓNIO SILVA
Um espectáculo cheio de graça

CONDES — TEL. 22523
HOJE, ás 21.30 (6 ános)
Grande estreia
O FESTIVAL CHARLOT
Um espectáculo encantador dedicado a todo o publico de Lisboa.

ALVALADE — TEL. 763080
A's 15.15 (p. r.) e 21.45 (12 anos)
SUBLIME TENTAÇÃO
1.º prémio do festival de Cannes — 1957
com Gary Cooper — Dorothy McGuire — Anthony Perkins

RESTELO — Tel 610375
A's 21.15 (17 anos)
NO REINO DA CALÚNIA
com Jack Palance

ROYAL — Telefone 945037
A's 21 (17 anos)
SALOMÉ
c/ Ivone de Carlo
No programa:
O REI DO OPTIMISMO

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (17 anos)
O ULTIMO AMANTE
com Amedeo Nazzari

O Festival Charlot
Um americano em Moscovo
— CONDES
— AVIS

TIVOLI — TEL. 50595
(Para maiores de 12 anos)
2.ª SEMANA
As 3 e 6.15 da tarde (a pr. red.) e 9.30 da noite
do famoso filme de Walt Disney
FANTASIA
Uma das obras mais geniais da nossa época com a colaboração da Orquestra de Filadelfia e o maestro Leopoldo Stokowski

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Sensacional êxito
do extraordinário e vibrante filme passional em Cinemascope
UMA ILHA AO SOL
com James Mason, Harry Belafonte, Joan Fontaine e outras celebridades
Uma história de amor, crime e castigo entre violentos ódios de raça
Col. De Luxe (Maiores 17 anos)

ROMA — TEL. 727778
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (17 anos)
O sensacional romance dos tempos heroicos da cavalaria
GIOVANNI DE MÉDICIS
com Vittorio Gassman — Anna Maria Ferrero — Constance Smith

ODEON — TEL. 26283
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (12 anos)
Um filme recheado de cenas inesquecíveis de espantosa grandiosidade
OS CAVALEIROS DE CARLOS MAGNO
com Rick Battaglia—Rosana Shiaffino

TERRASSE — TEL 20917
A's 21 (17 anos)
ESCRITO NO VENTO
O SIGNO DE VENUS

CINEMA IDEAL — TEL. 24194
A's 21 (17 anos)
ONDE MORRE O VENTO
NUNCA FOMOS COBARDES

IMPÉRIO — TEL. 55134-35
A's 15.15 e 21.30 (12 anos)
5.ª e ultima semana
TRAPÉZIO
O mais famoso êxito mundial, em cinemascope e technicolor, com **Gina Lollobrigida, Burt Lancaster e Tony Curtis.**
Amanhã, Feriado Nacional, sessões ás 15.15, 18.15 e 21.30, o mesmo programa.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (17 anos)
Uma deliciosa comédia italiana
ACONTECEU NA ITÁLIA
June Laverick, Vittorio De Sica, Isabelle Corey e Massimo Girotti
Technicolor — Technirama

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 15.15 e 21.30 (12 anos)
2.ª SEMANA
O mais grandioso e divertido filme sobre o legendário aventureiro e ladrão
ARSÉNIO LUPIN
com Robert Lamoureux e Sandra Milo

LIDO — TEL. 48580
A's 15.15 e 21.15 (12 anos)
SISSI, A JOVEM IMPERATRIZ
No programa: **O INCÓGNITO**

AVIS — TEL 47163
A's 21.45
ESTREIA
BOB HOPE a contas com a linda bolchevista KATHARINE HEPBURN no filme da gargalhada
UM AMERICANO EM MOSCOVO
De uma aventura 100% hilariante

CAPITOLIO — TEL. 27493
A's 15.30 (p. r.) e ás 21.30 (17 anos)
Uma vibrante e sensacional aventura na selva africana
AO SUL DE MOMBAÇA
— Technicolor —
com Cornel Wilde, Donna Reed e Eddie Calvert, em solos de trompete

Inaugurando oficialmente a sua época de Inverno o **CAPITOLIO** apresenta BREVEMENTE pela primeira vez em Portugal o extraordinário actor alemão **HORST BUCHHOLZ** no filme que lhe deu o «BAMBI-1957», prémio que é atribuido na Alemanha ao melhor e mais popular actor do ano!

O TEMA MAIS ARROJADO DO NOSSO TEMPO!

Realização de GEORG TRESSLER com a participação da jovem revelação de 15 anos KARIN BAAL

4.200.000 espectadores em 5 meses na Alemanha!

(17 anos)

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

sempre, é irresistível. A figura que encarna, de nobre arruinado, e a de Alberto Sordi, modesto barbeiro, que uma dama de teres e haveres, bastante adiantada em anos, ama, e paga ridículamente, são das mais típicas do filme. Têm substancia humana, fazem-nos sorrir, numa amena caricatura. Mas «Aconteceu em Itália» é ainda desempenhada por outros artistas italianos, de nome consagrado, que se ajustam como uma luva á acção caprichosa.

Enfim, uma obra, sem pretensões, fácil, clara, jocosa, que parece cantar um hino á vida e ao amor por vezes, com traços incisivos de observação dos costumes italianos.

Várias artistas inglesas, entre outras, June Laverik, que veio a Lisboa, propositadamente, assistir á estreia. A sua entrada no São Jorge foi animada. Passou entre alas e focos de luz, tal uma rainha, deixando uma senda de palmas e de pétalas. Depois surgiu, no palco, e ali foi entrevistada. Bonita, mesmo galante, com uma simpática naturalidade, ensaiou com êxito falar na nossa língua, declarando que estava «apaixonada» por nós, o que provocou clamorosos aplausos. E' ela quem faz a inglesinha de óculos, que vagabundeia pela Itália, ao lado de Isabelle Carey e Inge Sboener. Qual delas escolhem em plebiscito sentimental. Todas, afinal! — *Visor 42.*

«Uma ilha ao sol», no Politeama

A inauguração da época de Inverno no cinema Politeama, como é de tradição, ficou assinalada com a estreia de um filme deveras interessante, mesmo de interesse palpitante: «Uma Ilha ao Sol».

Realizado por Robert Rossen, segundo um romance de Alec Vaugh adaptado ao cinema pelo experimentado Alfred Hayes. «Uma Ilha ao Sol» é um compêndio de sentimentos humanos, que tem como fulcro o ódio de raças, um compêndio ilustrado com quadros de grande beleza panoramica, pitoresca e folclórica que oferece uma ilha paradisíaca, o seu povo e os seus costumes.

Meio social, meio policial, o filme vale especialmente pelos contrastes flagrantes dos sentimentos em reacções dos personagens que intervêm no conflito, acorrentados a preconceitos que levam um negro a renunciar ao casamento com a mulher branca que ama e deseja; que leva á demissão de um funcionário branco por ter ligações amorosas com uma mulata; e que leva uma jovem a sentir-se feliz porque sua mãe traiu o marido, que tinha sangue negro, e, assim, seu pai é um homem branco.

Nota-se, e aí residirá talvez o valor do filme, que houve a preocupação de não cair em sentimentalismos mais ou menos fáceis de fomentar entre o grande publico: antes, porém, apresenta-se todo o conflito com objectividade e sinceridade.

A película, que foi realizada a cores e em cinemascope, é interpretada por um grupo de actores que dêsnecessitam de objectivos: James Mason, Michael Rennie e o negro Harry Belafonte, salientam-se entre os intérpretes masculinos; Joan Collins, a negra Dorothy Dandrigde e a veterana Joan Fontaine, sobressaem nos papéis femininos.

Cite-se ainda a perfeição das fotografias, a musica e as canções como elementos que valorizam o primeiro filme da época de Inverno no Politeama.

Os complementos são bons. — *VISOR 55.*

«Giovanni de Médicis», no Roma

Giovanni de Médicis era um sanguinário. Os seus soldados seguiam-lhe o exemplo. As lutas que travavam, contra exércitos inimigos, eram autênticas ondas de atrocidade. Todos conheciam as suas armaduras negras e temiam, a cada minuto, vê-las aparecer. Este sentimento de temor foi, aliás, aproveitado pelo realizador italiano Ottavio Pozzi, para interessar o público pelo seu filme «Giovanni de Médicis» ontem estreado no Roma. Outro motivo de interesse reside nas imagens movimentadas das batalhas em que homens e cavalos, em turbilhão encandeante, se contorcem nas amplas dimensões do «écran» cinemascópico.

A principal personagem do filme é desempenhada por Vittorio Gassman, hoje considerado o melhor intérprete italiano de Shakespeare, que, por isso, não acrescenta agora muitos louros ao seu «palmarés» de artista.—*Visor 21.*

A estreia de hoje

no Condes

Título—«O Festival Charlot».
Produção—Americana.
Realização—Charlie Chaplin.
Intérprete—Charlie Chaplin.
Argumento — Uma colecção das melhores películas mudas de Charlot.
Processo—Normal.
Distribuição—Filmes Castello Lopes.
Classificação—6 anos.

No Avis

Título—«Um americano em Moscovo.
Produção—Americana.
Intérpretes—Bob Hope e Katharine Hepburn.
Argumento — Aventuras de um oficial americano em Moscovo.
Processo—Vistavisão e tecnicolor.
Distribuição—Sonoro Filme.
Classificação—12 anos.

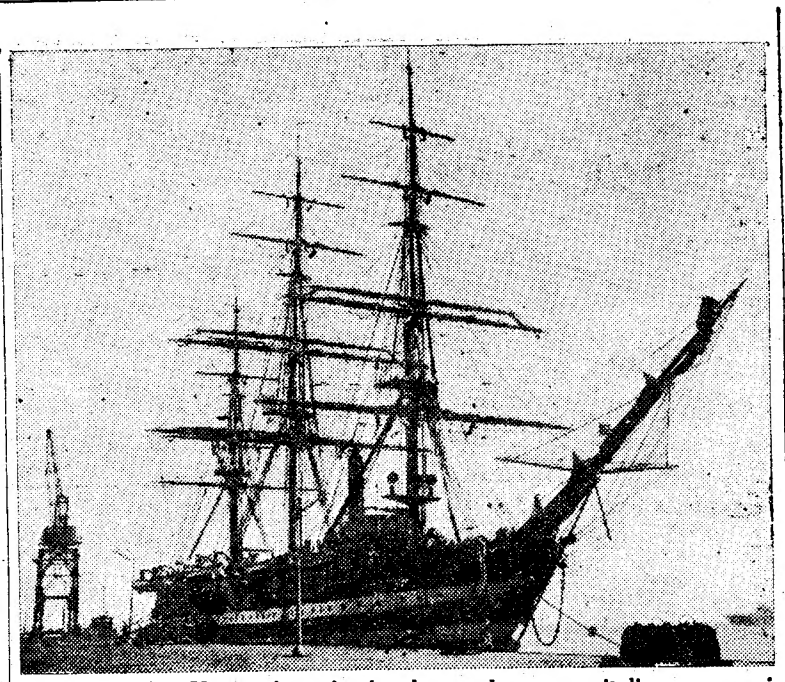
Na 150.ª exibição

de «Dois dias no Paraíso»

Na próxima quinta-feira, 10, ás 21 e 30, no Eden, vai ser festejada a 150.ª exibição do filme «Dois dias no Paraiso» que coincide com o 40.º ano de actividade do realizador Artur Duarte. Constará o espectáculo de sequências dos seus filmes «O Costa do Castelo», «O Leão da Estrela», «O Grande Elias» e «O Noivo das Caldas», e da exibição total de «Dois dias no Paraíso», e «fim de festa» com todos os seus intérpretes, apresentados por Erico Braga, Artur Agostinho e Milu, que interpretarão um «scketche» expressamente escrito por Fernando Santos.

Leónia Mendes e José Viana nos «Maluquinhos do Rock»

AMANHÃ FERIADO
Há espectáculo à tarde às 16 horas no
ABC
Empresa José Miguel
onde se representa a revista das boas piadas, a inigualável
CASA DA SORTE
com HERMINIA SILVA
ÁLVARO PEREIRA
LEÓNIA MENDES
CARLOS COELHO
MARIA ADELINA
JOSÉ VIANA
á frente de um grande elenco!
Todos os dias 2 sessões ás 20.45 e 22.45
Telefone 366783 (17 anos)



A silhueta do «Vespucci», primeiro barco de guerra italiano que veio ao Tejo depois da ultima conflagração mundial

Recepção a bordo do «Americo Vespucci»

A Imprensa foi hoje recebida, de manhã, a bordo do navio-escola italiano «Américo Vespucci» onde, na ausência do comandante, o imediato sr. capitão-de-corveta Romualdo Balzano ofereceu aos jornalistas um cálice de «Vermouth». Conversando com os seus convidados, falou-lhes do longo cruzeiro que o navio está a efectuar, há meses, com 80 cadetes da Academia Naval, os quais percorrerão nesta viagem cerca de 6.500 milhas. De Lisboa, o «Américo Vespucio» seguirá para Gibraltar e daqui regressará a Itália após uma ausência de três meses e meio.

Os jornalistas visitaram depois o elegante veleiro, que apresenta a linha tradicional dos clássicos navios-escolas.

O programa da estadia do «Américo Vespucio» é o seguinte: hoje, passeio a Sintra e almoço em Montes Claros, oferecido pelo almirante Filipe Castela, superintendente da Armada, e á noite, jantar na embaixada da Itália; amanhã, passeio e almoço á guarnição na estação rádio-naval de Algés de Cima; almoço a bordo oferecido aos almirantes portugueses e, á tarde, recepção na embaixada da Itália; na segunda-feira, visita de cadetes á Escola Naval, no Alfeite, seguida de almoço, e á tarde, recepção a bordo. O «Américo Vespucio» larga do Tejo, no dia 8 de manhã.

Esquadra americana

O embaixador dos Estados Unidos ofereceu hoje um almoço íntimo, na sua residência, ao contra-almirante William O. Burck Jr., comandante do grupo naval que está de visita ao Tejo.

Começou hoje em Belgrado o julgamento de Milovan Djilas

SREMSKIA-MITROVISA, 4.—Começou esta manhã o julgamento de Milovan Djilas pelo Tribunal Departamental de Sremska-Mitrovisa. Assistem á audiência representantes da Imprensa jugoslava e estrangeira e a familia do arguido.

Djilas é acusado de propaganda contra o regime, através da publicação nos Estados Unidos do seu livro, «A nova classe».—(F. P.).

Djilas recusou-se a pronunciar uma só palavra se o julgamento fosse secreto

SREMSKIA-MITROVISA (Jugoslávia), 4.—«Se as audiências deste julgamento forem conduzidas á porta fechada, recusar-me-ei a pronunciar uma unica palavra»—declarou hoje no banco dos réus, perante o presidente do tribunal, o escritor e antigo colaborador de Tito, Milovan Djilas, quando o delegado do Ministério Publico, depois de haver lido o libelo acusatório, requereu que a Imprensa e o publico recebessem ordem para evacuar a sala.

No libelo acusatório afirma-se que no seu livro «A Nova Classe» — cujo texto «foi enviado clandestinamente para fora da Jugoslávia, para ser editado no Ocidente» — Djilas «mente, calunia e escarnece», quando declara que o comunismo internacional degenerou «na criação de uma *nova classe*, cujo unico anseio é a ambição do poder político e a espoliação das massas trabalhadoras».

Depois de o réu se ter levantado e, em voz sonora, ter feito o juramento de que se recusaria a responder a qualquer pergunta, se o julgamento fosse secreto, o presidente do tribunal resolveu suspender a audiência, a fim de estudar a «viabilidade» do requerimento do Ministério Publico.

Reatada a sessão, algum tempo depois, o presidente do tribunal declarou que o julgamento se faria á porta fechada.—(A. N. I.).

Desastre na caça

EVORA, 4 — *(Pelo telefone)* — O jornaleiro Manuel António Crespo, casado, de 43 anos, natural da freguesia da Nossa Senhora de Machede e morador em Evora, na ocasião em que caçava nos arredores desta cidade, foi atingido pelo rebentamento da própria espingarda, sofrendo o esfacelamento da mão esquerda e perda de alguns dedos.

O PORTO pelo telefone

Para o Congresso dos Arquitectos

PORTO, 4 — Na Escola Superior de Belas Artes realizou-se esta manhã a primeira reunião do encontro preparatório do Congresso dos Arquitectos Portugueses, á qual assistiram cerca de cento e cinquenta arquitectos de todo o País, destacando-se entre eles o presidente do Sindicato, arquitectos Tainha e Fernandes, de Lisboa; Teotónio Pereira, Raul Ramalhosa, Keil do Amaral, etc., do Porto; Américo Rosa, Rogério Azevedo, Brito e Cunha, Carlos Loureiro, João Andersen, Mário Bonito, Fernando Távora, Octávio Filgueiras, Vieira de Lima, Cassiano Barbosa e o prof. Carlos Ramos, director da Escola Superior de Belas Artes.

A mesa constituiu-se com os arquitectos Carlos Ramos, presidente da delegação do Sindicato nesta cidade; Arnaldo de Araujo, do Porto, e Rui Fernandes Paula, de Lisboa.

O arquitecto Keil do Amaral, presidente da comissão executiva do Congresso a realizar em 1958, abriu a sessão, entrando-se nos trabalhos com o tema subordinado ao título «A elevação do nível profissional do arquitecto».

Foram desenvolvidos os sub-temas: «A missão, formação e o arquitecto no meio social português».

Cartaz do Porto

para amanhã, dia 5

SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — «Como a verdade engana».
S. JOÃO — A's 21 e 30 — «A noiva era de gritos».
COLISEU — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Feliz ano meu amor».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Os tios da província».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Ele e as mulheres».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Dois dias no paraiso».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Boa noite Paris. Bom dia amor».
NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Sissi, a jovem imperatriz».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Este é o nosso filho».

TEATRO MONUMENTAL
Ás 20.45 e 23 horas (17 anos) a revista
Música, Mulheres e...
com LAURA ALVES,
á frente dum primoroso elenco
Amanhã espectáculo ás 16 horas. Preços de lugares desde 6$00

Grande peregrinação ao Santuário de Fátima, em Outubro

Visite Fátima por ocasião das cerimónias que se realizam em Outubro, aproveitando:

— os preços reduzidos que a C. P. concede nos bilhetes de ida e volta, os quais estarão á venda nas estações com validade para a ida de 11 a 13 de Outubro e para regresso até ás 24 horas no dia 14 do mesmo mês;

— a comodidade de ter assegurado, de 11 a 14 de Outubro, o seu transporte em autocarros entre as estações de Fátima (antiga Chão de Maçãs) ou Leiria e o Santuário pelo preço de 15$00 por cada passageiro adulto e viagem de ida, ou de volta. Este preço é reduzido á metade para crianças de idade igual ou superior a 4 e inferior a 10 anos.

Alguns exemplos de preços de bilhetes de IDA E VOLTA de várias procedências para a estação de FÁTIMA (antiga Chão de Maçãs) e para a estação de LEIRIA.

Ida e volta

	FATIMA			LEIRIA		
	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Lisboa (Rossio)	—	—	—	83$90	79$70	58$70
Lisboa (St.ª Apolónia)	83$90	79$70	58$70	—	—	—
Santarém	36$50	34$70	25$60	—	—	—
Coimbra	57$60	54$80	40$40	53$20	50$50	37$20
Figueira da Foz	58$90	56$00	41$30	35$90	34$10	25$10
Aveiro	92$20	87$60	64$60	87$10	82$70	61$00
Viseu	120$40	114$40	84$30	115$20	109$50	80$70
Guarda	165$20	156$90	115$60	160$70	152$70	112$50
Porto (São Bento)	134$40	127$70	94$10	130$00	123$50	91$00
Braga	170$90	162$40	119$70	166$40	158$10	116$50
Viana do Castelo	189$50	180$00	132$70	185$00	175$80	129$50
Chaves	265$00	251$80	185$50	260$50	247$50	182$40
Elvas	117$80	111$90	82$50	—	—	—
Évora	130$60	124$10	91$40	185$00	175$80	129$50
Beja	154$90	147$20	108$50	208$70	198$30	146$10
Faro	274$60	260$90	192$20	294$40	279$70	206$10

PARAISO DE GUITARRAS
T. DO SALITRE, N.º 1 — T. 368096
HOJE — (AS 21 e 30 HORAS) — HOJE
Grandiosa festa de homenagem ao cantor MOISÉS CAMPELOS. No programa uma grandiosa parada de artistas do TEATRO, FADO e RADIO, na qual colaboram as melhores atracções do momento. Direcção artistica a cargo do animador FILIPE PINTO.
Ambiente familiar e seleccionado. — (17 anos)

Jardim Infantil São Luiz
Av.ª António José de Almeida, 44, r/c., Dt.º
PARA AMBOS OS SEXOS — Telefone 775982. — Método João de Deus — Lingua francesa — Dança e ginástica ritmica — Transporte

O prof. Joaquim de Carvalho afirma

que é fácil a conciliação entre os Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

Venerável associação académica, instalada nos «palácios confusos» ou no que foi a «republica dos grilos» vimos aquele indómito e arrogante leão de bronze, que o entusiasmo e o pouco dinheiro da mocidade, três gerações atrás, fundiram em bronze, e que os novos edifícios da cidade universitária, verdadeiros mostrengos a destoar da milenária e tão elegante, clara e racional Via Latina, desterraram para ali, entre os pedaços de mármore do seu modesto plinto. Por que não o recolher a um jardim zoológico? Ah, não se veja naquele abandono um símbolo. Os leões também morrem, e Camões, quando não está nas almas, anda nas estrelas — de luz eterna.

Chega até nós o molhado hálito do Mondego, rio de poesia, cujas águas deixaram de correr, entre as insuas loiras, como o corpo de D. Inês e os bancos de areia, por onde serpenteia, dificilmente, longe dos sinceirais de António Nobre.

E' que lhe construiram a juzante da ponte um enorme paredão, e, para cima, o que era paisagem virgiliana, suave e melancólica, com o enorme quadrilátero do convento de Santa Clara, vai-se enchendo de casario utilitário, não faltando muito para que se edifique um estádio, cujo volume de construção destruirá o fundo sereno, lírico, ascético, mesmo religioso, do incomparável panorama.

Meu pobre Anto! Querido Eugénio de Castro! Já não podieis ver, se voltasseis á Terra, os «tramontos» de oiro, ruivos e alaranjados cecens e olaias de fluida cor, sobre esta rainha morta, estátua jacente de alabastro, que é Coimbra.

Gostámos dos novos candieiros, altos, com chapéu de cogumelo e lanterna oitavada, a «néon» prateado, — muito estilo moderno — semelhantes aos das cidades cosmopolitas. Salamanca tua rival, Coimbra, iluminar-se-á assim ou deixará imerso na sombra fantástica das trevas, adivinhar, sugerir, fantasiar o seu nobre e arrogante plateresco?

Coimbra pode considerar-se a nossa mater politica. De lá saiu a geração que implantou o regime republicano—a ideia e não o facto, mas aquela vale tudo — e mais tarde, na segunda volta, a que criou o Estado Novo. O vulcão, porém, cessou a sua actividade, Vesuvio sem Pompeias, cuja história, quando muito, se pode escavar entre as lavas ultra arrefecidas e petrificadas.

Pensando ou divagando, assim ocupámos o tempo, até que chegou á sua acolhedora e modesta casinha (alugada) o prof. Joaquim de Carvalho. Houvera um equívoco na hora da entrevista, e, mesmo esta, no fogo da conversa, talvez se tivesse desviado do tema inicialmente proposto.

Já custa ao lente subir aquelas empinadas ruas estreitas e escadarias do Quebra Costas, arrimado á bengala, como a bordão de apóstolo. Mas o cristal do espírito tem a mesma limpidez. Um homem lógico, humanissimo, que vê de alto as coisas e tem uma atitude sincera de conciliação nacional.

—Dois minutos para descansar!

E vimo-lo ofegante, sentado num cadeirão entre as muralhas de cultura e inteligência da sua biblioteca, desarrumada como a de todos que fazem dos livros ofício e pão.

—Já podemos conversar... Então diga...

O Sol batia nas vidraças, aureolando a cabeça do mestre. Ao longe, Coimbra. Ali, na nossa frente, a sua inteligência e o seu espírito. E a entrevista principiou.

—Não acha que a história da Republica ainda desfigurada? Que muitos se esquecem dela? Que as novas gerações a ignoram?

—Sem duvida! A Republica pertence inteiramente ao passado. Quero eu dizer que, para os republicanos, não se trata de uma restauração, mas de uma instauração.

—Quais os fundamentos?

—Os princípios do Estado democrático e liberal, naturalmente, alargados aos problemas da organização e da actividade social que são os vitais do nosso tempo.

—Desejariamos que explanasse o seu pensamento. Qual a estrutura? Que substancia?

—Penso que não basta um regime de finalidade estritamente política. Há que abrir os olhos aos problemas de ordem económica e social, no quadro das fórmulas da liberdade publica, que são, de resto, as tradições da Monarquia liberal e da Republica. E, corroborando:

—A Republica tem de olhar para o futuro, enraizando, porém, fortemente, no passado, na sua tradição liberal.

—Como encara á Republica nos seus primeiros anos?

—Revelou homens. Abriu horizontes ao País Tem uma obra. Possui uma história. Nem podia deixar de ser assim, porque o ideal republicano é fundamentalmente um ideal de rectificação, ao contrário do monárquico, que é de estabilidade e continuidade.

—Acredita na eficiência do parlamentarismo?

—Creio, sinceramente, nas virtudes e vantagens dessa representação popular. Repare que mesmo naqueles países em que práticamente é condenado, se vêem obrigados a inventar uma fórmula análoga.

—Mas não teve a Republica defeitos? Cometeu erros?

—Crises de crescimento, como se dá em todos os regimes, em todos os seres humanos. A Republica surgiu num ambiente de paixão, não isenta de sectarismo, mas também de patriotismo e de generosidade.

—Porque caiu a Monarquia? De facto havia chegado ao termo da sua evolução?

—Evidentemente! A Monarquia, sobretudo, a partir de D. Carlos não se renovou!

Olhamos o prof. Joaquim de Carvalho. A argumentação é sempre viva, brilhante, convincente. O Sol que atravessa as vidraças parece que ilumina as suas considerações. Mistura-se, como chama, ás palavras. Destaca com relevo os argumentos. Banha aquela fisionomia movel de claridade, descendo-lhe até ao fundo da consciência. Improvisa, sem um papel, um apontamento. A certa altura diz mesmo: «apanhou-me de improviso».

—O reinado de D. Luís — prossegue o notável catedrático de História da Filosofia — representa o apogeu em liberdades publicas. Foi uma afirmação pujante de talento em todos os campos —literário, cultural, artistico, militar. Talvez fosse o período em que menos miséria houve, mas o facto de não se terem honradamente, respeitado ás aspirações da Nação, conduziu-nos ao rotativismo. Caiu-se na fragmentação, nas pequenas lutas de individualidades em que o espírito «progressista» e o espírito conservador da «regeneração» já não satisfaziam de uma maneira vital as exigências que o regime e o País impunham. Concisamente: as ideias do regime liberal.

—Deu-se a rotura. O país real não correspondia ao país legal.

—Ou oficial, como queira! A Republica surgiu precisamente porque a Monarquia liberal não respeitou os princípios que a enformavam, enquanto a luta partidária do antigo regime, perdia a grandeza e o prestimo social que as próprias instituições reclamavam!

—Mas não acha que desde as lutas de D. Pedro e D. Miguel até aos nossos dias se vem debatendo, com fórmulas diversas e rotulos diferentes, o mesmo problema político?

—Pelo menos, desde a primeira invasão francesa, debatem-se em Portugal duas concepções políticas. Uma que se pode chamar «vertical», estruturada na mentalidade de «herdeiro» e prezando, portanto, os valores da estabilidade, da continuidade e da hierarquia; e outra que podemos chamar de «coexistência» de ideais, aspirações e interesses, radicando, profundamente, na consciência dos indivíduos e nos direitos e nas liberdades fundamentais de todos. Com nomes diversos, desde a crise de 1808 até nossos dias, é este conflito da liberdade e da autoridade que divide os Portugueses em duas famílias políticas, cuja irredutibilidade é nosso dever limitar ou pôr-lhe termo.

—Mas porque alude á data de uma das invasões francesas—e não a 1820?

—A razão é simples. Tem carácter histórico. Basta lembrar-lhe que, em 1808, os poderes constituídos puseram-se a salvo, embarcando para o Brasil, o que propeliu o povo a fazer a experiência directa da sua soberania e a defesa dos direitos fundamentais da Nação, criando Juntas dispersas, mas ligadas pelo mais poderoso patriotismo que possamos imaginar. As liberdades publicas radicam-se nesse momento bem trágico da vida portuguesa.

—E' possivel a conciliação nacional de que há anos nos falou?

—E' desejável e fácil! Mas só se pode fazer dentro das liberdades publicas e no respeito das ideias e dos interesses de todos e de cada um. Vai para dois séculos que não se conhece outro sistema de levar a paz ás consciências e a ordem ás ruas!

—Que caminho tentar para congregar, politicamente, os Portugueses?

—Um dos caminhos é o do conhecimento e do esclarecimento. Deixarmo-nos de atitudes sectárias, seja qual for o seu tipo, e fazer da história do País o património de todos e não uma fonte de discórdia.

—Mas tem sido tão criticada a história do regime?

—E' bom que o seja. E' um sinal de vida mental, mas sob condição de que se possa igualmente defender a sua verdade, e que o Português médio, o que mais interessa, possa formar uma opinião conscienciosa.

—Que pensa de uma reedição condensada, com caracteristicas populares, da «História do Regime Republicano em Portugal», editada por Luís Montalvor, agora lembrada pelo grande poeta João de Barros?

—Admirável. Utilíssima. Louvo calorosamente a opinião de João de Barros, que muito admiro e prezo, mas não basta a simples reedição dessa obra. Impõe-se também o conhecimento e a divulgação dos lances capitais da história demo-liberal (monárquica e republicana). Porque quero acrescentar: se há Republica, a culpa foi dos monárquicos liberais que não souberam ser suficientemente honrados com a coerência dos princípios liberais e a exigência dos interesses nacionais.

—Não é de parecer que o parlamentarismo devia também ser, documentado, nessa obra?

—Sem duvida! Há, realmente, que alargar a publicação á história da tribuna parlamentar, aos factos mais dramáticos da vida publica e como foram resolvidos, sem esquecer as figuras de doutrinários e políticos como Rodrigo da Fonseca, Mouzinho da Silveira, Fontes, Braamcamp, Hintze Ribeiro, e os vultos que se destacaram na vida republicana.

—Como, práticamente, lançar essa obra da história do regime?

—Em edições económicamente acessíveis, no intuito de levar a todos o conhecimento dos factos.

E a fechar, esta sintética mas expressiva frase:

«Vivemos, lamentávelmente no esquecimento das raízes mais próximas da nossa vida publica».

O ministro das Corporações, dr. Veiga de Macedo, junto de quem se vêem os srs. dr. Bustorff Silva e Eduardo Rodrigues, administradores da Shell Portuguesa, durante a visita que aquele membro do Governo fez á colónia de férias que aquela empresa montém para os filhos do seu pessoal, num atraente local da estrada Sintra-Almoçageme, sobranceiro á Praia Grande

O novo ano escolar

Reunião de encarregados de educação na Escola Machado de Castro

No domingo, ás 16 horas, haverá na Escola Industrial de Machado Castro uma reunião de encarregados de educação com o director do estabelecimento, para troca de impressões sobre as disposições legais que regulam as actividades escolares.

Naquela escola e na Escola Técnica Elementar de Manuel da Maia, que funciona anexa á primeira, abriu uma exposição de trabalhos dos alunos, que ficará patente até ao dia 9 do corrente, com o seguinte horário: dias uteis, das 10 ás 12, 14 ás 17 e das 19 ás 22 horas; domingos e feriados, das 14 ás 19 horas.

FEIRAS A REALIZAR NO MÊS DE OUTUBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos:

CASTELO BRANCO — Feira de São Francisco, no dia 4.

GUARDA — Feira de São Francisco, no dia 4

PONTE DE SOR — Feira Anual, nos dias 4 e 5

ALCÁCER DO SAL — Feira Anual nos dias 5 e 7

VILA FRANCA DE XIRA — Feira Anual, nos dias 6 a 10

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

De ontem para hoje

URANIO PORTUGUÊS

AS necessidades do Mundo, em matéria de energia atómica, crescem com a multiplicidade das suas aplicações. A Agência Internacional da Energia Atómica, reunida em conferência na linda cidade de Viena, ouviu do delegado português (eng.º Frederico Ulrich) a grata informação de que Portugal põe á sua disposição 100 mil quilos de minério natural de uranio (700 de uranio—235, cindível). Sem sermos ricos, éramos remediados. Mas o termos no Ultramar e na Metrópole com que alimentar a ultima palavra da Ciência atómica dá-nos uma posição que a cautelosa experiência governamental há-de colocar ao abrigo de disputas. Seria triste imaginar que os paises do uranio se transformassem campo de cobiça, como sucede aos campos do petróleo.

O JAVALI E O BURRO

RIBEIRA de Pena (o nome trará á memória de muitos a mocidade inquieta de Camilo, o seu casamento aos 17 anos e o primeiro malogro da sua vida afectiva) foi agora cenário de facto bem pitoresco. Não houve choros mas berros quando o Benjamim Alves da Cruz, ido das terras de Fafe, se alongou até Ribeira de Pena, na caça de montaria. Por ser miope ou afelha, tomando a nuvem por Juno (poder-se-á confundir um jumento com a sagrada esposa de Jupiter?) atirou sobre um exemplar asinino do lugar. O canhestro caçador tomara-o por javali. E só teve a prova provada do engano, quando o dono lhe exigiu (que pagou) três centenas de escudos pelo logro...

O PREÇO DA IMPRUDÊNCIA

FOI tudo rápido, espontaneo, imprevisto e trágicamente irremediável. Foi quando as duas camionetas se cruzaram e o José Manuel Eusébio (Vila Flor) teve o impulso brincalhão. Ia a atirar um saco vazio a um companheiro da outra camioneta. Mas fê-lo de tal maneira ou em tão má hora, que perdeu o equilíbrio, caiu á estrada, foi cilindrado pelo rodado da camioneta, sem ter tempo, sequer, de medir o tamanho da sua grande imprudência. O quadro das consequências fica porém nas cores do luto dos filhos. São quatro, todos pequenos, o mais velho de 6 anos.

HISTÓRIA BREVE

POVOS e gentes felizes não têm história. São uma anedota. A história do José de Jesus (35 anos, Vila Seca de Armamar) tinha, portanto, de ser triste e breve. Subira ao forro ou sótão, pelo alçapão, para fazer lá em cima arrumações. Foi ao descer, pela escada de mão, que veio lá de cima aos trambulhões. Morreu varado pelo ferro da cama que lhe atravessou o pulmão e lhe deu morte breve e dolorosa. Os cinco filhos que deixa começarão só agora a conhecer o gosto a sangue que subiu á boca do pai.

JORNAL PEQUENO

O subsecretário das Obras Publicas visitou o Convento das Trinas (futuro Arquivo Central das Secretarias de Estado) e o Colégio Militar, cujos trabalhos de beneficiação estão a concluir-se. ✱ O chefe do distrito inaugurou, em Terrugem e Vila Verde de Sintra, um fontanário, o abastecimento de água e a ligação da luz eléctrica. ✱ Ardeu parte de uma carpintaria de José Augusto da Silva Quintas (Espinho). ✱ Regressou de Itália o nuncio apostólico, que ali esteve em gozo de férias. ✱ O chefe do Departamento de Actividades Desportivas da Escola Nacional de Educação Física e Desportos de Universidade do Brasil e o director da Directoria de Desportos do Estado de Minas Gerais, visitaram o Instituto Nacional de Educação Física. ✱ Um barco português, o «Maria Luisa» encalhou no local denominado Cabeço dos Mortos (Olhão) safando-se pelos seus próprios meios. ✱ Em Caide, foi mortalmente colhido por um comboio o 1.º cabo do Exército José Faria de Oliveira, natural de Unhão (Felgueiras). ✱ O director da Arma de Infantaria visitou o regimento n.º 1 da Amadora, onde se inteirou de problemas de alojamento e de funcionamento.

A erupção nos Açores

(Continuação da 1.ª página)

Faial e as outras ilhas do arquipélago. A Rádio e a Imprensa açorenas fornecem ineessantemente informações sobre o fenómeno.

O vulcanologista português Frederico Machado, chegou de Lisboa á Ilha Terceira.

Frederico Machado não desmente que tivesse previsto desordens sísmicas na área dos Açores, durante a presente quadra. Acrescentou que nada faz suspeitar, por enquanto, que as ilhas estejam ameaçadas por perigo iminente. «Se o vento virar a Oeste — esclarece — poderá lançar sobre a ilha do Faial cinzas prejudiciais para as culturas. Mal chegar ao Faial, observarei cuidadosamente o fenómeno, a sua evolução anterior e se possível colher amostras para análise».

Frederico Machado conferenciou demoradamente com o director dos Serviços Metereológicos, naquela cidade.

O Observatório Central da Horta não forneceu hoje, como de costume, o boletim de informações oficiais sobre o vulcão. Todavia, comunicações particulares indicam que a erupção aumenta de intensidade e que a ilhota está a tomar notáveis semelhanças com a ilha Sabrina, aparecida em 1811, perto de S. Miguel. — (A. N. I.).

Partiu esta manhã para os Açores, a missão científica do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Alta Cultura, que vai estudar a erupção verificada junto da costa da ilha do Faial. A missão, que seguiu num avião militar, é chefiada pelo prof. dr. Orlando Ribeiro e dela fazem parte a sr.ª D. Raquel Soeiro de Brito, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, e o operador de cinema Salvador Fernandes. No mesmo avião seguiu também o sr. José Ribeiro, aluno do curso de Geográficas da Faculdade de Ciências de Lisboa, assim como operadores da televisão e actualidades cinematográficas

Dez casos mortais
de gripe em Roma

ROMA, 4 — A situação na «frente da gripe asiática», é estacionária, em Itália, excepto em Roma, onde se nota um certo agravamento: assinalaram-se 4.728 novos casos desde 30 de Setembro, dos quais 10 mortais. Dos 4.728 engripados, perto de 400 foram internados. — (F. P.).

A hora legal

Às 3 horas da madrugada de domingo minutos, terminando assim a hora de Verão e restabelecendo-se deste modo a hora civil do meridiano de Greenwich.

PRATAS EM 2.ª MÃO
Grande variedade — Bons preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telefone 24564

O MOMENTO POLÍTICO

Os candidatos da U. N.
pelo círculo do Porto
discursaram hoje
numa reunião em Matosinhos

PORTO, 4. — O governador civil do Porto, sr. dr. Elísio Pimenta, acompanhado por todos os presidentes das Camaras Municipais do distrito, pelos candidatos da União Nacional a deputados e pelos membros das comissões distrital e concelhia da U. N., visitou hoje algumas obras que estão a ser realizadas em Matosinhos. Entre as obras visitadas conta-se a da construção da doca n.º 2 do Porto de Leixões. O chefe do distrito verificou o adiantamento desta obra, cuja primeira fase é constituida pelos cais acostáveis, viadutos de acesso e avenidas circundantes. Em Leça de Palmeira o sr. dr. Elisio Pimenta e as personalidades que o acompanhavam visitaram ainda o lavadouro que ali está a ser construido, bem como os trabalhos da futura sede da Junta de Freguesia, iniciados, há pouco, na quinta da Conceição, adquirida pela Administração dos Portos do Douro e Leixões, por se encontrar incluída na zona de expansão portuária. Por ultimo, no edifício do mercado, o governador civil apreciou o projecto de ampliação dos serviços de turismo, instalados numa dependência daquele mercado.

No final das visitas, o sr. dr. Alves Pimenta presidiu a um almoço que lhe foi oferecido pela Camara Municipal de Matosinhos. Aos brindes falaram vários oradores. O sr. dr. Fernando Aroso, depois de referir á acção dos que têm sabido prestigiar o nome de Portugal disse: «Cumpre-me, o que faço com maior aprazimento, antes de mais em meu nome e no da Camara Municipal deste concelho, a que tenho a honra de há mais de vinte anos presidir, agradecer reconhecidamente a todos que se dignaram aceder ao convite que lhes fizemos, para visitarem alguns serviços e trabalhos em curso. Visita que muito nos honra, pois, para além dos nomes prestigiosos de V. Ex.ª e dos altos cargos que ocupam ou passarão a ocupar na vida política da Nação, fazem com que este dia fique assinalado nos anais da vida administrativa deste progressivo concelho como um dos mais memoráveis». A terminar, afirmou: «Permita Deus, que o significado do próximo acto eleitoral seja compreendido por todos os Portugueses em benefício dos superiores interesses nacionais, constituindo não só uma demonstração de civismo, mas ainda de profundo reconhecimento pelos chefes — Craveiro Lopes e Salazar!».

Depois de saudar, na pessoa do presidente do Município, toda a população de Matosinhos, outro orador, o sr. dr. Santos da Cunha, candidato a deputado pelo Porto, referiu-se á campanha eleitoral dizendo: «Na execução de uma iniciativa feliz do nosso ilustre governador civil é possível que se reunam, mais uma vez, em franca colaboração e camaradagem, muitos dos que vivem mais intensamente os problemas da vida administrativa e política do distrito do Porto. Saudo, pois, em V. Ex.ª, sr. presidente da Camara, toda a população deste concelho, na variedade das suas profissões e misteres, na multiplicidade das suas forças económicas, sem esquecer os que, arriscando dia-a-dia, a sua vida nas rudes lides do mar, ou lavrando a terra de sol-a-sol, são esforçados obreiros do engrandecimento da Nação!»

«A União Nacional — disse, mais adiante — submeterá ao sufrágio do eleitorado do distrito a sua lista de deputados. Apenas com uma excepção — que a mim próprio respeita — constituem essa lista personalidades marcantes não só nos quadros da vida regional, mas ainda no País. Quer pela sua formação, quer pelo que valem nos sectores em que trabalham, quer pelos serviços já prestados, de todos é legítimo esperar uma acção eficiente e proveitosa para o círculo cuja representação pretendem obter. Merecem, a todos os títulos, a adesão e confiança do distrito».

Outro candidato a deputado, o sr. dr. Cerveira Pinto, depois de se referir á figura do presidente da Camara de Matosinhos, aludiu á visita que acabavam de fazer aos vários melhoramentos naquele concelho, dizendo: «Na nossa curta visita, vimos trabalhos diversos em curso neste concelho, uns levados a efeito pelo Município, outros realizados pelo Estado e que em muito transcendem o ambito de Matosinhos, porque se situam entre os que têm verdadeira importancia regional e até nacional, como seja o do alargamento do porto comercial de Leixões». A terminar, declarou: «Temos de continuar a dotar o país do progresso de que ele necessita para ser uma próspera Nação e conseguir institucionalizar completamente os princípios da Revolução Nacional, que são corporativos e municipalistas, sem o que aquele progresso não é possível, e pior ainda, tudo poderá perder-se».

O candidato a deputado sr. eng.º Brito e Cunha, que também usou da palavra, referiu-se ao prestigio de que goza em Matosinhos o sr. dr. Fernando Aroso e disse: «Tudo o que não se pode fazer e tudo o que há ainda a fazer, essa obra imensa de ressurgimento nacional que é o pesado encargo, mas também a glória da nossa geração, a sublimação dos princípios e o aperfeiçoamento da máquina administrativa em constante evolução, necessitam, portanto, de lubrificação permanente pelo que não se compadecem com o sobressalto e a instabilidade: não somos um país suficientemente rico para nos darmos ao luxo de nos entregarmos ao di-

(Continua na 11.ª página)

Trágicas consequências
de inundações
na Africa do Sul

JOANESBURGO, 4. — Morreram quatro pessoas umas vitimadas pela trovoada outras afogadas em virtude das chuvas torrenciais que assolaram uma grande parte da África do Sul nas ultimas 24 horas. As cheias destruiram várias pontes e linhas de caminho de ferro, causando danos importantes em diversos edificios por todo o país. — (France Presse).

JOIAS e PRATAS
Antigas e modernas. Compram-se, COBRINDO OS MELHORES PREÇOS
OURIVESARIA PORTUGAL
ROSSIO, 122

No Rossio, d

Dar milho ao

São Francisco de Assis amou os pássaros. Hoje, Dia de São Francisco, a União Zoófila distribuiu aos pássaros uma refeição extra. E não foram apenas os pássaros os contemplados mas também os cavalos.

Pela manhã, num carro da União Zoófila, o sr. Artur Loureiro Sardinha, membro do organismo, acompanhado de ajudantes, percorreu a cidade. Levaram milho aos pombos do Rossio, de São Pedro de Alcantara, Camões, Praça do Comércio e Janelas Verdes e deram fava aos cavalos que estacionam no Cais do Sodré. Os pombos

A 1.ª sessão
científica
da conferência
de Asmologia

Efectuou-se esta manhã, no Instituto Superior Técnico, a primeira sessão científica da II Conferência Internacional de Asmologia, presidindo o sr. prof. Karl Hansen, da Alemanha Ocidental, ladeado pelos vice-presidentes representantes da Itália, Espanha, Holanda e Portugal.

Entre as onze comunicações apresentadas figuravam uma do sr. dr. João Correia Guimarães e outra dos srs. drs. Mário Damas Mora e Pereira da Conceição, intituladas, respectivamente, «Breve contribuição para o estudo dos asmáticos no Porto» e Contribuição da Sociedade Portuguesa de Alergia para o problema da asma em Portugal».

A Sociedade Portuguesa de Alergia ofereceu um almoço aos componentes do «Comité» Executivo da Interasma e, ás 15 horas, todos os delegados passearam pela cidade de autocarro e visitaram o Museu dos Coches, Mosteiro dos Jerónimos e miradouro do Castelo de S. Jorge. Ao fim da tarde, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros oferece-lhes uma recepção no Palácio das Necessidades.

A exposição de produtos farmacêuticos está patente no Instituto Superior Técnico, das 15 ás 19 horas.

Dinh
LISBOA
Rossio, 3
Tel. 21391
30257
EMPRE
s/ automóv
2 E 24 HORA
MÁXIMO
AVAL
GR
A CONF
a maior orga

gados da União Zoófila procedem á distribuição

pombos...

e Lisboa tiveram hoje o seu ban-uete.

Não tiraram propriamente o papo e misérias porque o lisboeta gosta os seus pombos e alimenta-os. Mas á uma vez por ano, neste dia rande de São Francisco de Assis, s pombos arrulham de satisfação om estas pilhas amarelas de milho ue destroçam á bicada.

Os cavalos espevitaram as ore-as e devoraram a fava da União oófila, entre um círculo de curio-os e o assobio dos cocheiros.

De tarde, ás 15 horas, no largo o marquês do Cadaval, á beira a estação do Rossio, o sr. Carlos opes, sócio da União Zoófila, me-alhou os condutores de carroças ue se distinguiram durante o ano ela forma como trataram os seus nimais. São eles Manuel de Barros, Manuel Marques, Casquilho, Ma-uel de Jesus, Faustino de Oliveira arvalho e Jaime dos Santos, este usente.

A cada um entregou o sr. Carlos opes uma medalha da União Zoó-ila, um diploma e a quantia de 0000.

Perfilaram-se os cocheiros para eceber esta distinção, que muitos utros, infelizmente, não merecem.

Foi asim comemorado o Dia de ão Francisco de Assis, com senso rático e muito significado.

Cenouras aos cavalos...

Choque de comboios
em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 4 — Dois com-oios eléctricos suburbanos colidi-am nas proximidades da estação e Palermo. Ficaram gravemente eridas 12 pessoas e os dois com-oios sofreram importantes estra-os materiais. — (ANI)

Uma explosão matou
quatro caçadores

LONDRES, 4 — No condado de Yorkshire, explodiu um engenho que se supõe ser uma mina ou um obus ali deixado durante a guerra matando quatro caçadores e ferindo outros. A região servira de terreno de treino militar nos anos de 1939-1945.—(F. P.).

Em SETUBAL é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. Augusto Carlos, Irmão, Ld.ª.

eiro

AMOS
e predios
URO DE LEI
EGREDO
ÇÕES
TIS

PORTO
R. P. Manuel
14 Tel.
27011 28721

IDENTE
ização do país

Encerra-se hoje
a reunião internacional dos peritos de turismo

Encerra-se hoje o VIII Congresso da Associação Internacional dos Peritos Científicos do Turismo.

Durante a manhã, prosseguiram as discussões dos relatórios e comunicações dos problemas referentes ao financiamento do Turismo. Nos debates desta ultima reunião intervieram Paul Bernecker, da Austria, Vincent Planque e G. Mortier, da França, John Verbeeck, da Holanda, C. Libera, da Polónia, Truska, da Checoslováquia, e Planine, da Jugoslávia.

Hunzinker, presidente do Congresso da A. I. E. S. T. leu as conclusões deste encontro internacional. Fez o relatório dos trabalhos do Congresso. Declarou que os congressistas consideram de importancia decisiva o problema do financiamento do turismo no plano da economia nacional e analisou as soluções possíveis para o êxito dos esforços despendidos nesse sentido. Felicitou o nosso País pelas suas realizações e agradeceu o esplêndido acolhimento que os Portugueses fizeram aos membros do Congresso.

O dr. Felner da Costa, chefe da Repartição do Turismo do S. N. I. e presidente da União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo, falou em seguida, em nome da União e como delegado português. elogiando a acção do Congresso e fazendo votos pelo êxito das ideias que aqui surgiram.

À hora a que fechamos o nosso jornal, no hotel Tivoli, encontra-se reunida a assembleia geral da A. I. E. S. T. para eleger os novos corpos gerentes da Associação.

Depois, os congressistas estiveram no palácio de S. Bento onde apresentaram cumprimentos ao prof. Marcello Caetano, ministro da Presidência.

Seguiu-se um passeio, pelo triangulo turístico de Lisboa.

À noite, em Montes Claros, será oferecido um jantar aos membros do Congresso, seguido de exibição de ranchos folclóricos.

As comemorações do 5 Outubro

O 47.º aniversário da proclamação da Republica vai ser comemorado em todo o País, assinalando-se em várias localidades o movimento patriótico que deu origem ao novo regime.

Em Lisboa, amanhã, ás 11 horas, haverá uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade, depondo-se flores nas campas dos que lutaram pela implantação da Republica e dos que ajudaram a consolidar o regime. Depois, efectuar-se-á um almoço de confraternização democrática, no «Paladium», e á noite, uma sessão solene, no salão nobre do Centro Escolar Dr. António José de Almeida, Travessa da Nazaré, 21.

Por sua vez, o Centro Escolar Republicano de Alcantara promoverá, amanhã, a reunião dos seus sócios e famílias, distribuindo, em seguida, uma merenda aos alunos das suas escolas.

Além das comemorações que já assinalámos, haverá, ainda, comemorações do 5 de Outubro em Aveiro, amanhã e depois, com romagem ao cemitério local, almoço de confraternização e duas sessões do Congresso Republicano do Distrito de Aveiro, em que estarão presentes os srs. general Ferreira Martins e dr. António Luís Gomes; em Braga, com uma sessão solene no Teatro-Cine daquela cidade, em que serão oradores os srs. drs. António de Oliveira Braga, Luís Caseiro, Francisco Pinto Rodrigues, Eduardo Salgado Lobo e Joaquim Borges; em Viseu, com um almoço de confraternização e uma sessão solene, á noite, no Avenida Teatro, a que assistirão os srs. eng.º Cunha Leal, almirante Mendes Cabeçadas, dr. Acácio Gouveia, Aquilino Ribeiro e dr. Carlos Olavo.

Idênticas comemorações são promovidas em Coimbra, Leiria, Portimão, Marinha Grande, Espinho, Estarreja, Alcanena, Alhandra, Pombal, Marvão e outras localidades.

No Porto

PORTO, 4 — As comemorações do 5 de Outubro, nesta cidade, iniciam-se amanhã com uma sessão solene no salão de festas do Coliseu. De manhã uma comissão irá ao cemitério do Prado do Repouso, depor flores na base domonumento aos herois de 31 de Janeiro.

Haverá, ainda, um almoço promovido pelos caixeiros viajantes, classe que muito contribuiu, com as suas ligações em todo o País, para a difusão dos ideais republicanos.

Em Pombal

POMBAL, 4 — Uma comissão composta pelos srs. dr. Alvaro da Silva, advogado, Jaime Redondo da Costa, farmacêutico, e Feliciano Pais de Moura e Silva, industrial, promove no próximo dia 5, nesta vila, as comemorações da data da proclamação da Republica com o seguinte programa: salva de 21 tiros no castelo, alvorada, bodo aos pobres e arruada pela Filarmónica Pombalense.

Os republicanos de Pombal fazem-se representar no jantar de confraternização que se realiza em Alcobaça e em que estarão representados todos os concelhos do distrito de Leiria.

«LISBONENSE INFANTIL»

Sapataria especializada em calçado para crianças, com secção ortopédica

RUA DA ASSUNÇÃO, 66
RUA AUGUSTA, 204

As obras do Metropolitano continuam a avançar no sub-solo de Lisboa, com os seus consequentes efeitos á superficie. Agora ficou livre de tapumes a Avenida Fontes Pereira de Melo, junto da Praça Marechal de Saldanha, onde se trabalha já na regularização do seu pavimento

LUZES DA CIDADE

Luzes do campo

Frente ao oceano e avistando terras geogràficamente de Além-Tejo; de costas para Sintra, que de lá vem o vento. Horizonte amplo, campos cultivados e matos, pinhais, um moinho, e uma barraca para dali ver as casas grandes sem as invejar. Para o Verão, árvores que hão-de dar sombra; para o Inverno, a chaminé com o fogo para aquecer, e a lembrar as lareiras alentejanas, e as cordovesas, tão diferentes.

Lisboa, a cerca de vinte quilómetros, não se deixa ver para nos não tirar a ilusão de que fazemos fim-de-semana fora da capital. Das luzes da cidade não se avista nem o clarão e é como se ainda fossem as dos lampeões de azeite do intendente Pina Manique, ou as dos candeeiros de gás que os vaga-lumes acendiam com uma vara larga de picador. Os horizontes de luz eléctrica só chegam ali através dos aglomerados mais vizinhos, discretos, e estridências luminosas só as dos faróis dos automóveis que surgem pela estrada de Carcavelos. Pela do Estoril poucos automóveis se arriscam a rebentar os pneus nas covas. Na via dos Cedros estamos á espera que a Camara nos dê, pelo menos, uma lâmpada para não termos que andar com as de algibeira, armados em pirilampos. Isto de noite, que de dia temos o Sol, que não pode ser municipalizado, e quando nasce é para todos, e primeiro para os que estamos voltados para o Nascente. E que alegria vê-lo surgir ao nascer, através de tonalidades tão variadas, de gamas que nem o mais moderno tecnicolor cinematográfico as oferece assim. Saudamo-lo os que nos levantamos para o vermos nascer, e os pássaros, ainda que—já o escrevemos—alguns se estejam levantando tarde, privando-nos do gosto de lhes ouvirmos os hinos da carta musical que lhes foi outorgada. Depois, em noites de Lua, é ver como clareiam as casinhas da serra com a Lua da nossa terra—como escreveu o nostálgico João de Lemos.

E o farol do Cabo Espichel a piscar o olho á Lua, pálida, envergonhada do namoro do marujo, ali, nas bochechas das estrelas.

Aos aviões é que nem ali se escapa, e passam ruidosos, a lembrar o raio do progresso, bestas do Apocalipse—como D. João da Camara põe na boca dos alentejanos de «Os Velhos» quando ali chegou o caminho de ferro. E também os aviões piscam os olhos á Lua, um de cada cor, alternadas, com cor de troça pela audácia com que atravessam o espaço, e parecendo dar-lhe a entender que qualquer dia começam as viagens á Lua.

Não desejariamos ter notícias destes e de outros progressos, como os das ameaças dos projécteis teleguiados, ainda que garantam uma infalibilidade de alvo que não vai além de vinte quilómetros.

Fora da cidade não apetecemos outras luzes que as da sabedoria do pastor que passa á tarde com as óvelhas que dão leite para os queijos que a mulher depois nos vende. Tem a nossa idade o pastor, mas parece mais velho, cara curtida pela intempérie, e a cabeça recheiada de lições aprendidas no ofício e com a experiência da vida:

—Vê como as ovelhas lhe arrancam folhas de arbustos que não hão-de comer, e como petiscam aqui e ali, até quando têm o apetite satisfeito? Mal comparado, são como as mulheres, estragam a vida de quem logo desprezam, mordiscam por desfastio. Valem-nos as boas ovelhas, as do Senhor.

E por aí fora, o pastor de ovelhas, com as luzes da sua sabedoria, as que se ouvem bem no campo, naturais como a luz do Sol e a da Lua, que ali nos iluminam.

ROGÉRIO PEREZ

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 23°; mínima, 13°,1.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 27°,6; mínima, 17°,1.*

Temperaturas observadas hoje, ás 10 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 18°,2; na água do mar, 15°,7.

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!

RUA DA PRATA, 257

CRÓNICA DE FÉRIAS

As cigarras do Gerez

por MÁRIO BRAGA

Incómoda, esta mania que tenho de não ver apenas a face mais acessível das coisas e de, quando viajo, querer meter o nariz atrás do cenário que o Estio e as comissões de turismo estendem sobre a realidade, para consumo dos olhos leves dos veraneantes. Porque não hei-de agora, por exemplo, diluir-me no espectáculo alacre e calmo da rua principal das termas, bocejar discretamente sob o tunel verde das tílias, repousar a vista fatigada por um ano monótono de secretária no recorte harmonioso da serra lá em cima? Ou entrar no jogo das conversas lassas, na inutilidade mundana da canasta, no flirt inócuo em que consomem as horas os meus confrades aquistas? Ou, então, eleger o meu fígado achacado em centro do Mundo, cumprindo com solene gravidade o quotidiano ritual de me eslavaçar por dentro e por fora com a água morna da Fonte da Bica?

Há dias em que me entrego, que entro a sério na pele dum aquista normal, pois é difícil resistir á solicitação da temperatura amena, da serra grandiosa, mas verdemente afável, donde escorre um rumor de fontes, do quisto langor das pessoas á porta dos hoteis, cuja modorra nem as moscas ousam perturbar. Mas a tal insidiosa mania de espreitar a face oculta de tudo e de todas bateu-me hoje, de manhã, á porta, quando o engraxador se abeirou de mim: um garoto magro, de fato-macaco azul e uns ladinos olhos da mesma cor, que transportava consigo a traquitana ambulante do ofício. Juntamente com o pé, estendi-lhe a pergunta:

—Como é isto no Inverno, rapaz?

—Nem o Diabo parava, se viesse cá beber as águas do Gerês. O vento que sopra por aí arriba não leva os hoteis porque eles são de pedra. Em Dezembro, o senhor passeia esta rua de alto a baixo, e nem vivalma, a não ser que o espreite alguma sentinela.

—Sentinela?...

E o maroto, que falava com jeitos de profeta, explicou:

—Sim, que isto, em vindo os frios, é como terra de moiros: está sempre um á espreita dos cristãos...

—E é para matar?—indaguei eu, a sorrir e sem entender.

—Lá as pessoas, não, mas a azia dos dentes.

—A azia dos dentes? — inquiri, já desconfiado da ladinice do rapaz.

—E' como quem diz, da fome.— E, para esclarecer melhor, apontou com a mão suja de graxa para a boca irónica. — Quem nos vale são os senhores, que vêm deixar aqui o seu dinheiro, mas, em fechando as águas, e com o Inverno ás costas, tudo isto fica branco como essas terras que os jornais nomeiam. Ainda se ganha algum na floresta, mas são mais os dias em que o temporal nos tranca a porta.

—E' vida, de cigarra — comentei eu. — Mas de cigarra á força, que nem sequer tem a alegria de cantar.

—Será lá como o senhor diz, mas em indo á tropa só cá torno com um saco de dinheiro ás costas.

Não lhe tirei as ilusões, e inquiri:

—Sabes ler?

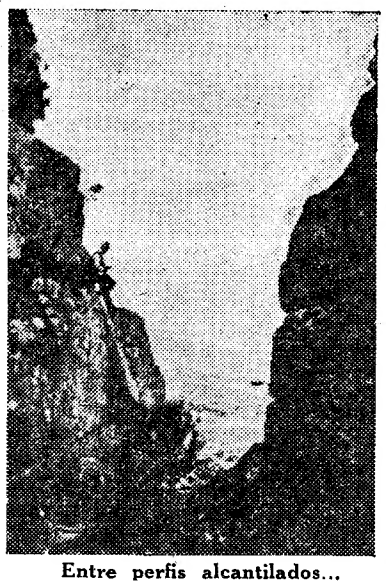
Sabia, e tinha feito até o exame da terceira. Um lindo exame, por sinal, tão lindo que vou contar aqui a sua breve história, para que os meus filhos a leiam um dia, uma história simples que eu lhes lembrarei nas manhãs de preguiça, se as tiverem. Ouvi-a, tal qual, da boca de Celestino, o moço engraxador das Caldas do Gerês, e é tão desataviada e vulgar como as palavras que ele usou para ma transmitir.

Vivia na serra, a uma hora das águas, no caminho da Pedra Bela. Primeiro filho duma criada de hotel que se unira a um homem dali, mal se pôs de pé, o pequeno tornou-se o guardador natural dos irmãos mais novos, que a fecundidade da mãe anualmente ia gerando, pois o «cinema dos pobres é fazer filhos», conforme a filosofia directa do rapaz sentenciou. E os pais iam á vida, ele, na floresta, ela, no Verão, nas Águas, até que a fome e os partos contínuos a tornaram num farrapo imprestável. Espigando-lhe o corpo, e uma vez descoberto em si um certo dom musical, Celestino passou a vir, durante os meses da época, entreter a ociosidade dos aquistas com o toque da sua harmónica e os trinados da sua vozita infantil. Durante o Inverno, ia ele, ao lado do pai, ganhar no plantio de árvores, na serra, uns cobres que salvavam da fome radical os irmãos mais novos. E assim dobrou os quinze anos, sem conhecer letra do tamanho duma casa. Dobrou os anos e, ao mesmo tempo, dobrou a dimensão dos sonhos, que o espectáculo daquela quermesse estival, onde vinha oferecer as graças de menino-bobo, abriu-lhe a esperança dum mundo sem brenhas nem gelos, sem fome nem lobos, para lá das águas bravias do Cávado e do Homem.

Quando perdeu a graça fresca de criança-prodígio, Celestino deixou a harmónica em casa e desceu ás Termas com uma caixa de engraxar, que as suas mãos hábeis tinham fabricado. Lustrando sapatos, narrando com pícaros acentos as aventuras amargas do Inverno branco, servindo de guia nos passeios turísticos á serra, assim o garoto animava o ócio dos senhores das Águas. Os senhores das Águas!... Indígenas felizes da Terra Prometida, bonançosa e fértil, onde entumesciam as laranjas de oiro. Para as colher, porém, adivinhava ele, não chegavam nem a vontade nem as mãos rudes que a serra lhe moldara. No ler e no escrever escondia-se a unica vara mágica que lhe tornaria o sonho em realidade, quase inacessível, esta, como os píncaros adustos do Gerês nas manhãs de neve, que a idade escolar há muito já passara e o ganho do seu bracito não podia faltar no tegurio natal. «Mas um homem é um homem e um bicho é um bicho», filosofava agora Celestino, atirando-me com força ás biqueiras a escova de lustrar. E a modesta epopeia do jovem serrano começou com os primeiros frios do Outono.

Ás seis da manhã, noite escura ainda, já colhiam o pequeno na estrada, a caminho das plantações da montanha, e aí passava o longo dia, curvado, a abrir covas no terriço duro das leivas virgens. Ás doze, trincava uma côdea e matava a sede na fonte mais próxima. E só quando o Sol entenebrecia os combros é que o garoto descia a casa, para engolir a bucha da ceia, ás sete da noite, e mais. Ainda a roer, atirava os pés lépidos pelos carreiros íngremes, a caminho das Águas, onde o professor o ensinana por favor, e gastava nisso uma larga hora. E já com a meia-noite passada, é que iniciava a penosa ascensão da encosta rija, gelado e temeroso, a atolar-se em neve ou a vergar o corpo moído á furia do vendaval. E que calor acharia ele, agora, na casa e na família? Qual o repouso do seu corpito a espigar, depois do esforço diário dum gigante? Dois anos; dois anos imensos em que as forças e a vontade do pequeno serrano venceram quotidianamente o que parecia impossível, até que fez o almejado exame da terceira. E um lindo exame, afirma ele, de novo, com uma luz convicta e séria nos olhos muito azuis.

Hoje, já tanto tempo volvido, ainda a prenda tão duramente conquistada não deu asas a Celestino para iniciar a sonhada viagem para o vergel das laranjas de oiro, mas, pelo menos, já lhe serve para soletrar com gravidade as notícias da Volta a Portugal em bicicleta e dos campeonatos de futebol de não sei quantas divisões. E parece-me conformado, o que não é de estranhar, pois estamos na estação farta das cigarras. Conformado, apenas, não desistente, e toda a sua imensa esperança, confessa-mo, repousa agora na próxima ida para a tropa, pois já vai ás sortes em Julho. Essa é a porta mágica por onde o jovem engraxador espera entrar amanhã na Terra da Promissão, donde todos os Estios emigra a preciosa espécie de senhores das Águas. Preciosa? Não fossem as migalhas todos os anos aqui deixadas por essa fauna estranha, e não havia sequer uma pobre cigarra que tivesse forças para cantar, depois do terrível Inverno do Gerês. E elas são tantas, as cigarras! O Celestino engraxador, o cauteleiro sem pernas, o guitarrista cego, o homem das ervas, a tendeirinha esbelta e, afinal, ainda todo esse formigueiro que quotidianamente desce da serra inóspita, para colher nas Águas o grão efémero do Estio. No fundo têm mais alma de formigas do que de cigarras, mas a magreza da colheita não lhes enche o celeiro. Agora, que o Sol aquece, espanejam-se e trinam esta quadra com que o maroto do rapaz se despediu de mim, enquanto arrecadava as três «coroas» da engraxadela:



Entre perfis alcantilados...

Adeus Águas do Gerês,
Adeus ó Fonte da Bica;
A saude vai na mesma
E o dinheirinho cá fica.

MARIO BRAGA

O «Hildebrand» continua a ser aliviado da carga

Continuam os trabalhos para o desencalhe do navio inglês «Hildebrand». Com bom mar, prossegue a retirada das 2.500 toneladas de carga que o navio trazia a bordo, carga que sofreu grandes avarias em virtude dos porões estarem inundados.

Às 10 e 30, largou do «Hildebrand» mais um batelão com carga desembarcada e logo a seguir se começou a encher outro.

Próximo do navio encontram-se os dois barcos de salvamento, que aguardam que o «Hildebrand» esteja totalmente aliviado da carga e que os mergulhadores terminem os trabalhos em que estão empenhados. Estes decorrem dentro do próprio barco. Trata-se de fazer libertar o navio das rochas que perfuraram o casco e nele se introduziram com um metro de alto. Para isso, os mergulhadores estão procurando desfazê-las para depois se proceder a novas tentativas de desencalhe as quais são aguardadas com certa esperança.

A alta de preços nos restaurantes combatida pela Fiscalização

Continuam a chegar aos Serviços de Fiscalização da I. G. A. muitas queixas contra os preços cobrados em restaurantes, casas de pasto, esplanadas e outros recintos. Foram, por isso, processados um restaurante de Leiria e três pensões—uma em Espinho, outra na praia da Costa Nova e outra na Bairrada — e, ainda, uma casa de pasto da Figueira da Foz. Por outro lado, estão em curso averiguações relativas a outros estabelecimentos entre os quais uma casa de comidas que vendeu três canjirões de vinho tinto, de 6 decilitros e meio cada, por 15$00, e um vendedor de cavacas das Caldas que as fornecia em condições anti-higiénicas. Foi, também, processada uma sociedade hoteleira, dos arredores de Braga, que fornecia, em dois hoteis, vinho verde, cuja análise revelou estar «avariado e impróprio para consumo por se encontrar acetificado e doente». Deste vinho, foi ainda possível apreender 262 litros.

Finalmente, contra um restaurante da Póvoa de Varzim, estão a ser instruídos dois processos por especulação, estando a ser vigiados os preços de alguns mariscos, designadamente os das ameijoas.

Também está a ser organizado um processo contra uma vendedeira de Viana do Castelo, a qual, na feira de Arcos de Valdevez, tentou provocar a alta do preço dos ovos corrente naquele mercado, um retalhista de mercearia, da Póvoa de Varzim, tinha á venda, com a designação de manteiga meio-sal, um produto que a análise classificou ser margarina, sendo processado por falsificação.

Foram também processados uma firma de Braga, por ter em armazém 492 quilos de farinha de centeio espoada e que a análise considerou «imprópria para consumo por estar avariada», tendo a maioria do produto revelado «anomalias nos caracteres organolépticos»; um comerciante de Troviscal (Castanheira de Pera), que tinha á venda farinha de centeio também imprópria; um retalhista da Rua dos Anjos, por ter 20 quilos de bacalhau deteriorado e um outro, da Travessa da Palmeira, por ter uma porção de azeite, impróprio para consumo; na Figueira da Foz, um comerciante de carnes verdes que tinha á venda cerca de 29 quilos de carne de vaca, chispe e toucinho, já em estado de putrefacção.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na Sociedade Cruz Quebradense, realiza-se, depois de amanhã, baile com a colaboração do conjunto musical «Os rebeldes».

DE LUTO

Engenheiro José Eduardo Dias Costa

Na sua residência, Rua Miguel Lupi, 16, rés-do-chão, faleceu o sr. eng.º José Eduardo Dias Costa, de 63 anos, químico industrial. O extinto, que era filho do falecido conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa, que foi ministro na Monarquia e Par do Reino, frequentou o Colégio Militar, a Faculdade de Ciências e o Instituto Superior Técnico, onde foi assistente. Desempenhou as funções de conservador do Museu Comercial, de chefe de repartição do Ensino Superior e das Belas Artes, de que foi director-geral interino. Presentemente, era agente oficial da Propriedade Industrial.

Publicou vários trabalhos sobre Argilas e Resinosos e também a «Moratoria Brasileira», «Economia Nacional», «New Brazilaes Default», etc. Era membro correspondente do Instituto de Coimbra e da Compagnie Françoise de Ingénieurs-Conseils en Propriété Industrielle e comendador da Ordem de Mérito Industrial.

Era padrasto do sr. dr. Luís Bastos Saluce de Sampaio, casado com a sr.ª D. Ana Bárbara Lopes Vieira de Sampaio, cunhado da sr.ª D. Berta Villaça Nogueira Dias Costa e tio do sr. dr. António Rodrigues Nogueira Dias Costa.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da Igreja de S. João de Deus, onde ás 10 horas haverá missa, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

José Marrocos Taborda Ramos

Faleceu o sr. José Marrocos Taborda Ramos, de 62 anos, natural de Lisboa, chefe da secção de Via e Obras, aposentado da C. P. 0 extinto era casado com a sr.ª D. Adelaide Odete Areias Caldeira e pai da sr.ª D. Maria Adelaide Caldeira Pinto Taborda Ramos e do sr. eng.º António Manuel Caldeira Pinto Taborda Ramos. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, da Avenida Duque d'Avila 124, 4.º, Esq.º para a estação de Alcaim, a fim de ser depositado em jazigo de família no cemitério local.

Com 101 anos

MONTERGIL, 3 — No lugar de Foros do Avião, desta freguesia, onde residia há muitos anos, faleceu o sr. Manuel Daniel, viuvo, natural de Vale de Cevelos. Contava a bonita idade de 101 anos. Era a pessoa mais velha de Foros do Avião e muito estimado, motivo porque o seu funeral se fez com grande acompanhamento para o cemitério desta vila.

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL na casa Firmino de Oliveira Pinto.

Kelvinator

PODEROSA E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DE RENOME MUNDIAL DE REFRIGERAÇÃO ELECTRICA PARA O LAR

DE CLASSICAS LINHAS DE IMPRESSIONANTE BELEZA

DE APROVEITAMENTO TOTAL DE TODA A SUA CAPACIDADE DE ALTO A BAIXO

DE TÉCNICA INSUPERAVEL

num conjunto de real valor, harmónico e utilitário, mantendo assim de direito o seu renome mundial.

Preço SENSACIONAL
Escudos 6.230$00

MOD. CK12G4—4,5 p. c. = 127 litros CORRENTE 220 V SEM TRANSFORMADOR

EM EXPOSIÇÃO NOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Alvo
R. José Falcão, 57-A
Rua António Pedro, 147

Casa José Costa
R. S. Paulo, 11

Construtora Frigoríficos
R. Acácio Paiva, 21

Electro Luminosa, Lda.
R. Alves Torgo, 127-B

Freijota, Lda.
Av. Liberdade, 136-A

J. E. Moreira
R. Prior Crato, 33

Rádio Moçambique, Lda.
R. Cavaleiros, 72

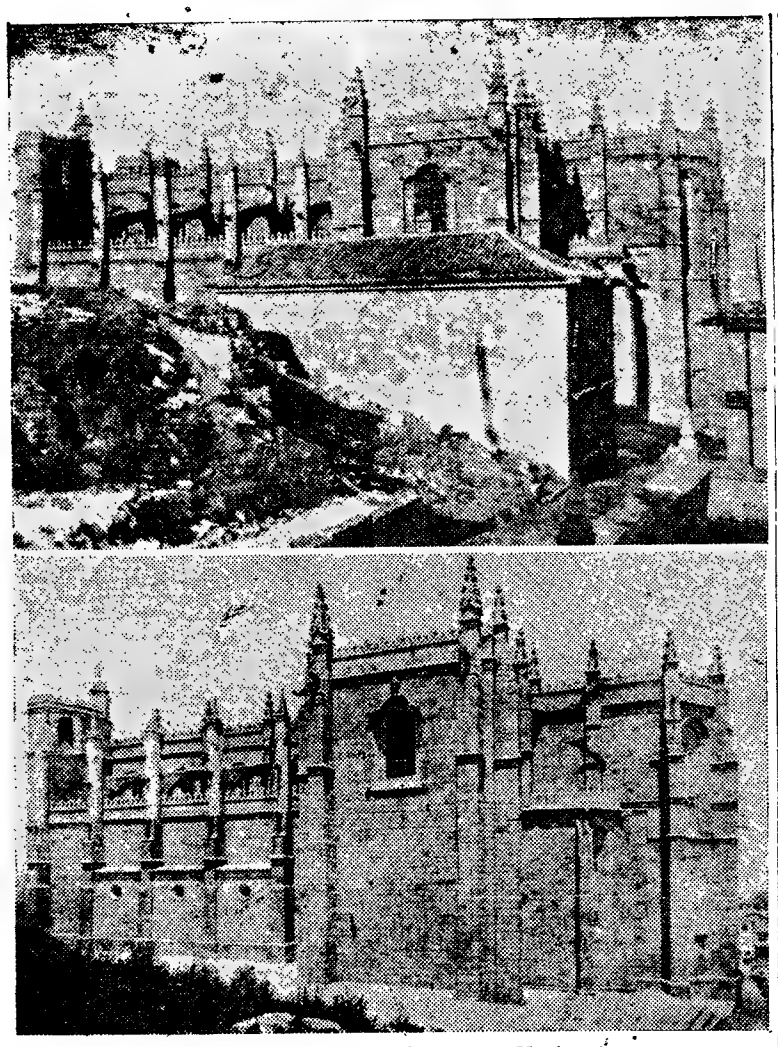
Sabel
Av. Praia Vitória, 1-B

Soter
R. 1.º Maio, 138
Rua Luís de Camões, 2

Vapedrone
R. Vitória, 54

e nas Companhias Reunidas Gás e Electricidade—R. Garrett, 2—R. Boa Vista, 39

Agentes gerais: A. C. Torres Fernandes—Rua S. Paulo, 142—Tel. 26021/2, 24535, 20474—LISBOA



A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais promoveu, recentemente, obras de embelezamento da fachada Sul da Sé da Guarda, que muito contribuiram para aumentar a importancia daquela obra de arte. Na imagem de cima, vemos um aspecto da referida fachada, na altura em que principiavam a ser demolidos os prédios contiguos, quando as obras se iniciaram. Em baixo, a fachada tal qual hoje se apresenta aos olhos de quantos acorrem a admirá-la

TEMAS DE MÚSICA

As cantigas de Santa Maria e a canção do Figueiral

Com agradável surpresa, abrindo o «Diário de Lisboa», de 25 de Setembro, encontro o artigo-carta do sr. eng. Rebelo Bonito, douto musicólogo e prezado amigo que muito considero e estimo, acerca da musica das «Cantigas de Santa Maria de Afonso, o Sábio».

A propósito, convém, todavia, marcar certos pontos, a fim de evitar confusões desagradáveis:

1.° — A técnica proposta por mim para a decifração da muscica, sendo, como o sr. eng. Bonito o reconhece, a que leva a resultados mais seguros, não me consta no entanto que com ela em princípio concordasse o próprio Higinio Anglès—porquanto, em 1927, ele publicara transcrições, segundo outro critério que repudiou mais tarde e eu só em 1934 soube da existência dele e dessa sua falhada tentativa...

2.° — As versões por mim dadas, de origem portanto independente dele ou de outrem, desnecessitam, contudo, da precaução de «evitar a coincidência da sílaba tónica com o tempo forte da musica» porque esse possível erro foi previsto e acautelado devidamente. De resto, estamos aqui a falar «in abstracto», quando este problema da decifração da musica notada nos códices alfonsinos é um problema concreto, relativo e cada uma das 414 cantigas. Ora, os princípios que se apresentam como irrecusáveis, bem claramente os formulara eu na minha comunicação fundamental que se pode ler no numero de Janeiro de 1945 na Broteria: «A musica há-de ter forçosamente um ritmo que a métrica dos versos admita; ou vice-versa, os versos devem cantar-se com um ritmo que não repugne ás figuras das notas e aos sons correspondentes da melodia. Numa palavra: musica e letra devem estar em íntima e natural conexão, conexão que todos os elementos peleográficos estarão, por assim dizer, denunciando—ou que pelo menos não excluirão—embora as soluções possam ser, por vezes, várias, igualmente satisfatórias, e haver então... o embaraço da escolha. Mas é evidente que, em caso algum, a solução verdadeira poderia ser uma reconstituição estèticamente monstruosa ou em que a letra e a musica se não coadunassem; e isto, mesmo depois de feitas todas as possíveis e legítimas concessões a um certo gosto tosco ou primitivo, casual ou propositado, de que em toda a história da musica vocal se encontram exemplos flagrantes nos vários géneros, quer populares quer cultos mesmo». Um procedimento experimental pode, por vezes, tornar-se necessário, ensaiando diversos ritmos possíveis á configuração da mesma melodia; e outras vezes, finalmente, na medida em que os pontos de referência vão paleogràficamente desaparecendo, a solução se irá tornando menos segura ou mesmo impossível, como no caso de melodias de ritmo livre, prosaico, por assim dizer, no género das dos «chants couronnés» dos trovadores franceses, de que falava Gastoué, conforme minuciosamente expliquei no meu dito trabalho e aqui me limito naturalmente a resumir ou apenas indicar.

3.° — Não me ufano, pois, de ter encontrado a verdadeira solução, justa e perfeita, senão... quando ela se comprova como tal. A notação dos três códices alfonsinos é uma notação «mensural», de tal minucia e precisão figurativa, por vezes, que «o problema se reduz ao que a mesma musica ofereceria se tivesse sido notada com as figuras actuais, e apenas faltassem os traços divisórios dos compassos», conforme bem inequivocamente deixara dito no meu referido trabalho. Estamos, pois, absolutamente longe da água turva «neumática» ou «diastemática» em tal matéria... O problema é o de decifração de... charadas, por assim dizer, e não de arbitrárias ou doutas interpretações; e solução diferente para cada cantiga como cada charada tem a sua solução privativa ou como em Medicina se diz que «não há doencas, há doentes». Questão de sabedoria musicológica, certamente; mas questão, primacialmente também, de intuição indispensável... Por isso falhou Aubry e falhou Anglés e falharão fatalmente quantos, doutíssimos embora, não se ligarem humildemente a seguirem a via que tive a sorte de pôr em evidência meridiana, para toda a gente que seja capaz de tal procedimento.

4.° — O caso da «estampida» do Rambaut de Vagueiras tenho-o aqui em quatro versões diversas; e posso comprometer-me, como qualquer, a «fabricar» mais outras quatro pelo menos... igualmente «arbitrárias» como «interpretação»... Um caso difícil, certamente, como tantos outros, e como todos aqueles, de qualquer época, em que a notação é insuficiente ou deficiente, como por exemplo também o das seis melodias do «Codax». Tenho aqui dentro da minha gaveta, cedido pela filha do defunto livreiro Vindel, um dos dez unicos exemplares que seu pai pusera á venda, da reduzida edição que fizera para distribuição privada, conforme ele próprio advertiu. Pois, sobre as fotogravuras genuinas, tenho exercido a minha sagacidade, repetidamente, desde há anos; mas os resultados têm sido precários... E tenho aqui versões de outros que não lhes levam vantagem... Claro que há sempre um recurso: deixar o ritmo livre, flutuante, traduzindo em moderno as «longas» e «breves» como se mostram em sucessão e contentando-se com o... resultado informe a que assim se chegue, mas que se sente bem que... não pode ser!

5.° — Ignorava a actividade divulgadora do meu douto amigo quanto ás «Cantigas» e ao «Codax» e dou-lhe os parabens pelo sucesso. Sinceramente. Gostaria de conhecer as suas transcrições.

6.° — E, finalmente: Felicito-o pela identificação da famosa «Canção do Figueiral» sobre a qual em 1929 elaborara eu uma pequena nota que conservo inédita mas que talvez tenha algum interesse. Recordo-me de que vira então uma certa ligação entre ela e um dos cinco «lais» da Bretanha do Cancioneiro de Colocci-Brancuti. Não encontro agora o papel onde registara isso. Mas vou tentar voltar ao assunto... tanto mais que não creio que Fr. Bernardo de Brito tivesse mentido quando deixou escrito que ouvira cantar «na Beira a lavradores antigos» a canção do Figueiral, e com certeza não mentia Miguel Leitão de Andrade dizendo que «sendo muito menino», ouvira a mesma canção «a uma velha de muita idade natural do Algarve». Ora, tendo Leitão de Andrade nascido em 1555 e, portanto, tendo ouvido, á volta de 1560, uma «velha», assim, do fim do século XV ou antes—não implica isto o remontar da canção, já tradicional, então, a um século antes, pelo menos, ou mesmo a mais de um século, e pois ao século XIII?

De resto, no meu pequeno escorço sobre a «musica em Portugal» (vide vol. Portugal, ed. do S. N. I., pág. 395) eu já consignara isso: «Oriunda de um dos cinco «lais» de Bretanha (do Canc. Colocci-Brancuti) seria a «canção do Figueiral», recolhida no séc. XV, da tradição oral». E acrescentara: «Do período epigónico, «galego-castelhano», subsistem 5 curiosos espécimes musicados, no «Cancionero-Musical de los siglos XV y XVI» (ed. por Barbieri)». Julgo que ainda ninguém referira este facto.

(...mas eu sou apenas um vulgar curioso destas matérias musicais, como de «muytas e desvayradas outras...»; não sou musicólogo! Por prova, veja-se lá, se o meu obscuro nome se encontra no monumental «Dicionário Musical» em publicação dos ilustres defunto padre Borba e vivo Lopes Graça, onde, por exemplo, o do sr. eng. Rebelo Bonito justamente figura com o devido relevo...).

FRANCISCO FERNANDES LOPES

O momento político

(Continuação da página central)

Retantismo das experiências e dos ensaios, antes devemos procurar demonstrar que temos a consciência das nossas responsabilidades e pretendemos consolidar o Regime no muito que ele tem de bom e de que já deu provas cabais, ao mesmo tempo que haverá a coragem para afirmar a necessidade da sua revisão ou da reforma, na parte em que se tenha mostrado menos eficiente».

A lista da oposição pelo círculo de Lisboa

Conforme o que ontem dissemos, algumas figuras representativas do sector da oposição de Lisboa, que se encontravam dispostas a concorrer ás urnas, no próximo acto eleitoral, elaboraram uma lista, cuja apresentação estava apenas dependente da recolha dos dados indispensáveis relativos aos proponentes. Obtidos todos os documentos de um grupo de pessoas que se propunham apresentar a lista, em numero superior ao exigido pela lei, uma comissão composta pelos srs. gueiredo, operário; Domingos Martins Carvalho, agente comercial; D. drs. Camara Reis, Manuel João Palma Carlos e Cruz Ferreira compareceu esta tarde no Governo Civil de Lisboa, para fazer a entrega da lista dos candidatos da oposição pelo círculo de Lisboa, que são os seguintes:

General Ferreira Martins; dr. Luís da Camara Reis, professor e publicista; dr. Arlindo Vicente, advogado; dr. José Alves da Cruz Ferreira, advogado; dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado; dr. Manuel Sertório Marques da Silva, advogado; Oscar dos Reis Filia da Fonseca, escritora; Rui Cabeçadas, estudante; Nikias Scapinakis, pintor e Rogério Paulo, actor.

O prazo para a entrega das listas dos candidatos

Tendo-se levantado sobre o termo do prazo da entrega das candidaturas, os proponentes da oposição chegaram á conclusão de que poderiam entregar ainda hoje a sua lista, porquanto, dizendo a lei que as listas devem ser entregues até 30 dias antes da data marcada para o acto eleitoral, esse prazo, contado dia a dia, termina, precisamente, hoje.

MERCADOS E FEIRAS

Feira de S. Francisco em Tavira

TAVIRA, 4 (Pelo telefone) — Com a asistência de entidades oficiais, convidados e visitantes e muito povo, abriu hoje a Feira de S. Francisco que este ano se apresenta melhorada, graças ao patrocínio da Camara Municipal e á participação do comércio da industria e da agricultura.

No acto inaugural usaram da palavra o vereador Laurentino Baptista e o presidente da Camara Municipal, sr. capitão José Coelho Ribeiro.

No recinto, além dos muitos e interessantes «stands» funciona, pela primeira vez, um posto de informações, estando os transportes assegurados hoje, amanhã e depois pela C. P. e carreiras especiais de camionagem.

O plano da iluminação foi apresentado pelo sr. eng. Osvaldo Bagarrão e executado sob a direcção do sr. José Filipe Ribeiro.

Policlínica da Rua do Ouro — ENTRADA Rua do Carmo, 98-2.°

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões - Às 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — A's 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias As 13 horas
Dr. Romão Luft — Doenças nervosas, electroterapia A's 14 horas
Dr. Antonio Ferrão — Doenças nos olhos - Às 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais - As 12 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia - As 16 horas
Dr. Casimiro Alfonso — Doenças das senhoras e operações - As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças - As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese - As 10 horas
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis - Às 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16,30 h.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos - As 16 horas
Prof. Dr. Alex Saldanha — Raios X - As 16 horas

Um estranho projecto britânico sobre a moralidade de costumes

Nos jornais ingleses debate-se agora um grave problema: o da moralidade publica. Se a T. V. capta para telespectadores, em som e imagem as mais diversas figuras e opiniões, o homem da rua é atraído pelas grossas «manchettes» dos jornais, muitas das quais ocupam toda a largura da primeira página. E' claro que todo este barulho é entremeado de ditos espirituosos que se beliscam a moral de alguns britanicos cem por cento, ainda de estilo vitoriano, fazem sorrir o genuino «cockney».

Mas vamos aos factos: durante quatro anos uma real comissão, constituída por 12 membros, e presidida por sir John Wolfenden, estudou o problema da moralidade dos costumes com a tenacidade e a objectividade que caracterizam os Ingleses.

Verificou que as multas aplicadas ás mundanas eram insignificantes, motivo por que a sua actuação tanto diurna como nocturna se tornava cada vez mais frequente. Por várias razões foi levada a concluir que o mal não se pode extinguir, pelo que se limitou a propor que seja aumentado o quantitativo das multas, aliás fixado há já bastantes anos. Muitas mulheres encontram nessa profissão, a mais antiga do Mundo, como dizia um sociólogo, motivos que as levam a não tentar qualquer outra. Nem sempre foram compelidas a exercê-la pelo que se pode chamar influência deletéria do meio ou fatalidade económica — diz-se no relatório.

O audacioso projecto do comité Walfenden está, agitando, profundamente, a Inglaterra. Se jornais, como o grave «Economist», o bem informado «Manchester Guardian» e o conspicuo «Times», considerados órgãos respeitáveis, declaram que, no conjunto, as propostas da comissão Wolfenden são razoáveis, muitos outros, sobretudo, os de carácter popular, mostram-se deliberadamente hostis.

Longe de nós supormos que, numa atitude ou noutra, haja especulação. Isso seria denegrir a honestidade e o realismo do carácter inglês.

Significa, apenas, que as opiniões sobre o melindroso assunto de perversidade masculina (quando não é uma tara congénita, estudada por Egas Moniz, Kraft Ebing, e outros cientistas, variam, enormemente, na Grã-Bretanha.

Como saber se os que apoiam as conclusões da comissão são em maior numero que os opositores?

O «Daily Mirror» resolveu fazer um plebiscito para conhecer o que pensam sobre tão momentoso assunto os seus leitores. Estamos convencidos de que uma esmagadora maioria será contra qualquer medida que não considere crime a prática da odiosa perversão, entre indivíduos maiores.

Nos meios religiosos as opiniões parecem também dividir-se. E' sintomático que o respeitável arcebispo de Canterbury não se tenha até agora pronunciado. E as suas intervenções na vida do país, têm sempre uma poderosíssima influência.

No entanto, nestes ultimos domingos, padres de confissões diferentes, em sermões, profligaram o projecto que daria ás pessoas «a liberdade de fazer o que quisessem».

O debate tem já repercussões políticas. Sir Hugh Linstead, deputado conservador e membro da comissão Wolfenden, arrosta com uma violentíssima campanha no círculo eleitoral. Muitos exigem que se demita. Há indícios de que os conservadores são contrários ao projecto, mas ainda não fizeram qualquer declaração, bem como os outros agrupamentos partidários.

E' ao ousado e tolerante Richard Butler, ministro do Interior, que compete propor as medidas legislativas necessárias para pôr em prática o projecto da comissão, oficialmente, nomeada.

Quer-nos todavia parecer, que não será ainda desta vez que o inefável Socrates — se a coima ao pai da filosofia é verdadeira — triunfará.

EM TRÊS LINHAS

Tomou posse do cargo de director da Escola Industrial e Comercial de Évora o sr. dr. António Joaquim Guedes do Amaral.

///

De avião, chegou a Lisboa o sr. Jaime Benazol, governador de Cabinda.

O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS

COMPANHIA
CCN COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«IMPÉRIO» — 12 de Outubro — Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 10 de Outubro.

«UIGE» — 21 de Outubro — Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 14 a 16 de Outubro.

«PÁTRIA» — 14 de Novembro — Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 12 de Novembro.

«GANDA» — 23 de Novembro — Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 21 de Novembro.

Chama-se a atenção dos Srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» — 19 de Outubro
«SANTA MARIA» — 18 de Novembro — AS 12 HORAS

Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» — 14 de Outubro
«VERA CRUZ» — 15 de Novembro — AS 16 HORAS

Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Port Everglades (Miami).**

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — T. 23342

GREMIO CONCELHIO DOS COMERCIANTES DE CARNES DE LISBOA

Arrematação de subprodutos

No próximo dia 11 pelas 15 e 30 horas, proceder-se-á á arrematação dos seguintes subprodutos:

CHIFRES DE BOVINOS ADULTOS — PONTAS DE VITELAS — CASCOS DE BOVINOS ADULTOS E UNHAS DE BOVINOS ADOLESCENTES — FARINHA DE CARNE — FARINHA DE SANGUE — FARINHA DE CARNE E OSSO — FARINHA DE FÍGADO.

As condições encontram-se patentes na sede deste Grémio — Rossio, 45, 2.º.

Bon ...

As casas de material eléctrico

Tubos para usos eléctricos em plástico e fita plástica. Fornecemos em todas as cores do Arco-íris.

AURÉLIO COELHO
Calçada dos Mestres, 92-1.º
Telefone 683414

VINHOS 100%

A carregar nos seus armazéns a Esc. 2$20 cada litro. São vinhos e não *vinhocas* a que dão o nome de *vinho de lote*, vende o Treze — Cartaxo.

DOMINGO, 13 DE OUTUBRO EXCURSÃO DA C. P. A ÉVORA — CIDADE-MUSEU

3.ª classe — Esc. 100$00

(compreendendo: vapor, comboios rápidos, automotoras, almoço no Café Arcada, em Evora)

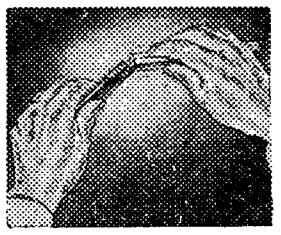
HORARIO DA EXCURSÃO

IDA		VOLTA
8-50 p.	Lisboa (Terreiro do Paço)	21-25 c.
11-49 c.	Évora	18-31 p.

Bilhetes á venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 4 do corrente. *A venda de bilhetes para esta excursão encerra-se impreterivelmente no dia 10 também do corrente. Lotação* limitada.

Quando se perde o Cabelo, perde-se muito mais...

Em si, uma boa cabeleira não representa grande coisa. Mas é um verdadeiro tesouro porque significa saúde, vitalidade, juventude, prestígio, confiança própria, qualidades todas elas indispensáveis a quem pretende vencer na vida. Seja em que terreno for, não basta ser-se jovem, é preciso, acima de tudo, salvar as aparências, isto é — não parecer velho.



Qualquer químico pode verificar a presença de triptofano na Silvikrine Pura mediante o ácido glioxílico, em presença de So_4H_2.

«Sentir-se depenado, não tem graça nenhuma, declara Desmet. Agora, isto já vai melhor. Desde que uso Silvikrine, o cabelo deixou de cair e já não tenho caspa».

Cuidado! Ao mais pequeno sintoma!

Caspa que parece empoar os ombros, cabelos que ficam agarrados ao pente, ou à escova, reaja imediatamente. A Silvikrine dar-lhe-á o remédio que nenhum outro produto lhe pode oferecer, e que ela proporciona a milhares de outros homens. Garante à raiz do cabelo o complemento de alimentação indispensável ao seu crescimento quando o próprio organismo já não basta.

Nenhum outro produto oferece ao coiro cabeludo os 14 elementos constitutivos do cabelo

Quase sempre, as perturbações do crescimento do cabelo provêm da sua subalimentação. Quando há equilíbrio físico, as raízes vão buscar ao sangue uma quantidade suficiente dos 14 amino-ácidos necessários à multiplicação celular que alimenta o crescimento normal do cabelo. Quando esta contribuição nutritiva se torna insuficiente, Silvikrine é a única capaz de a poder completar. Isto porque é a única solução assimilável destes 14 elementos constitutivos.

«A Silvikrine revela-se eficaz mesmo nos casos em que tudo o mais falhou»

É a opinião do Prof. Polland. Mas não fique à espera do pior. Não deixe que os bolbos pilosos se atrofiem. Então, seria tarde. Aplicada a tempo, Silvikrine Pura põe imediatamente fim à queda do cabelo e faz desaparecer a caspa.

Silvikrine *Reanima o crescimento do cabelo*

2-56-PO

Contra a queda de cabelo intensa e caspa rebelde, Silvikrine Pura, alimento biológico concentrado do cabelo, Esc. 40$00. A Loção Silvikrine, gordurosa ou não, para tratamento diário do cabelo, Esc. 17$80. Frascos duplos - Loção, Esc. 33$40.

Comendador João Ferreira dos Santos

MISSA DO 7.º DIA

Sua Família participa a todas as pessoas das suas relações e amizade que amanhã, dia 5, será celebrada missa de sufrágio ás 10,30 horas na Igreja de S. Domingos, agradecendo a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

FÁTIMA
em 12 e 13 de Outubro
PORTO
(Para assistir ao desafio PORTO-BENFICA)
em 12 e 13 de Outubro
(EM AUTOCARROS MODERNISSIMOS)
Inscrições: Rua Jardim Regedor, 35. Telefones: 30971 e 30972

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lombo de porco no espeto
Caril á Indiana
Lombo de vaca á Coruja
animado com folclore e fandango regional

PANES! AUTOMÓVEIS
S.O.S.
ATE A'S 0 HORAS
REPARAÇÕES — ACESSÓRIOS
Mecanica Geral * Bombas de Injecção
Electricidade * Soldaduras
SPICA, Avenida da Republica, 99-B
(Junto aos Correios)

Venderam

ao desbarato as peças do motor confiado à sua guarda

O sr. José Martins, na qualidade de gerente da Sociedade de Transportes Marítimos Farense, Ld.ª, com sede em Faro, e proprietário do «Zeca» late de cabotagem, tinha o seu barco arerstado pelo tribunal da comarca daquela cidade. No auto de arresto, foi nomeado seu fiel depositário um indivíduo do Seixal, que, na véspera, havia sido posto em liberdade, depois de ter cumprido pena por crime de furto. Os poderes foram-lhe confiados mercê de um documento assinado por José Andrade Rodrigues, o «Marreco», daquela vila, o qual combinara com Joaquim da Costa Ribeiro, o «Paitinhas», proceder á desmontagem do motor do barco e vender o que fosse possível.

Para cumprimento dessa missão, o «Paitinhas» veio algumas vezes a Lisboa vender as peças do barco a estabelecimentos de ferro-velho que, por sua vez, as venderam a outros comerciantes.

O agente Augusto Silva, sob a orientação do chefe Baptista dos Anjos, prendeu o «Paitinhas» e o «Marreco», averiguando que o valor do furto ascende a cerca de 25 contos. Os ferro-velhos, porém, pagaram apenas mil escudos pelo material roubado.

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

+

COMENDADOR

José Gonçalves Pereira

Missa do 7.º dia

Sua Familia participa a todas as pessoas das suas relações e amizade que domingo, dia 6, será celebrada missa de sufrágio pelas 11 horas, na Igreja de Santo Condestável, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

+

ENGENHEIRO

José Eduardo Dias Costa

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Luís Bastos Saluce de Sampaio, sua mulher Ana Barbara Lopes Vieira de Sampaio e filhos, Berta Villaça Nogueira Dias Costa, António Francisco Rodrigues Nogueira Dias Costa, sua mulher e filhos, e mais familia, participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença, o seu querido Padrasto, Cunhado, Tio e Parente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 12 horas, da Igreja de S. João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto S. João, onde naquela igreja ás 10 horas, será celebrada missa.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

Pequenas notícias

PELA POLICIA

RECAPTURA DUM EVADIDO— No dia 3 do mês findo evadiu-se da Quinta do Pisão o cadastrado Julio Graça Correia, o qual no dia 13 do mesmo mês foi surpreendido no prédio da rua Capitão Leitão, 49, a praticar um furto de artigos de vestuário na importancia de 2.670$. Ao ser pressentido, abandonou o furto e fugiu, mas três horas depois foi surpreendido e preso na Rua do Açucar, 125, ao tentar arrombar a porta duma ourivesaria.

A MANIA DOS AUTOMÓVEIS— Mais uma vez foi detido e enviado ao Tribunal da Boa-Hora, acompanhado do respectivo processo, o arguido Vítor Manuel Elvas, solteiro, de 26 anos, natural de Aljustrel, que em 23 do mês findo, foi detido no momento em que pretendia arrombar um automóvel pertencente ao sr. João Graça Caldeira, estacionado na Avenida João XXI. Na altura da sua prisão deu uma identidade falsa, dizendo chamar-se José Luís Pereira, mas o agente Graça, da 3.ª Secção, reconheceu-o como sendo o mesmo indivíduo que, no dia 22 de Junho findo, furtou um automóvel, ao qual mudou os numeros de matricula para o ir vender a um ferro-velho, a quem um seu cumplice o apresentou como sendo funcionário da Alfendega.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Amanhã, á tarde, efectua-se um baile na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul; e, á noite, na Casa das Beiras.

Depois de amanhã, no Casa Pia Atlético Clube, também haverá uma «matinée»-dançante.

VEDAÇAO DE TRANSITO

A fim de se proceder á alteração provisória do traçado das linhas dos «eléctricos», vai ser vedado ao transito de veículos, a partir do próximo dia 8 e durante cerca de 15 dias, o troço descendente da Avenida António Augusto de Aguiar compreendido entre a Rua Eugénio dos Santos e a Avenida Fontes Pereira de Melo.

CAMPISMO

Amanhã, ás 21 horas, no Pinhal da Tanoeira, em Cascais, será solenemente aceso o «fogo de campo», acto promovido pela Comissão Central do II Acampamento da Zona Sul (I Divulgação Campista).

AS INFRACÇÕES AO TRANSITO

A P. S. P. autuou, ontem, em Lisboa, 79 condutores de veículos, por estacionamento irregular, 39; por excesso de velocidade, 1; por desobediência á sinalização, 33; por fumos e escape livre, 1; por uso desnecessário do sinal sonoro, 3; por impedirem a circulação de outros veículos, 2. Também foram autuados 114 peões, por atravessamento irregular, 82; por estacionamento irregular nos passeios, 30; por andarem pendurados nos «eléctricos, 2.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cão de raça galgo e outro com coleira e trela; uma nota do Banco de Portugal; um boné de homem com o distintivo dos C. T. T.; um saco com um calção de «nylon»; um sapatinho de malha de criança; um porta-moedas com dinheiro; três tampões de roda de automóvel; um tampão de radiador de automóvel; uma sombrinha; um caderno escolar com cartões da Empresa Literária Fluminense; uma mala de mão para criança; um porta-moedas com duas chaves; um livro com o título «Regulamento de Sinais»; uns óculos de Sol; uma caneta de tinta permanente; uma lapiseira; um boné de criança; uma luva de senhora; um bivaque de soldado; e ainda um relógio de pulso de homem, achado em 6 de Setembro; uma chapa de veículo pesado, achada há 15 dias, no Poço do Bispo; uma gabardina de homem, achada há 10 dias, no cinema da Feira Popular; a quantia de 40$00, recebida a mais no pagamento de um serviço de táxi; e argolas com chaves e chaves desirmanadas.

Também se encontram no Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa: um embrulho com seis discos; um saco de papelão contendo um par de sapatos de senhora; e um chapeu de cabeça para homem.

Sessão de homenagem

á memória de José Relvas

E' hoje, ás 22 horas, na Casa do Ribatejo, que vai homenagear-se a memória de José Relvas, grande benemérito dos pobres de Alpiarça, cujo retrato será descerrado na sede daquela colectividade. O elogio de José Relvas será proferido pelo prof. dr. Mendes Correia, presidindo á sessão o sr. governador civil de Santarém. A entrada é publica.

Também hoje se encerra na Casa do Ribatejo a inscrição para a romagem ao tumulo de José Relvas, em Alpiarça, e visita ás propriedades por ele legadas aos pobres.

Sessões de cinema

para as crianças de Lisboa

Por estar ocupado o salão nobre do Pavilhão dos Desportos, com uma exposição, amanhã e depois, não se realizam as habituais sessões gratuitas de cinema, promovidas pela Camara Municipal, dedicadas ás crianças de Lisboa.

A LOTARIA DE HOJE

9207 ... 1.000.000$

9206 } Aproximações ao 1.º
9208 } prémio .. 8.225$00

58511 ... 100.000$

2251 ... 50.000$

Premiados com 20.000$00

31233 53892 55933 62629 66329 71348

Premiados com 10.000$00

496 10999 23853 24909 27366 31680 32395 35103 40213 47463 57113 57848 59326 61068 61577 64999 66382 78908

São premiados com 2.500$00 os numeros terminados em: **207** e com 200$00 os de **9201** a **9300**, de **58501** a **58600** e de **2201** a **2300**.

São premiados com 250$00 os numeros terminados em: **07** e com 150$00 os que terminem em: **11** e **51**.

São premiados com 100$00 os numeros terminados em: **6, 7** e **8**, excepto os que terminem em: **207** e **07**.

Avisamos os nossos leitores de que é conveniente consultar a Lista Oficial da Misericórdia.

Giraram hoje as esferas da

LOTARIA POPULAR

e logo a «SORTE»

premiou outro numero da

CASA DA SORTE

9.207

1.º PRÉMIO

1.000 CONTOS

Um bilhete com a MARCA da

São assim,

4.000 CONTOS

em 4 «Sortes Grandes»

distribuidas em

4 semanas seguidas

em bilhetes com

o CARIMBO da

CASA DA SORTE

de

LISBOA — PORTO — COIMBRA —

BRAGA — LUANDA — L. MARQUES

Novamente um

Prémio Grande

58.511 - 100 contos

Número certo vendido pela casa

CAMPIÃO

RUA DO AMPARO, 2 C · LISBOA · PRAÇA DO ARIEIRO, 5 A

FILIAIS:

PORTO · COIMBRA · FARO · FUNCHAL

LUANDA · NOVA LISBOA · LOURENÇO MARQUES

3.ª SEMANA SEGUIDA DE PRÉMIOS GRANDES

3.º PRÉMIO

58511 — 50 Contos

Numero certo vendido na extracção de hoje pelo feliz cambista

João Cândido da Silva

PRÓXIMA EXTRACÇÃO — 1.000 CONTOS

Décimos a 10$00

Bilhetes a 100$00

Pelo correio mais 2$50

104 — R. DA PRATA — 106

Endereço telegráfico: SORTE-LISBOA — Telefone 24542

Feiras internacionais

SUÍÇA

Feira de St. Gallen

(de 10 a 20 de Outubro de 1957)

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

—no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia)). Telefone 864181.

CASINO ESTORIL

HOJE (17 anos)

SITHA et JASHAR

LO e VEIGA

e a orquestra internacional de

RAY MARTINO

— DEPOIS DE AMANHÃ — CHÁ-DANÇANTE com todas as atracções — Á NOITE — Despedida das atracções

O litígio luso-indiano no Tribunal da Haia

(Continuação da 1.ª página)

de Bernard, que, na sala das audiências nos mostra uma justiça de rosto a descoberto e de que fogem as guerras na forma de dois belos cavaleiros — permita-se-nos que recorramos, hoje, também á alegoria.

O barco que os defensores da causa indiana lançaram nas águas do Palácio da Paz (há numerosos lagos no magnífico parque do palácio...) era como essas naus em que os Portugueses iam á India e nas quais os Indianos descobriram o caminho marítimo para o Ocidente — um barco bem artilhado e com os castelos da proa e da popa apinhados de soldados. E não faltavam as lanças, os mosquetes, e a pólvora... Tudo fora ali prodigamente acumulado por um armador generoso que não olha a despesas, quando se trata de fazer boa figura, de não deixar o Bahrat (Bahrat é o nome indu da União Indiana) em maus lençóis. Logo, porém, que os advogados de Portugal deram começo á sua resposta, logo que os professores Galvão Teles e Maurice Bourquin dispararam os primeiros tiros — eles que me desculpem a imagem belicosa ou... cinegética — o barco indiano principiou a meter água por todos os lados. E foi o naufrágio.

Do recontro sairam muito mal feridos os professores Waldock e Guggenheim que se viram atacados e desarmados pelas suas próprias armas — pelos argumentos que noutras circunstancias haviam exposto e que constituem (lá o assinalou Bourquin com aquela ironia aparentemente bondosa, que tanto sangue faz correr...) a melhor apólogia da tese portuguesa. O procurador-geral Setalvad recebeu do professor Galvão Teles uma lição de boas maneiras, que lhe ficará por certo na memória. E o próprio Soskice, guerreiro temível, foi atingido por uma flechazinha que lhe perfurou a couraça, quando Bourquin o acusou de haver atribuído ao professor Bauer (no seu trabalho sobre a história e regime dos enclaves desde os tratados de Vestfália até á actualidade) uma conclusão que está longe, muito longe mesmo, de ser a do professor Bauer.

Enfim, não há duvida de que foi uma formosa batalha e que—apesar de travada em desigualdade numérica—dois contra quatro—resultou inteiramente, dizem-nos todos a favor de Portugal. Mas os adversários ainda não desarmaram — e a luta continua. Amanhã lá os teremos, de novo, na trincheira, perdão, na tribuna.

Entretanto na oitava conclusão final do Governo português, requere-se do Tribunal que «lembre ás partes o princípio universalmente admitido, segundo o qual lhes incumbe facilitar o cumprimento da missão do Tribunal, abstendo-se de qualquer atitude que possa exercer uma influência prejudicial sobre a execução das suas decisões, ou provocar, quer um agravamento, quer um prolongamento do diferendo».

Nos círculos diplomáticos da Haia interpretou-se esta conclusão como uma séria advertência aos Indianos, para que se não sintam tentados a integrar na União os dois enclaves portugueses. Esta medida, longe de pôr termo ao litígio, só prejudicaria agora os Indianos, no conceito do Tribunal. Esta e outras do mesmo género que os Indianos quisessem porventura tomar, substituindo por outras as armas (já um pouco embotadas) dos quatro mosqueteiros da Haia. —(A. N. I.).

Vida religiosa

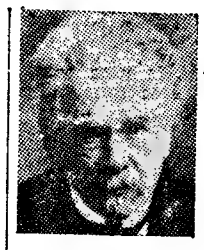
Assistência aos peregrinos no Santuário da Fátima

Esta noite, ás 21 e 30, depois de uma «velada de armas» na igreja de Santo Eugénio, na Encarnação, partem para Fátima os escuteiros católicos que ali vão em peregrinação, para comemorar o centenário do nascimento de «lord» Baden-Powell e do cinquentenário do escutismo.

Os escutas peregrinos que trarão daquele tempo a «luz de Maria», chegarão, de manhã á Azambuja de onde partirão depois de amanhã de madrugada, para Santarém. Desta cidade seguirão para Olhos de Agua, onde terão um dia de descanso no dia 8. No dia seguinte, deslocar-se-ão a Minde, seguindo no dia 10 para a Cova da Iria.

Ali prestarão assistência aos peregrinos, por ocasião da peregrinação do dia 13.

FÁTIMA
12 e 13 Outubro
CAPRISTANOS



Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XLIII — Teófilo Braga

O presidente do Governo provisório da Republica, foi sempre um modelo de simplicidade. Poliglota ilustre, fez sensação, quando, na primeira recepção do Ano Novo ao Corpo Diplomático, falou aos vários ministros plenipotenciários nos respectivos idiomas, com alusões á literatura dos países de cada um deles.

Era este o sábio que, muitas vezes, á porta da Academia das Ciências, conversava democráticamente com o porteiro.

* * *

Um dia, Silva Passos surpreendeu Teófilo na estação do Cais do Sodré, subindo para uma carruagem de tercira classe. Julgando que se tratava de um equívoco, aproximou-se do escritor e observou:

—V. Ex.ª vai em terceira classe?
E Teófilo olhou-o, sorridente:
—Porquê? Há quarta?

* * *

A caneta do mestre era mais que primitiva. Talhava um tronco da roseira do quintal, metia um aparo na incisão que fazia e amarrava-a. Quanto ao papel, tudo lhe servia. Desde o chamado papel de impressão, ao avesso dos sobrescritos das cartas que lhe enviavam!

Mas a letra era muito nítida e sempre igual. Assim trabalhava o homem que num frio Fevereiro de 1843, viu a luz do dia.

* * *

A casa de Teófilo era aconchegada e o seu gabinete vinha abaixo ao peso de tanto livro. Parecia um estudante de Coimbra, aquecendo o seu chásinho no vidro de um candieiro de petróleo.

Raros o procuravam na sua residência, apenas um ou outro erudito ou estudioso. Mas a revolução triunfante de 1910, fez Teófilo Braga que nunca conspirara, presidente do Governo. Então a sua casa passou a ter a concorrência dos pretendentes a lugares. E ele dizia, piscando os olhos espertos:

—A minha casa parece outra Só oiço bater á porta. Parece a campainha de um animatógrafo...

* * *

Uma tarde, passou á sua porta um carro do Estado com um esquadrão de cavalaria.

Teófilo tinha de ir a Belém em missão oficial mas sem estadão. Todavia, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que morava perto, lembrou-se de lhe mandar um carro com a escolta de honra.

O presidente chegou á janela e amuou com o cerimonial. Contou depois a Rocha Martins o que se passára:

—Apareceu-me um capitão de botas até ao pescoço e disse-me, todo perfilado, que me vinha buscar para me levar a Belém. Declarei que mandassem os soldadinhos embora, pois, de contrário, não saía de casa. Ameacei-os de vestir o guarda-pó e despir o fraque. O esquadrão retirou. Lembrei-me de uma mulher em Alcantara dizer: «Olha o Bernardino Machado á fingir que é rei...». E eu ia ao lado dele. Ficou-me de emenda.

* * *

Teófilo Braga vivia o mais só possível. Uma vizinha dedicada ia a sua casa fazer as limpezas habituais e, com a idade, o original académico começava a sofrer de falta de vista.

A comida vinha de um restaurante próximo da rua onde ele morava, ao tempo a Travessa de Santa Gertrudes, mas que se chama hoje, muito merecidamente, Rua Teófilo Braga. A refeição era farta: sopa e três pratos. O terceiro prato, porém, destinava-se a resolver o almoço do dia seguinte, e assim vivia solitáriamente o homem que fugia sistemáticamente a pompas e honrarias.

Na manhã de 28 de Janeiro de 1924, a bondosa vizinha, ao entrar em casa do escritor, como era habitual, encontrou-o sem vida. Dai a um mês, completaria 81 anos.

* * *

Dezasseis anos decorreram desde a tentativa de revolta de 28 de Janeiro de 1908 até esse triste dia 28 de Janeiro de 1924. A Camara Municipal de Ponta Delgada, adquiriu a bela livraria do que foi Presidente da Republica.

No arrolamento dos seus bens, há esta nota curiosa que vale a pena transcrever:

«Um guarda-chuva de seda preta, com os panos rasgados em partes diferentes, mas pelo falecido Teófilo Braga, grosseiramente cosidos. Ao referido guarda-chuva foi preso um cartão, onde se escreveu: 1924. Do espólio do Presidente do Governo Provisório e segundo presidente eleito».

O seu inseparável guarda-chuva era conhecido pela denominação popular da «malva do Teófilo». Foi avaliado pelos peritos em dez escudos!

L. R.

As mulheres e a vida moderna

(Continuação da 3.ª página)

do, de correr ao escritório e á praça...

Se a mãe gostava dela, como podia admitir que ela se preparasse para uma vida igual á sua?

— Tu tens é inveja! — dissera a filha, brutalmente...

A idade de amar?

E esta mulher, mãe de familia dona de casa, empregada de escritório, filha de todas as renuncias — tem apenas 43 anos.

Pensou-o, acaso, quando vai de manhã para o emprego?

Todavia, estremece. Alguém, um homem novo, cravando os olhos nela, dissera: «deliciosa!»

Não é, então, apenas, a «mamã», aquela que já não pode ter segredos nem desejos nem nada para dizer? E' afinal uma mulher que pode ter ciumes da filha como de qualquer outra mulher?

A partir desse momento, é mais livre, adquire uma segunda personalidade. Cá fora, já não será a dona de casa, a mãe de familia. Passeia pelas ruas, pára diante das montras, já não tem a sensação de que rouba o tempo á casa, ao marido e aos filhos...

Já não sente aquele horror pelo escritório, onde vai buscar mais uns proventos para a familia; ali, no trabalho, sente-se tão importante como o marido, sente-se feliz trabalhando...

Será sogra, será avó...

Uma atracção pelo escritório a domina. E' sábado de tarde, ninguém estará lá mas ela sente o desejo do contacto daquele ambiente. Vai, como um ladrão — e encontra outro que, como ela, não pode deixar de amar aquele posto de trabalho. Da surpresa passam ás confidências, destas á simpatia. Depois, é um sentimento que ela não ousa nomear. Mas, pela primeira vez, depois de tantos anos de solidão consigo própria...

Depois... depois... Ela começa a estar mais tempo fora de casa. Esquece o gosto de a trazer em ordem e o marido não dá conta. Está tão habituado a considerá-la anjo da guarda do lar, que não lhe passaria pela cabeça que sua mulher pudesse interessar a outro homem.

E agora, que fazer? Ela perturba-se com a proposta dele. Porque ele quer partir, levá-la, quebrar-lhe aquelas algemas de solidão. Ela, porém, não parte. O filho vai casar-se, o jovem casal instala-se lá em casa, vai nascer um «bebé» e o marido insiste em que ela deve abandonar o emprego.

Abandonar o emprego! A unica felicidade, a unica companhia da sua vida!

Todavia, ela renunciará a tudo. Ficará em casa, será sogra e avó, criará o neto. Dirão dela:

— E' magnifica! E' uma santa!

E ela, soluçando, queimará, porque sente que tudo nela findou, aquele caderno de capa negra onde já nada terá a escrever do vazio e da solidão da sua alma. E, todavia, continuará a viver...

Conde Barão Lda
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL

TEM O PRAZER DE APRESENTAR
OS NOVOS MODELOS DA LINHA

STANDARD TRIUMPH

NA PRÓXIMA INAUGURAÇÃO
DO SEU NOVO SALÃO DE VENDAS

NA AV. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 21-C
LISBOA

+

José Marrocos
Taborda Ramos
FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Adelaide Caldeira Taborda Ramos, Maria Adelaide Taborda Ramos, António Manuel Caldeira Taborda Ramos (ausente), Josefina Marrocos Taborda Ramos, irmãos e demais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença o seu querido marido, pai, filho, irmão e parente e que o funeral se realiza no dia 5 de Outubro da Av. Duque d'Avila, 124-4.º, Esq. para jazigo de família em Alcains

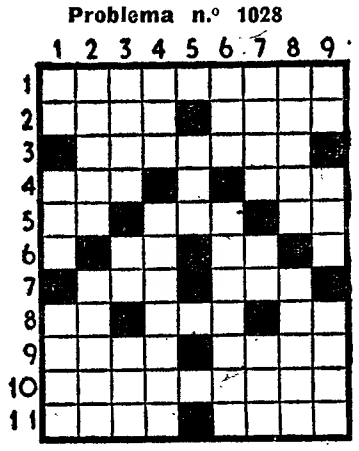
AGÊNCIA BARATA

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1028



HORIZONTAIS: 1 — O que admira. 2 — Vila e concelho do distrito da Guarda. Resido. 3 — Brotara. 4 — Pau ferro. Preposição. Nome de uma letra. 5 — A mim. Misericordiosa. Artigo definido. 6 — Doutor. Entre nós. 7 — Sustento. Pedra de altar. 8 — Satélite de Jupiter. Cheguei. Simbolo quimico do gálio. 9 — Apelido do poeta autor de «Fel». Arão. 10 — Agachado. 11 — Planta do pé. Guarneceu de asas.

VERTICAIS: 1 — Campeão. Magnete natural. Passadas. 2 — A peça do arado que assenta no leito do rego. Em pequena quantidade. 3 — Voz do gato. Oferece. Relação. 4 — Comparecias. Desafia. 5 — Tomba. 6 — Estime. Pusera açamo a. 7 — Nome de mulher. Céu. Chefe etiope. 8 — Invocação. Afiado. 9 — Letra grega. Pega. Gostou muito de.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1027

HORIZONTAIS: 1 — Asca. Unem. 2 — Vê. SEM. 3 — Rapem. 4 — Saí. Al. 5 — Are. Ode« 6 — PACIÊNCIA. 7 — Amo. Aos. 8 — Ré. Ata. 9 — Freme. 10 — Passe. Aí. 11 — Coze. NADA.

VERTICAIS: 1 — Avó. Apara. 2 — SE. Trame. Pó. 3 — Eco. FAZ. 4 — Alas. Arse. 5 — Parentes. 6 — Usei. Amen. 7 — Nem. Oca. 8 — Em. Adiou. Ad. 9 — Aleas. Dia.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Canções de Paris, por Gilbert Bécaud e Juliette Greco; 18 e 45, Carta de Madrid; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Concerto pela banda de musica do Comando-Geral da G. N. R.; 19 e 50, Três canções pelo Trio Maravilha; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica ligeira portuguesa; 20 e 30, Recreio musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, «Partida em dó maior», de Turina; 21 e 30, Pio XII e os grandes problemas do homem, pelo dr. António de Azevedo Pires; 21 e 45, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco; no intervalo, cerca das 22 e 30, Duas gerações; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B»—Ás 19, «Concerto em sol maior», de Mozart; 19 e 30, Duas canções populares norueguesas, pelo soprano Kirsten Flagstad, e sete canções populares espanholas, por Victoria de los Angeles; 19 e 50, Noticiário regional; 20, O primeiro andamento do «Concerto em mi bemol», de Liszt; 20 e 15, «Coral n.º 3, em lá menor», de César Franck; 20 e 30, Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 20 e 50, «Pequena suite em ré menor», de Visée; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Orquestras ligeiras; 21 e 30, Que quer ouvir?; 22, A voz da cidade; 22 e 20, Roteiro musical; 22 e 45, Viagens ao mundo da dança; 23 e 15, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 18 e 15, A Orquestra de...; 18 e 30, Um segredo para dois; 18 e 45, Musica regional portuguesa; 19, Repetição do programa «Grandes esquecidos»; 19 e 30, Fados e guitarradas; 20, Boletim informativo de R. C. P.; 20 e 10, Artistas portugueses; 20 e 30, Orquestras e canções; 21, e 30, Ritmos e melodias; 21 Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Paisagem intelectual; 22, Companheiros da Alegria; 22 e 45, Musica de salão; 23, Programa de concerto; 23 e 30, Orquestras e canções; 0, Ritmos de baile, do Casino de Espinho; 0 e 27, Sumário do programa de amanhã; 0 e 30, Encerramento.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; das 22 á 1, Voz de Lisboa.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO A — **União**—Estrada de Benfica, 592, 594. Tel. 780092; Alegria—Estrada de Benfica, 180. Tel. 780511; Vitex—Estrada de Benfica, 300-A. Tel. 780548; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841; Prates & Mota—R. da Beneficência, ao Rego, 9. Tel. 773728; Central do Lumiar—R. do Lumiar, 77. Tel. 779480; Cabrita—C. Grande 220, 222. Tel. 772397; Barbel—Avenida de Roma, lote 2, JAA. Tel 776235; Zil—Avenida da Igreja, 9-D Tel 778380; S. João de Deus—Rua Pedro Ivo, 1-A, 1-B. Tel. 725140; Imperial—Avenida Guerra Junqueiro 30-B. Tel. 726860; Bentozinho—Avenida Óscar Monteiro Torres, 38-A. Tel. 774920; Avenidas (Das)—Avenida da Republica, 27-A. Tel. 42532; Oliveira Viegas—Rua Viriato, 27, 27-A, frente ao «Avis Hotel» Tel. 48966; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 399216. Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19 Tel. 399237; Grijó—Rua do Grilo, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173, 175. Tel. 392241; Frazão—Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90, 92. Tel. 847019; Ziler—Rua de S Tomé, 54, 56. Tel. 862835; Central da Penha—Rua da Penha de França 58, 60. Tel. 849245; Damásio & Cordeiro—Rua Morais Soares, 56-C. Tel. 847708; Estefania—Rua Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438; Confiança—Avenida Almirante Reis, 46. Tel. 42453; J. Ribeiro, Ld.ª—Largo das Olarias, 33. Tel. 864643; Salutar—Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Pinto—R. de Campolide, 11. Tel. 682610; Almeida—Rua Silva Carvalho 136 Tel. 681726; União—R. Saraiva de Carvalho, 119 Tel. 663643, astro Sul.—Rua de S Bento, 199-A. Tel. 660513; Restelo (Do)—Rua Duarte Pacheco Pereira, lote 9. Pedrouços Tel. 610741; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C. Tel. 638916; Bioti far—Rua D. João de Castro, 27-B Tel. 638824; Correia de Azevedo—Rua Luis de Camões, 48, 50. Tel. 638625, Bairrão—Rua Prior do Crato 25. Tel. 661321; Paiva da Costa, Ld.ª—Rua da Lapa, 105. Tel. 664414, Lys—Rua da Esperança, 17, 19. Tel. 660913; Barreto—Rua do Loreto, 30. Tel. 27284; Luis Magalhães—Rua de Santa Marta, 15-A/B Tel 46490; **Teixeira Lopes—Rua Aurea, 154. Tel 24816;** Oliveira—Rua da Prata, 240, Tel. 21415—A; Moura—Travessa da Memória, 55, Telefone 630944.

FARMACIA TEIXEIRA LOPES

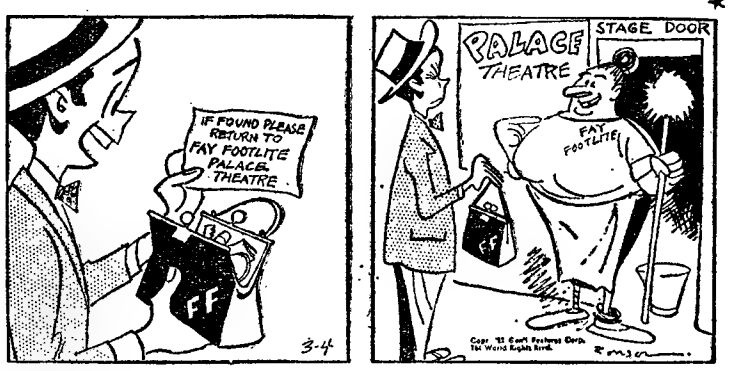
Rua do Ouro, 154

Está hoje de serviço

HÁ TRINTA ANOS

O chefe do Estado inaugurara no dia 4 de Outubro de 1927 a Exposição de «Ex-Libris» na Imprensa Nacional, e Luís Derouet terminara o seu discurso com a seguinte referência que profundamente sensibilizou as pessoas presentes: «Senhor Presidente, está junto de Vossa Excelência a filha de um homem que foi um grande, dedicado e inteligente servidor da Imprensa Nacional e que em vida se chamou Ricardo Maria da Costa. A sua acção, perfeitamente modelar, de homem justo e de artista exemplar, deve ser apontada no aniversário da Republica».

ELE & ELA



Achado pouco feliz

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 e 30: Pierre Cornevin e o seu Conjunto; ás 21 e 45: «Esta palavra Saudade», com a actriz Cremilda de Oliveira; ás 22: Noticiário e actualidades; ás 22 e 20: Teledisco, Amália Rodrigues; ás 22 e 25: Concurso: «Veja se adivinha!»; ás 22 e 55: Três canções pelo Trio Odemira; ás 23 e 5: Últimas notícias e fecho.

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL Às 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é fraco ou moderado de Nordeste e o céu está pouco nublado por acção de uma massa de ar continental transportada na circulação de um anti-ciclone centrado a Sudueste da Irlanda.

Temperaturas ás 9 horas (T. M. G.) de hoje — Penhas Douradas, 12°; Portalegre, 13°; Lisboa, 15°; Faro, 18°; Funchal, 1°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, vento fraco ou moderado de Norte, pequena subida de temperatura.

EFEMÉRIDES

No dia 4 de Outubro de 1582 morreu em Alba de Tormes, Santa Teresa de Jesus, e no de 1853 nasceu Armando Palácio Valdés, autor da novela «Irmã S. Sulpício».

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL—A's 21 e ás 23 — «Musica, mulheres e...».
MARIA VITORIA—A's 20.30 e 22.45 —«Curvas perigosas».
ABC — A's 20.45 e 22.45 — «Casa da Sorte»

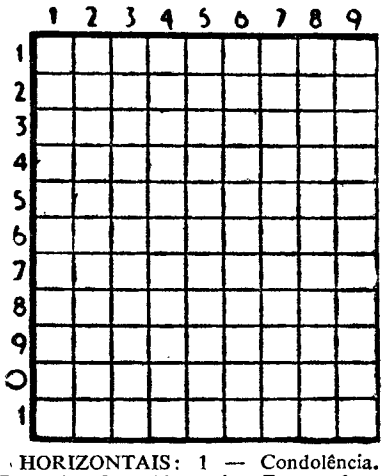
CINEMAS

TIVOLI—«Fantasia».
SÃO LUIZ—«Sublime tentação».
POLITEAMA—«Uma ilha ao sol».
EDEN—«Dois dias no paraiso»
SÃO JORGE—«Aconteceu em Itália».
IMPÉRIO—«Trapézio».
ROMA—«Giovanni de Médicis».
CONDES—«O festival Charlot».
MONUMENTAL—«Arsénio Lupin».
ALVALADE — «Sublime tentação».
AVIS—«Um americano em Moscovo».
ODEON—«Os cavaleiros de Carlos Magno».
JARDIM—«Coração apaixonado».
CAPITOLIO—«Ao Sul de Mombaça».
TERRASSE—«Escrito no vento».
RESTELO—«Sissi, a jovem imperatriz»
PROMOTORA — «Prisioneiros de Casbah».
IDEAL—«Onde morre o vento».
OLIMPIA—«Ouro e sangue».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 2036



HORIZONTAIS: 1 — Condolência. Pegureiro 2 — Alternativa. Esposo. 3 — Cabelos brancos. Esteiro. 4 — Lago salgado do Turquestão. Sustento. 5 — Fecho as asas para descer mais depressa. Compareciam. 6 — Senhor. Preposição. Sexto. 7 — Rio da Russia. Forma proclítica e apocopada de vale. 8 — Chefe etíope. Vila e concelho do distrito de Portalegre. 9 — Contém. Ofereceu. 10 — Apanharem coisa atirada. A mim. 11 — Froixa. Divisão do tempo.

VERTICAIS: 1—Domesticasse. Igual. 2 — Conjunção. Gracejar. Farripas. 3 — Animal doméstico. Carta de jogar (pl.). 4 — Doença. Polvilhos. Reis. 5 — Interjeição. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Deusa. 6 — Céu. Divisível por dois. Também não. 7 — Negoceiam. Avistou. 8 — Protelo. Apelido. Pronome pessoal. 9 — Cantiga. Colunas simples que sustentam uma construção.

Solução do problema n.º 2035

HORIZONTAIS: 1 — Zarelhar. 2 — Era. Ias. 3 — Bê. Rás. P. S. 4 — Mês. Vós. 5 — Lês. Lira. 6 — Restaurar. 7 — Arão. Rãs. 8 Lis. São. 9 — Aa. Mas. Pé. 10 — Cai. Ura. 11 — Caracter.

VERTICAIS: 1 — Zebo. Ralas. 2 — Are. Léria. 3 — Rá. Mesas. Cá. 4 — Resto. Mar. 5 — Lias. Saia. 6 — Has. Luras. 7 — As. Virão. Ut. 8 — Porás. Pré. 9 — Assar. Lear.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efectuado	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	930$00	928$00	931$00
Cons. 3 % T. 10	974$50	974$00	974$50
Cons. 3 1/2 % T. 10...	—	1.011$00	1.015$00
Centenários 4 % 1940	2.223$00	2.223$00	2.225$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	992$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	992$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	992$00	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext.ª 1.ª série car. ...	1.180$00	1.170$00	1.180$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car. ...	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext.ª 3.ª série car. ...	1.345$00	1.335$00	1.350$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	172$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 % ...	—	—	—
Norte de Portugal 5%	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 %...	942$00	941$00	—
Gás Elect. 4 %	955$00	953$00	957$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	980$00	978$00	981$00
Gás Elect. 5 %	1.020$00	1.020$00	1.025$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	92$00
U. E. P. 4 % 1945 ...	—	92$00	95$00
U. E. P. 4 % 1948 ...	—	92$00	95$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	95$00	98$00
U. E. P. 5 % 1951 ...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952 ...	—	—	101$00
Metropolitano	—	—	—
Acções			
Bancos			
Alentejo...	—	—	—
Angola	—	830$00	860$00
Espirito Santo	—	8.700$00	—
Lisboa & Açores	3.210$00	3.200$00	3.220$00
Portugal...	—	—	2.170$00
Ultramarino	1.770$00	1.760$00	1.770$00
Seguros			
Mundial...	670$00	670$00	680$00
Nacional...	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.150$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	1.885$00	1.860$00	1.868$00
Ag. das Neves	—	800$00	830$00
Agric. Colonial..	—	—	710$00
Açucar de Angola... ...	2.770$00	2.770$00	2.790$00
Boror	—	470$00	485$00

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reservas: 45 milhões de Escudos

Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos

Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99—Tel. PPC 366056 (5 linhas)

PORTO: Rua Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20134/36

PENICHE — FÁTIMA — AMARANTE — ARCOS

C.as Ultramarinas	Efectuado	Compra	Venda
Cabinda...	—	—	340$00
Cádá...	—	—	—
Colonial do Buzi	338$00	337$00	339$00
Ilha do Principe... ...	—	2.065$00	—
Incomati...	—	3.650$00	3.700$00
Moçambique..	166$00	165$50	166$50
Zambézia..	183$00	182$50	184$00
Diamantes T 100	785$00	785$00	790$00
Lobito T 10...	2.540$00	2.540$00	2.545$00
C.as Diversas			
Cimentos Tejo...	—	610$00	650$00
Cimentos Leiria	—	490$00	500$00
Crédito Predial	49$50	49$30	49$50
Industrial Aliança ...	—	417$00	425$00
Portugal e Colónias ...	—	417$00	425$00
Nacional Navegação ...	—	—	1.780$00
Colonial Navegação ...	—	1.075$00	1.105$00
Port. de Celulose	2.400$00	2.400$00	2.405$00
Portuguesa de Pesca...	—	1.645$00	1.680$00
Port. de Tabacos	406$00	405$00	407$00
Tabacos de Portugal...	770$00	760$00	780$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934 ...	—	—	290$00
Aguas Lisboa 1936 ...	—	270$00	—
Elect. das Beiras	1.350$00	1.340$00	1.360$00
Gás e Electricidade ...	302$00	301$50	302$50
H. Alto Alentejo	—	147$00	148$00
H. E. Cávado	1.310$00	1.308$00	1.315$00
H. E. Zêzere	1.320$00	1.320$00	—
Nac. de Electricidade..	1.415$00	1.415$00	1.415$00
União Elect. Port.ª ...	235$00	234$00	237$00
Sacor	4.850$00	4.850$00	4.860$00

GRÉMIO NACIONAL DAS CASAS DE CAMBIOS

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	75$00	77$00
Alemanha	6$78	6$93
América:		
Dólares de 1 e 2...	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20...	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000...	28$60	28$90
Argentina	$63	$67
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,5	$57,5
Brasil...	$32,5	$35
Canadá	29$40	29$90
Congo Belga	$55,5	$56,5
Dinamarca...	3$95	4$25
Espanha...	$50	$51,5
França...	$06,2	$06,4
Holanda...	7$25	7$55
Inglaterra...	74$00	76$00
Itália...	$04,5	$04,7
Marrocos	$05,8	$06,3
Noruega...	3$70	4$00
Suécia	5$35	5$65
Suiça	6$72	6$82
Uruguay	6$40	7$10
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	281$00	291$00
Portugal — Barra	32$80	33$30
Portugal — Barra Fino	33$20	33$70

J. BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 72

TELEF. 21273

Papeis de crédito

Notas estrangeiras

Espera-se que Guy Mollet seja formalmente convidado a formar o Governo francês

PARIS, 4 — Ontem, após a sua conferência com o chefe do Estado, o «leader» gaullista Jacques Soustelle declarou nomeadamente:

— Se o presidente da Republica me encarregar de formar Governo, ponto que nunca foi discutido hoje, aceitarei e tentarei formar um Gabinete de união e salvação nacional. O meu primeiro cuidado será ir á Argélia, como aliás será o dever de qualquer presidente do Conselho.

Respondendo ás críticas que lhe foram feitas de ser o responsável desta 22.ª crise ministerial da IV Republica, acrescentou:

— Não derrubei o Governo só por vontade minha: não tenho culpa de que o actual sistema político seja tal que, ao votar-se contra um texto, haja o risco de derrubar o Governo.

Interrogado acerca das relações com a Tunísia, declarou não compreender que amigos da França armem esse país.

Pelo seu lado, Robert Lacoste limitou-se a esclarecer que examinara com o chefe do Estado «as perspectivas de uma solução do problema argelino e as consequências da recusa da lei-quadro sobre o estado político e moral da Argélia».

Por sua vez, num comunicado publicado a noite passada, o partido socialista enumerou as condições do programa mínimo ao qual se conservará fiel e sem o qual será inutil contar com o seu concurso:

a) aplicação das disposições liberais contidas no projecto da lei-quadro para a Argélia, rejeitado pela Assembleia Nacional;

b) continuação da política de «salvaguarda do poder de compra dos trabalhadores» por meio de um bloqueio efectivo dos preços e luta contra a inflação»;

c) aplicação de uma lei-quadro agrícola que garanta ás classes rurais uma remuneração equitativa dos produtos da terra. — (F. P.)

A atitude de Mollet

PARIS, 4.—Guy Mollet, secretário-geral da S. F. I. O., foi chamado ao Eliseu pelo presidente da Republica, o qual lhe pedirá mais uma vez que tente formar Governo.

Se Mollet se recusar, sob o pretexto de que ainda é «cedo demais para fazer essa tentativa», espera-se que caiba a vez a René Pléven, para receber o convite do chefe do Estado.

Entretanto, o general Charles de Gaulle, que muitos apontam como a «ultima esperança», regressou ontem a Colombey-Les-Églises — onde continua a trabalhar no seu Livro de Memórias — depois da sua habitual visita semanal a Paris, que desta vez se limitou a umas escassas 24 horas. De Gaulle regressou ontem á sua residência, na Lorena, tão discretamente como chegara, na quarta-feira á noite, á capital, tendo-se recusado a estabelecer contacto com qualquer entidade directamente ligada á actual crise política.

Hoje, pela primeira vez desde segunda-feira, quando o Governo de Bourgès-Mauneury foi derrotado na Assembleia Nacional, não se vê uma unica referência ao general De Gaulle, nas primeiras páginas da Imprensa parisiense.

Ontem á tarde, o vespertino «Paris-Presse», reproduzia as seguintes palavras atribuidas a De Gaulle:

«Dizem-me que os políticos de todos os partidos afirmam, unanimemente, que só De Gaulle será capaz de descobrir uma solução para o problema da Argélia. Mas, indiquem-me um unico político que tenha proferido tal afirmação na Assembleia Nacional!»

Na opinião de alguns círculos de Paris, se «ainda é cedo demais» para Mollet e outros «leaders» parlamentares, também o é para o «leader» da Resistência da França, durante a segunda guerra mundial. (France Presse e A. N. I.).

Guy Mollet vai tentar?

PARIS, 4. — «Devo esclarecer que a minha primeira reacção foi pedir ao presidente Coty que aceitasse desde já uma recusa da minha parte» — declarou Guy Mollet, depois de ser recebido pelo chefe de Estado, que lhe pediu para formar o novo Ministério. Prosseguiu:

«No meu entender, poucos elementos novos intervieram nestes quatro meses que foram marcados por crises sucessivas. Houve uma a propósito dos problemas económicos e financeiros, outra, por causa do problema argelino. Num e outro caso, as soluções defendidas pelo Partido Socialista não tiveram o acordo da Assembleia. Agora, nenhum sintoma autoriza a pensar que tenha havido alteração».

O dirigente socialista indicou que aceitara finalmente, a instancias do Presidente Coty, uma missão. «Não se trata, esclareceu, de uma missão de informação do género clássico».

Acrescentou que, antes de poder dar uma resposta ao Chefe de Estado, espera «apurar se é realmente possível actualmente, partindo das ideias-mestras do programa defendido pelo partido Socialista, contar-se com uma maioria republicana.

«Tenho de confessar o meu cepticismo: nada habilita a pensar que a tarefa é possível. Gostaria, nesta altura como sempre, de que a atitude do meu Partido fosse compreendida claramente». O secretário geral da S. F. I. O. lembrou então os grandes problemas que o país defronta: Argélia, problema dos preços e suas repercussões no plano social, problema agrícola. E disse ainda: «O meu Partido não pode aceitar uma vez e outra, soluções diferentes das suas, enquanto que, ao mesmo tempo, se impõe a exigência de ceder os seus homens para as aplicar». Acrescentou que dirá isto mesmo aos representantes dos diferentes partidos com quem se encontrar. E' provável, no entanto, que as conversações não comecem ainda hoje.

Por outro lado, nos círculos bem informados, declara-se que, por agora, não se projecta uma convocação do Conselho Nacional da S. F. I. O. Só na hipótese de uma aceitação da missão do presidente Guy Mollet a eventualidade se apresentaria. — (F. P.).

As greves do «dia das reivindicações»

PARIS, 4 — As ordens de greve dadas pelos sindicatos da CGT, CFTC e CGT-FO por ocasião do «dia das reivindicações» na construção civil e na metalurgica, foram seguidas em toda a França, excepto nos departamento do Bas Rhin e Haut Rhin, onde a situação se manteve normal. Estas greves, que afectaram certas regiões onde predominam outras industrias, tiveram apenas o carácter de aviso. A sua duração fixou-se entre 2 e 24 horas, no máximo. Na região parisiense, a ordem de greve dada aos operários da construção civil, a partir das 15 horas, foi observada em numerosos estaleiros e a percentagem de grevistas variou, consoante as empresas, entre 50 e 100 por cento. Na metalurgica, a percentagem dos que se ausentaram do trabalho foi de 70 a 80 por cento. As mesmas percentagens foram registadas em Marselha, Lyon, Saint-Nazaire, Lille, Lorient, Brest, Montbeliard, etc.

Em Nantes, os empregados e operários dos transportes em comum juntaram-se aos seus camaradas da construção civil e da metalurgica. — (F. P.)

As manifestações na Tunísia de carácter antitrancês têm o assentimento do Governo

TUNIS, 4—Em todo o território da Tunísia serão levadas, hoje, a efeito manifestações contra a França, com o consentimento do presidente Habib Bourguiba.

Através da rádio, Bourguiba declarou ontem aos Tunisinos que não interferia, se quisessem organizar manifestações e «empenhar-se numa batalha para a evacuação dos cidadãos franceses e exigirem que a soberania da Tunísia seja respeitada».

No entanto, depois de avisar que a Polícia iria hoje para as ruas, na sua máxima força, Bourguiba disse:

«Quero lembrar ao povo tunisino que todos somos responsáveis pela vida e segurança dos Franceses e outros estrangeiros que vivem entre nós e são nossos hóspedes».

Até agora, já foram expulsos da Tunísia 12 cidadãos franceses.

Observadores autorizados acentuaram, esta manhã, que a reacção do Governo tunisiano contra as alegadas violações da fronteira pelas tropas francesas — mandando recolher ontem o seu embaixador em Paris, Mohamed Masmoudi, e dando, hoje, carta branca aos manifestantes—obedece a um plano cuidadosamente estudado, para surpreender a França com o seu programa de reformas para a Argélia metido novamente na gaveta, o seu Governo sem «leader» e a sua política argelina em vésperas de ser debatida nas Nações Unidas.—(A. N. I.).

Greve de protesto contra bombardeamentos

TUNIS, 4 — A União Geral dos Trabalhadores da Tunísia decidiu para hoje uma greve geral em todo o país «como protesto contra os recentes bombardeamentos das aldeias fronteiriças pela aviação francesa».—(F. P.).

A reacção da imprensa francesa

PARIS, 4—Toda a Imprensa parisiense, com excepção dos órgãos da extrema esquerda, se mostra irritada com o discurso do primeiro-ministro tunisino, ontem.

Escreve o «Aurore» que os objectivos de Bourguiba «são, uma vez mais, simples e evidentes: empenho em fazer pressão na evolução da crise política francesa... Empenho em fazer pressão na O. N. U., lançando acusações mentirosas á França...».

«Bourguiba tem o sentido do regateio, para não dizermos da chantagem, exercendo-o quer entre Leste e Oeste, quer entre os próprios ocidentais»—afirma o «Parisien Libéré», acrescentando: «Se tomasse os Franceses por imbecis, não se manifestaria noutros termos».

Para o «Franc-Tireur», «fossem quais fossem as razões que Bourguiba entendeu dever invocar, admira que tenha escolhido um momento excepcionalmente crítico da vida política francesa para tomar decisão tão pesada de consequências para o futuro das relações franco-tunisianas. Julgava-se que o presidente tunisiano dominava a situação suficientemente para aguardar o desenlace da crise francesa.

O «Populaire» afirma que «o pretexto utilizado por Burguiba está singularmente deformado. De facto, os aviões franceses que guardam a fronteira argelo-tunisiana e os grupos armados que tentam atravessá-la, foram repetidas vezes metralhados com armas automáticas postas em bateria no território tunisiano...».—(F. P.).

88 rebeldes abatidos na Argélia

ARGEL, 4—88 rebeldes abatidos e 22 capturados—é o balanço das operações de ontem na Argélia. As forças da ordem exercem grande actividade na Orania, onde houve um recontro perto de Perregaux, na região de Constantina. Recuperaram-se muitas armas.—(F. P.).

A Tunisia fecha um consulado francês

TUNIS, 4. — O Governo da Tunísia decidiu encerrar o consulado francês em Kef e pediu que o cônsul de França saia da região o mais breve possível. — (F. P.).

NEHRU NO JAPÃO

TÓQUIO, 4. — Chegou a esta capital o primeiro-ministro e titular dos Negócios Estrangeiros da União Indiana, Jawaharlal Nehru, para uma visita oficial de seis dias ao Japão.—(F. P.).

Os estudantes de Varsóvia organizam hoje um comício de protesto contra o autoritarismo político

VARSÓVIA, 4. — Depois dos violentos disturbios ocorridos entre estudantes e milícias operárias, esta capital, á meia-noite e trinta, não dava sinais da menor inquietação e a calma estava completamente restabelecida.

A praça Naratowicza onde deveria realizar-se um comício de protesto contra a supressão do hebdomadário «Poprostu» pelo partido comunista polaco, bem como as ruas vizinhas, juncadas de pedras, tijolos, garrafas partidas e placas arrancadas do pavimento dos passeios, tinham o ar de um verdadeiro campo de batalha.

A' meia-noite e trinta e cinco, a praça estava quase deserta, nela circulando apenas algumas milícias, numa atmosfera ainda impregnada de gases lacrimogéneos.

Contudo, os estudantes tencionam organizar hoje, ás 18 horas, no mesmo local, outro comício de protesto contra a suspensão do semanário e contra os métodos empregados pelas autoridades polacas. — (F. P.).

Ultimas notícias

• Dois ministros vão a Évora

EVORA, 4—*(Pelo telefone)*—Está marcada para 22 do corrente a inauguração de vários melhoramentos em Evora e noutras localidades do concelho, á qual estarão presentes os srs. ministro do Interior e das Obras Publicas. Entre os melhoramentos contam-se o novo quartel dos bombeiros, as novas instalações da Casa Pia e o pavilhão de infecto-contagiosos do Hospital da Misericórdia de Evora. Também serão inauguradas a rede eléctrica das freguesias de Nossa Senhora de Machede e de Graça do Divor e a rede de abastecimento de água á freguesia de Boa Fé.

• Duas crianças na linha férrea

GUILFORD (Inglaterra), 4 — Um rapazinho de 4 anos, Alan Buxton, morreu e o seu companheiro Robert Duncan Powell, de 3, perdeu um braço quando um comboio eléctrico os colheu perto das suas casas.

Os dois pequenos andavam a brincar a algumas centenas de metros do local onde residiam, quando decidiram escalar um gradeamento e experimentar as suas «scooters» nos «rails» da estação ferroviária. A distracção durou escassos minutos: um comboio surgiu, a grande velocidade e matou Alan — (A. N. I.).

• O bloqueio de San Marino

SAN MARINO, 4 — Pela primeira vez em 48 horas, procedente de Rimini, entrou nesta Republica o primeiro carregamento de víveres — um camião com peixe, que conseguiu escapar ao bloqueio da Itália. Esta madrugada, já não havia manteiga, sal, cigarros e nos estabelecimentos restavam apenas alguns legumes e fruta.

Entretanto, um hoteleiro de Rimini, afirmou que a crise política de San Marino não passava de uma «manobra de publicidade» com o objectivo de «atrair os turistas que visitam a Itália». — (A. N. I.).

• Barco russo encalhado

CALCUTÁ, 4. — Encalhou no rio Hugli, a cerca de 50 quilómetros de Calcutá, o cargueiro russo «Bagdan Khmelnitski», que transportava um carregamento de arroz de Ranguna.

Malograram-se todos os esforços despendidos para libertar o barco carregado. As autoridades ordenaram, por isso, que se descarregasse o arroz, enquanto a Polícia fazia guarda, a fim de evitar roubos. A região onde está o navio russo sofre de uma falta aguda de arroz.—(A N. I.).

• 20.000 homens em greve no Brasil

RIO DE JANEIRO, 4 — Vinte mil trabalhadores da industria do açucar declararam hoje a paralisação do trabalho no Rio, em São Paulo, em Niteroi, em Caxias e em Três Rios, depois de vários dias de negociações entre os sindicatos patronais e operários, sem que se chegasse a acordo sobre o aumento de salários exigidos pelos trabalhadores.

Receia-se que a suspensão venha a afectar o abastecimento de açucar aos principais centros do país. — (ANI).

ESCOLA ACADEMICA

Com mais de um século de existência (Fundada em 1847)
Agraciada em 1947 com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS
Infantil, Primário, Comercial e Liceal (completos), Ciclo Preparatório para o Ensino Técnico e Admissão aos Institutos (Comercial e Industrial)
INTERNATO E EXTERNATO (sexo masculino)
LARGO DO CONDE BARÃO, 47 — LISBOA
(Palácio Condes de Pinhel — Tel. 66 24 30)
ESTAO ABERTAS AS MATRICULAS

Restaurante MONTES CLAROS

Comunica aos seus Ex.mos clientes que o seu salão se encontra hoje reservado aos jantares para um banquete.

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Telefone 14
Amanhã. Sábado:
Almoço com folclore regional
Ensopado de enguias
FAMOSO PRATO REGIONAL
do RIBATEJANO de Salvaterra

RESTAURANTE ALVALADE

Comunica aos Ex.mos clientes que o seu salão se encontra reservado, para casamento, amanhã, sábado, aos almoços.

DOMINGO — CHÁ-DANÇANTE
Todas as noites e aos jantares CONJUNTO POTIER Com o acordeonista ARTUR ANDRADE

vida literária

os nossos contos

O LIVRO

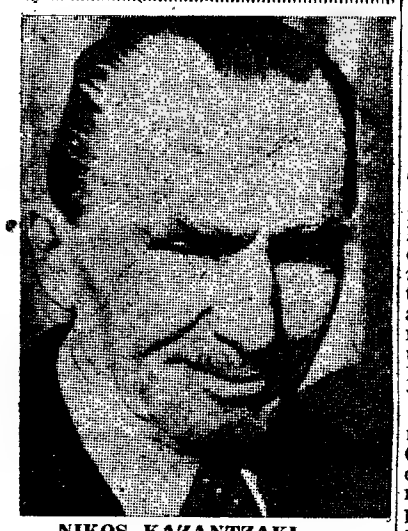
por JORGE MOTA

Mirou-o longamente. Parado em frente da montra, esteve um bom pedaço a cobiçá-lo, demorando os olhos no título em letras vermelhas, na sóbria capa branca cercada por um fino traço negro. E subitamente surgiu no seu espírito a imagem clássica dos filmes sentimentais produzidos em série. O miudo esborracha o nariz no vidro da montra, contemplando em êxtase os pastéis de nata. E' então que surge a heroína-rica-jovem-e-bonita. Arrasta docemente o garoto para a pastelaria e empanturra-o de bolos, ante o espanto severo dos empregados.

Mas nenhum destes pensamentos mudou a situação. O facto primário, á volta do qual girava o Universo nesse momento, permaneceu o mesmo, imutável e granítico. Continuava a ter no bolso vinte e três tostões. Não esborrachou o nariz no vidro grosso. E também não surgiu nenhuma heroína simpática e generosa. Duas mulheres magras, muito distintas, desciam a rua. Resolveu entrar na livraria. Lá dentro pairava um cheiro especial, uma mistura de *soalho encerado* e *papel impresso*. Duas ou três pessoas vagueavam por entre as estantes. Ao fundo, monotonamente, um empregado retirava de uma prateleira alta pilhas de livros. Feliciano começou a procurar o livro que cobiçara lá fora.

Ali estava algo sobre a Arte florentina. Abriu ao acaso. Olhou. O Colleone impelia orgulhosamente o cavalo, duro e hirto na sua armadura de pedra. Deixou escapar por entre os dedos umas vinte páginas. E topou com um S. Jorge romantico, num romantico corcel

(Continua na página seguinte)



NIKOS KAZANTZAKI

Niques Kazantzaki

Extraordinário escritor grego, verdadeiro génio da literatura, sem duvida um dos maiores romancistas do nosso século, que um dia, veremos consagrado com o Prémio Nobel.

Foram agora traduzidos em Portugal dois poderosos romances de Kazantzaki: «Liberdade ou morte», que decorre na ilha de Creta, e «Cristo recrucificado», ambos de projecção universal. Duas autênticas obras-primas, pelo seu intenso fluxo humano, o seu veemente sentido dramático, e mesmo, de certa maneira, («Cristo recrucificado») pelo seu expressivo simbolismo.

Bem se pode dizer que Kazantzaki atingiu nessas obras o vértice da epopeia.

Au Jardin de l'Infante

de Albert Samain

Il pleut des pétales de fleurs.
La flamme se courbe au vent tiède;
De mes deux yeux je te posséde,
Et mes yeux ont besoin de pleurs.

Vieille argile faite aux douleurs,
Quel goût de souffrir sans remède
Harcèle ainsi le cœur qui cède...
Il pleut des pétales de fleurs.

Les roses meurent, chaques et toutes...
Je ne dis rien, et tu m'écoutes
Sous tes immobiles cheveux.

L'amour est lourd — Mon âme est lasse...
Quelle donc, Chère, sur nos deux
Cette aile en silence qui passe?

Desenho do pintor Jardim Portela

O PRETO NO BRANCO

O ouvido da terra

de RAMADA CURTO

É um aparelho que levou anos a construir e que custou muitos milhões de dólares. É o aparelho em questão, como tudo que se faz hoje, electrónico. Os astrónomos foram habilitados a ouvir o que é um progresso. Com os telescópios limitavam-se a ver. Agora ouvem. Não acredito que se levasse tanto tempo e gastasse tanto dinheiro só para ouvir estrondos cósmicos, explosões de estrelas, o chiar dos planetas nas suas rotações por falta de lubrificação nos respectivos eixos. A velocidade de recessão das nebulosas espirais que fogem umas das outras a unhas de cavalo, deve ser acompanhada de um silvo cósmico. As manchas solares devem corresponder a formidáveis explosões intestinais do astro-rei. O ouvido da terra deve ouvir a musica das esferas. Não julgo que se possa ter inventado tal coisa com intentos publicitários. Ou será que dos planetas mais próximos de nós, nós chegaremos a ouvir comunicações acusticas com sentido — os progressos políticos de Jupiter, as inovações nos armamentos de Marte, as modas femininas de Venus, informando-nos se as mulheres por lá usam combinações ou camisinhas com alças? Eu bem sei que a Ciência é uma actividade desinteressada. Para fazer uma ideia do Universo o sábio precisa de escutar depois de ter passado anos a espreitar. Que segredos nos terá que revelar a gigantesca Canopus, a luminosa Sirius, as estrelas que compõem a Ursa Maior. Que segredos terá para nos revelar a estrela polar?

(Continua na 20.ª página)

Voltaire falsificou um breve de Benedito XV

Descobre-se duzentos e dôze anos depois

Só agora, depois de 212 anos, se descobriu que o malicioso Voltaire, com uma desenvoltura digna de qualquer dos seus famosos personagens, falsificou um breve do papa Benedito XIV para lhe servir a reputação literária e confundir os detractores.

O caso conta-se em poucas palavras: em 9 de Agosto de 1742 subia á cena, na Comédie Française, uma tragédia do autor de «Candide» intitulada «Mahomet ou o fanatismo». A peça provocou escandalo e três dias depois era retirada do cartaz.

Os católicos não gostaram que o senhor de Ferney os acusasse de supersticiosos.

Meses depois, Voltaire fazia circular um «breve» pontificio, que rezava assim:

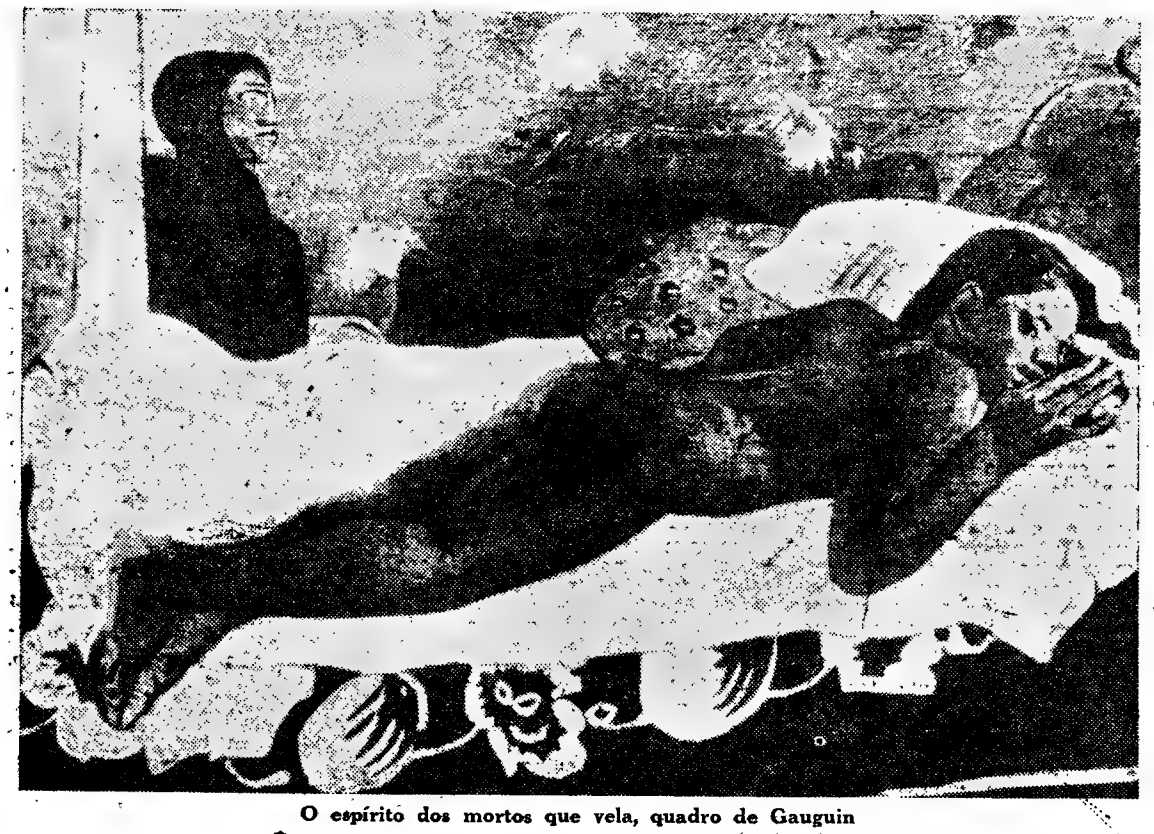
«Há algumas semanas ofereceram-nos da vossa parte e bela tragédia «Maomet» que lemos com o maior prazer. Seguidamente, o cardeal Passionei, em vosso nome, presenteou-nos com o excelente poema «Fontenoy». Monsenhor Leprotti deu-nos a legenda que fizestes sobre o nosso retrato. Ontem, de manhã, o cardeal Valenti entregou-nos a vossa carta de 17 de Agosto, etc.».

Quem descobriu que este «breve» era falso? O livreiro parisiense Jacques Lambert, pesquisando um masso de manuscritos e documentos de Voltaire. Maurice Chepelan narrando o facto, no «Figaro Litteraire», diz que no apocrifo se verifica nitidamente que a letra não é italiana, que numerosas faltas denunciam o trabalho de um copista francês, que o papel é do chamado Normandie, e ainda que a cera vermelha com as armas do papa Lambertini, selando o pseudo «breve» não foi aposta conforme as regras.

É verdade que o Sumo Pontifice escreveu, pelo menos, uma vez a Voltaire agradecendo-lhe o envio do «Poema de Fontenoy» — conforme se demonstra por uma minuta existente nos arquivos do Vaticano. Nela, porém, não há qualquer alusão ao explosivo «Mahomet».

Com toda a evidência, o do «Micromegas» não se arriscaria a mandar a Benedito XIV semelhante obra.

Os sarcásticos malefícios voltairianos não acabam por aqui. Há também conhecimento de ele ter falsificado uma carta de Frederico II, que o criticava por ter caluniado Maupertuis.



O espírito dos mortos que vela, quadro de Gauguin

- **A memória dos cantores de ópera está da garganta para baixo.**
- **Os espelhos biselados olham-nos de perfil.**
- **O amor é uma corrente de ar que nos fulmina de pneumonia.**
- **As tangerinas têm o frio das menores indefesas.**
- **Os macacos meditam sobre a imortalidade do amendoim.**
- **Os patos vêem de noite um fantasma com barrete de cozinheiro.**

RAMON GOMEZ DE LA SERNA

EDITORES ÁTICA LIVREIROS

"Pintura à Sombra dos Mosteiros"

A PINTURA RELIGIOSA PORTUGUESA DOS SÉCS. XV e XVI

pelo Prof. Myron Malkiel-Jirmounsky

Rua Alexandre Herculano, 17-A — Telef. 52656 — LISBOA

LIVROS E AUTORES

COMENTARIOS DE ARTUR PORTELA

Novelas

QUATRO REIS

por Mário Braga

Mário Braga é um novelista gerado nas páginas da esclarecida revista «Vértice» que, na verdade, é um dos «vértices» da cultura e do pensamento da nova vaga humana (a geração de 1930).

Em «Quatro Reis» dá-nos um livro de contos que é uma bizarra afirmação literária. Realista, melhor neorealista penetrantemente humano, com laivos da escola americana, por vezes, derivando para a sugestão e o indefinido, que o leitor capta por interferências, Mário Braga é um escritor com presença, de voz singular. O primeiro conto, que dá o título ao livro, o unico, francamente, citadino (Coimbra?) patenteia bem a sua maneira directa, linear, que vai ao fundo dos caracteres, através das atitudes. Um dos parceiros do «bluff» ganha uma partida, subtilizando uma carta. O acto é sugerido e não apontado pelo novelista. O impreciso, o indeciso, que Mário Braga deixa, como um rasto nessa novela, tem mais interesse para o leitor que *viu*, o que a quase todas as personagens passou despercebido.

Os outros contos são todos rusticos. A linguagem é precisa, os temas vigorosos, as figuras reais de substancia. Entre outros citamos, «A cabeça de burro», no qual se desenha um vedor, louco pesquisador de águas e de tesouros; «História de caça», onde a identidade da personagem, um larápio famoso, que se converte em abastado comerciante, numa terra da provincia, sem que ninguém a não ser o leitor suspeite do seu passado criminoso; e, sobretudo, «Lobos», homens famintos, meios ladrões, meios contrabandistas, ligados por uma sangrenta e dramática solidariedade.

Mário Braga é preciso. Sente os assuntos que trata. Tem um poderoso sentido dramático. É um bom prosador, sem maravalhas de estilo, que deve ocupar um lugar de relevo entre os primeiros que se alimentam do cerne da vida e da lingua nacionais. Há nele uma densidade emotiva, não artificializada com palavras, mas que flui dos próprios conflitos, do seu nucleo brutesco, digamos assim, que o individualiza no nosso panorama literário. Como nos quer provar que assuntos não faltam no quadrilatero geográfico português. Mário Braga escava, arranca á terra esquecidas raizes, duras, grosseiras, tortuosas, cheias de gibas, que ressumam, quando feridas, lágrimas ainda ignoradas da vida. *(Vértice)*.

ROMANCE

O 3.º INIMIGO DA ALMA

por João Ilharco

Será o «3.º inimigo da alma» de João Ilharco, um romance tecido de recordações? Sem duvida, o seu autor sabe escrever, e traça um largo quadro da vida portuguesa que se pode situar, cronologicamente, há uns quarenta anos. Quer-nos, porém, parecer que o escritor, no encadeamento da acção, se preocupa mais em fazer como que uma demonstração de factos e ideias do que propriamente, em analizar a complexidade da psicologia humana. Por outras palavras é demasiadamente materialista. O seu Jorge, o herói, que deve ser belo como famoso Apolo de Belvedere» vive demasiadas aventuras. Estuda numacidade de província. Deixou na terra uma namorada bonita. Mas as raparigas perseguem-no, pobres e tontas borboletas, que logo quebram as suas asas mal ele as olha, ou mesmo quando pretende fugir á sua sedução. Não haverá demasiado materialismo e apriorismo nisto? Reduzir o amor ao acto da posse, á volupia instintiva, fazer da mulher um animal de presa ou dar-lhe, apenas, a frágil carne de Eva, sem algo de mais alto, o espírito, sobretudo na idade, da juventude, sobretudo na época prescrutada pelo romancista, em que esse valor humano tinha um valor concreto— parece-nos demasiadamente estricto, unilateral. «O 3.º inimigo da alma» desorienta-nos um pouco sob outro aspecto. Quais, afinal, as ideias do autor? O paralelismo entre o «Cantico dos canticos», de Salomão e certas cenas de alcova, pressupõe uma finalidade, para já não falar noutras referências. No fim, parece, na morte de Clara, aliás bem dada, emocionalmente, o autor como que se aproxima, pelas invocações de várias personagens, do que, sofisticando um pouco a expressão, podemos chamar o Divino. Evidentemente, em literatura, não pode haver um quadro fixo de ideias, e só serem boas estas em detrimento daquelas. O que se pretende é coerência, unidade de pensamento. «O 3.º inimigo da alma», como o título deixa entrever, é um romance demasiadamente no aspecto com cenas de um realismo excessivo, de uma nudez desnecessária. Um facto nunca pode generalizar-se. Melhor a excepção não faz lei. João Ilharco demonstra que é um romancista, por vezes, com certas ingenuidades e exageros, mas com qualidades para fazer uma obra mais equilibrada que não deixaria de ser, mais valiosa, no aspecto artistico e literário.

«Liberdade ou morte»

■ *Livro imenso, poderoso, truculento e patético, «Liberdade ou morte» é uma epopeia moderna. Nikos Kazantzaki é um romancista extraordinário, um construtor de uma obra já vasta e impressionante.*

«Liberdade ou morte» narra o drama de Creta sob o domínio turco. Fresco colossal de homens e costumes, colorido, intenso, mordaz e trágico, deve considerar-se um dos melhores romances dos ultimos tempos.

As figuras de Kazantzaki são de tal maneira fortes e nobres que parecem gigantes. Nikos Kazantzaki, neste romance «Liberdade ou Morte», descreve ao vivo os revoltosos de Creta, amassando-os em paixão, em dor, em brutalidade, em humanidade. «Liberdade ou morte» está repassado de uma força imensa e incontrolável. (Edições Cor).

«Focus»

■ *Newman, a figura central de «Focus» é o americano médio, vagamente consciente dos perigos mas com um desejo imenso de se afundar na multidão, no anonimato, na vida pacata. Quer viver sem fazer barulho, sem chamar a atenção de ninguém.*

E é este Newman que as realidades abalam. Tomado por judeu é desprezado, despedido do emprego, espancado. «Focus» narra a luta interior e silenciosa de Newman, uma tomada de consciência, uma revolta.

Arthur Miller não nos dá aqui o problema judaico nos E. U. em toda a sua profundidade e significado. «Focus» não atinge a força dramática das peças «Morte de um caixeiro viajante», ou «As feitceiras de Salem». Mas é um romance vigoroso, emocionante e digno, onde avulta a poesia e a tragédia do cotidiano. (Edições Ulisseia).

O poeta grego Menandro. Perderam-se muitas das suas obras, que apenas são conhecidas pelas versões de Plauto e Terencio

Os nossos contos

(Continuação da página anterior)

branco, enfiando uma lança nas goelas tristes de um pobre dragão de farsa. Á esquerda, de mãos postas, cheia de calma, uma dama observava o feito. Fechou o livro. Deitou um olhar á estante mais próxima, e bateu em retirada, horrorizado. Toda uma vasta colecção de romances policiais se ostentava, impudica e triunfante, nas suas capas berrantes.

—Compreende, — dizia uma senhora, ao fundo — eu queria qualquer coisita leve... Que se possa oferecer a uma rapariga...

O empregado acenava que sim, e dirigia-se a uma estante.

—Que ela gosta muito de ler, sabe?... Tem muito gosto pela leitura... — insistia a senhora, trotando atrás do homem.

Feliciano refugiou-se numa «História da Inglaterra», vasta e cheia de mapas extremamente elucidativos. Leu: «...que era considerado pelo partido pontifício no Continente como pouco menos que um cismático, devido ás suas ligações com um anti-Papa.» Ao lado, a tapeçaria de Bayeux, onde o infeliz Haroldo tenta arrancar do olho direito a flecha normanda, num esforço de oitocentos anos. E um belo gráfico provava, entre outras coisas, que Gytha era filha de Thorgils. Pousou o livro, aborrecido. Recusando deixar-se impressionar pela capa algo erótica de «Tahiti — país de sonho». Feliciano percorreu toda a estante em busca do livro ambicionado.

E' certo que com vinte e três tostões ninguém compra um livro. Mas queria tê-lo nas mãos. Abri-lo. Ler passagens ao acaso. Uma frase aqui, outra mais além. Todas essas pequenas coisas são como que uma garantia. A garantia de que ainda possuiremos aquilo que desejamos. As coisas em que e toca parecem mais acessíveis. Nesse momento um rapaz forte, inexcedivelmente elegante, entrou na livraria. Á frente caminhava uma rapariga loira, bonita, fresca e sadia. Sorriam e falavam alto, despreocupadamente, atirando as palavras do cimo de uma omnipotência a um tempo afectada e natural. Feliciano ficou a olhá-los. E logo a seguir descobriu o *seu* livro. Pegou-lhe distraídamente. O atleta elegante interpelava o empregado.

—«L'être et le néant», tem? Do Sartre...

O empregado acenou respeitosamente que sim, e afastou-se. Feliciano sentiu que tinha fortes razões para adiar aquele Hercules impertinente. Porque era atlético. Porque ia comprar «L'être et le néant». Porque vestia um admirável casaco azul com botões de metal. E tomou logo um ar negligente. O ar de quem possui milhões nos bolsos do colete mas não compra nada porque, aí dele, ainda não achou uma obra-prima. O ar de quem acaba de chegar de Marte e tem a Verdade na gaveta da cómoda. Folheou o livro, espiando cautelosamente o par. «Les hommes ne sont convaincus de vos raisons, de votre sincérité et de la gravité de vos peines, que par votre mort». Leu, e não compreendeu nada. Não achava sentido algum nas palavras. Sons. Sinaizinhos pretos ligados uns aos outros...

—Sabes, foi o João que me aconselhou a ler esta coisa — explicava o filho de Jupiter e Alcmena, abotoando o seu afrontoso casaco azul. Ela sacudiu a cabeça loira e, num tom mais baixo, começou a contar qualquer coisa. Devia algo ser muito divertido, porque ambos riam com frequência. Feliciano continuou a folhear o livro e a escutar. «...dans l'histoire des générations...» — A Nani e o Pedro Manuel... (risadas) — prosseguia a rapariga. «...amener dans la lumière de la vérité...»—... na praia, com os pais, calcula tu! «Les martyres...» — Incrível, filha!

O empregado voltou, carregando a tese filosófica de Jean Paul Sartre.

—Céus!—exclamou ela— É enorme! Parece um dicionário!

O rapaz riu. Feliciano aproximou-se. O vencedor da hidra de Lerna pagava na caixa.

—E agora, onde queres ir?—perguntou.

Caminhavam para a porta. A resposta da rapariga loira perdeu-se no ruído exterior. Feliciano sentia-se derrotado. Já não tinha milhões espalhados pelos bolsos, nem a Verdade na gaveta, nem a omniscência indulgente que dá o génio. Voltara a ter vinte e três tostões e o ar de quem acaba de tomar o barco de Cacilhas. Sentiu-se infeliz e liquidado. Odiou aquele par de *snobs*. Mas encontrou-se a desejar um carro de corrida, meio metro a mais de altura e um casaco azul com botões de metal. E também uma rapariga loira e fresca, a quem ele pudesse explicar por que era belo aquele livro. Abriu-o na ultima página. «Il est trop tard, maintenant...» Sim, era realmente demasiado tarde. Colocou o livro na estante. Procurou no bolso os seus vinte e três tostões. Ia tomar café... Saiu.

J. M.

EDITORES ÁTICA LIVREIROS

Apresenta o 9.º Vol. da sua

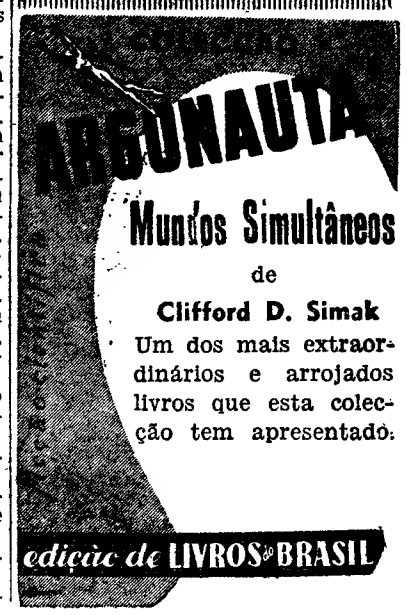
«COLECÇÃO JURÍDICA PORTUGUESA»

"Código Penal Português"

Actualizado e Anotado

pelo Dr. **João de Deus Pinheiro Farinha**, Juiz de Direito

Rua Alexandre Herculano, 17-A — Telef. 52656 — LISBOA



Esta semana, diz o médico...

Causas alarmantes da Esquizofrenia

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

DOENÇA muito grave, a esquizofrenia figura hoje entre as afecções que torturam a Humanidade. Constitui um dos grandes problemas de saúde pública em muitos países, ocupando os enfermos mais de metade das camas dos hospitais psiquiátricos (Derek Richter, «Schizophrenia: Somatic Aspects», Londres, 1957).

O mesmo autor acentua, com propriedade: «...is the biggest single problem in the whole of medecine».

Não evoluciona esta enfermidade da mesma maneira em todos os doentes feridos pelo mal, e o prognóstico nem sempre é totalmente desfavorável. Baseia-se o diagnóstico nas anomalias de ordem psicológica e no exame atento, minucioso, espectral da vida, da realidade e da personalidade do doente.

Para determinados autores, a caracteristica mais importante da esquizofrenia é a rotura dos laços que ligam o indivíduo ao meio, laços estes que lhe permitem, a todo o tempo, a noção do real, o sentimento de segurança, de adaptabilidade e de bem-estar.

Do ponto de vista clínico, a doença revela um conjunto de sintomas que, na grande maioria dos casos, se repete e reproduz em todos os doentes.

As modalidades das diferentes culturas e meios ecológicos podem sombrear ou colorir determinados sinais, isto é, emprestar á sintomatologia cor em relação com a clivagem social. Esta coloração de sintomas, em relação com o meio, fornece ao clínico via segura de diagnóstico.

No presente momento a afecção é reconhecida, e delimitada pelos desvios psicológicos. São, porém, factores importantes: os genéticos (hereditários) e os somáticos (fisiológicos) que se casam e ligam com os psicológicos.

A proporção de indivíduos geneticamente predispostos á esquizofrenia traduz-se por um a cinco por cento do total da população. Em indivíduos com mais de sessenta anos a proporção tomba, não ultrapassando um por cento.

Não é possível, segundo a opinião dos autores actualizados, reduzir os riscos hereditários. Entre os factores não-hereditários contam-se os toxicos e todos os traumatismos que alteram profundamente o equilíbrio fisiológico, favorecendo de algum modo o papel e a importancia das alterações genéticas.

São decisivos, no desencadeamento e progresso da esquizofrenia, os factores psicológicos e sociais, hábitos adquiridos e mal contidos, regados por bebidas caras e altamente tóxicas para o organismo e, em especial, para o cérebro. Todos os traumatismos psicológicos, sofridos durante a infancia, contam, ficando a marcar o destino ou a desviá-lo do curso natural.

A desorganização do agregado social (Baruk) influi desfavorávelmente. O isolamento, quando o ser humano não se encontra preparado para ele ou é para ele arrastado por temperamento poético, fornece um contingente considerável de doentes.

A rápida e desordenada preparação intelectual, o esforço repetido e fatigante, accionado pelo desejo de adquirir mais e sempre mais conhecimentos, a sobrecarga erudita, incompatível com determinados temperamentos, podem ser fatais.

Em nossa vida de escolar passaram alguns lentes, feridos por rápida, estranha evolução cultural, chegando a deixar a impressão, aliás imprecisa, de autenticidade erudita esquizofrénica.

Tão rápida evolução — acentuamo-lo — pode originar uma rotura de normalização, das concepções sociais e até dos usos estabelecidos há muito tempo.

Alguns poetas modernistas, pintores abstractos, cuja expressão pictórica se traduz pelo exagero contorcionista de linhas e da cor, roçaram, em dado momento, o mundo dos doentes mentais.

O aspecto social do problema em equação terá de interessar, de modo que seja protegida a saude publica e colectiva e bem assim os responsáveis do estabelecimento da política sanitária, social e económica.

Urge encarar com energia (e aqui justifica-se um dirigismo rigoroso e controlado) o problema das famílias desunidas, vítimas do grande temporal da vida, do desregramento dos costumes e do desgaste do util, chamando á realidade os que «arranham o despeito entre vidros partidos» e vivem, como acentuou Mário de Sá Carneiro, nos «salões roídos»... Torna-se necessário combater os desdéns crispados, reunindo em vez de separar.

Qual a razão por que todos estes factores se conjugam e completam? O encontro do mecanismo actuante seria de grande alcance para o estabelecimento de úteis medidas profilácticas, destinadas a combater com eficácia, além da esquizofrenia, todas as principais doenças mentais que isolam o indivíduo do grupo.

Não existe ainda hoje, apesar dos esforços somados e gastos, um conjunto de medidas destinado a combater a esquizofrenia, a reduzir a percentagem verificada pelos serviços competentes e especializados. Quando muito, em alguns casos, se a intervenção é bem conduzida, consegue-se combater esta ou aquela manifestação do mal.

No tratamento desta doença podem diferenciar-se três aspectos: o somático, o psicológico e o social, complementares uns dos outros e vizinhos nos efeitos a atingir.

O internamento em hospitais psiquiátricos não deve ultrapassar o período julgado estritamente necessário. A estadia prolongada resulta altamente nociva. A terapia terá, por conseguinte, de ser conduzida e adaptada a cada caso, a cada ser ímpar.

O aspecto social do problema é importantíssimo se, na realidade, pretendemos estabelecer um conjunto de medidas úteis e enérgicas.

O público tem sido, em parte, elucidado sobre os perigos do cancro, da tuberculose, das doenças do coração e dos vasos e ainda do reumatismo, nas suas diferentes modalidades.

Tudo desconhece ou, na melhor das hipóteses, pouco sabe destoutro mal, que vitima, em todos os países da terra, milhares e milhares de preciosas vidas humanas.

A família, na generalidade, pouco conhece dos perigos das doenças mentais.

Debaixo do mesmo tecto, os indivíduos ignoram-se, existem separados uns dos outros, minando-os a diferença, o desacordo, a luta, que o mesmo é dizer que há ausência de amorosidade no trato.

Passam, assim, despercebidos sintomas importantes, privando-se o médico da oportunidade de agir a tempo e os centros psiquiátricos, por sua vez, de intervir com eficácia, restituindo ao conjunto social, passado o período de tratamento, elementos necessários e até preciosos.

Martin Roth, num trabalho notável («Interaction of Genetic and Environmental Factors in the Causation of Schizophrenia», Londres 1957), actualiza a origem das causas, focando em especial a catatonia recorrente.

São importantes, além da genética, os estudos da electrencefalografia, da bioquímica, das alterações endócrinas e, também, as características físicas da doença.

Perante os factos apontados terá de concluir-se, em resumo, que a esquizofrenia constitui um problema em suspenso para a saude publica, problema a somar a tantos outros que escurecem o futuro da Humanidade.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DESABADO * LEITURA DE SABADO *

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DESABADO * LEITURA DE SABADO *

O cavalo de Troia

Texto integral do conto de

William Johnson

—DESDE quando é que te julgas um Al Capone? Tu és um escroque, um ladrão de terceira categoria, um tipo absolutamente falhado. Vales tanto como um carteirista.

Alex estava em frente de Tom Blunt e falava alto, agitando uns grandes punhos ameaçadores.

—Quem manda aqui sou eu. Quem dirige sou eu. Não quero aqui revoltas, acções isoladas, iniciativas secretas. Se levantas um dedo esmago-te.

Tom Blunt era um sujeito pequeno mas não parecia atemorizado. Tinha uns olhos vivos e espertos e sorria de troça.

—Essa história já acabou — disse com a sua voz melodiosa e doce. Desligo-me do bando. Vou trabalhar por minha conta.

—Mas tu não tens autoridade. Tu não tens armas. Tu não tens o teu bando organizado. Estás sózinho— rugiu Alex.

Era o maior «gangster» da cidade, o mais feroz e o mais forte. Rico, considerado, tinha um batalhão de advogados para o defenderem e alibis primorosos. Tom Blunt podia considerar-se um mosquito ao pé dele. Ou mesmo nem um mosquito. Tom falou:

—E se aceitasses um desafio?

Os olhos miudos de Tom brilharam. Não tinha mais de um metro e sessenta de altura e não andava armado.

—Um desafio?!

—Sim.

—Um desafio, contigo?!...

—Comigo.

—Mas tu não vales nada!

—E' o que veremos.

Alex, o grande Alex, estremeceu numa enorme risada.

—Está bem, aceito. Põe as tuas condições.

—Vamos saber qual de nós comete o maior dos golpes durante uma semana.

—Que idiota! Claro que sou eu. E's um idiota, Tom. Está bem, aceito.

Tom apertou a mão forte de Alex e pôs a gabardine. E foi para casa á cumprimentar toda a gente na rua. Era delicado

Durante seis dias o grande Alex foi incansável. Assaltou todos os bancos de importancia, cometeu as maiores burlas, praticou crimes perfeitos. Foi fecundo, imenso, fabuloso. Ganhou.

De Tom Blunt não havia notícias. Alex mandou vigiá-lo. Disseram-lhe que estava em casa a fazer um cavalo de madeira.

—Um cavalo de madeira?—admirou-se Alex. Esse sujeito é totalmente louco. E desafiou-me para isto.

Alex esteve a rir durante dois dias. A' sua volta, o bando, sombrio e armado até aos dentes. Aguardavam a réplica do pequeno Tom. Não se ouvia uma unica notícia de roubo audacioso. Tom Blunt não dizia uma palavra.

Alex mandou que o trouxessem á sua presença. Os seus homens regressaram e vieram dar-lhe este recado.

—O Tom diz que ainda faltam duas horas para acabar o prazo estabelecido.

—E que faz ele?

—Constroi um cavalo de madeira.

—E' um louco. Esperemo-lo.

Uma hora e meia depois bateram á porta. Bateram baixinho, com delicadeza.

—Abram! — ordenou Alex.

Apareceu Tom Blunt com a gabardine e um grande embrulho debaixo do braço.

—Muito boa noite, meus senhores!

—...noite!...

—Boa noite, Alex.

—Olha lá, que história é essa do cavalo de madeira?

—Ouvi dizer que tens praticado os melhores golpes dos ultimos anos.

—Sim, sim, é verdade. Mas qué história é essa do cavalo de madeira?

—E' o meu golpe.

—O quê?!

—O meu golpe.

—Um cavalo de madeira?!

—Sim, um cavalo de madeira.

—Nesse caso perdeste.

—Não perdi. Ainda faltam vinte e oito minutos para a meia noite.

—Queres dizer que ainda vai haver qualquer coisa?

—Evidentemente.

—Que trazes debaixo do braço?

—O cavalo de madeira.

—Desembrulha-o.

Tom Blunt desfez lentamente o embrulho e mostrou um cavalo de pau.

—Mas isso é uma loucura! — bradou Alex. — E' este o teu golpe?

—Sim, o cavalo de madeira.

—Não percebo.

—Pois não, és ignorante.

—Ignorante eu. Tenho a melhor biblioteca do país. Trinta e sete mil volumes que me custaram milhões.

—Leste algum?

—Não.

—Então esses trinta e sete mil volumes não te vão servir de nada.

—Porquê?

—Porque não sabes o que é o cavalo de Troia.

—Donde?!...

—De Troia.

—O que é isso?

—E' claro, não sabes e vais perder.

—Mas isto não é um jogo de adivinhas. Eu fiz os maiores golpes e tu nem um.

—E' que ainda não é meia-noite.

—Faltam apenas quinze minutos.

—Temos tempo.

—Está bem, não sei o que é o cavalo de Troia. E depois?

—E depois vais perder.

—Estás doido!

—Não, vou-me embora. Deixo-te o cavalo de madeira. Tens catorze minutos para descobrires o que é o cavalo de Troia. Consulta os teus volumes. Adeus, Alex.

Tom Blunt despediu-se de todos com a sua habitual cortesia e desceu as escadas.

Alex e os seus homens puseram-se a rir. Depois Alex ficou sério.

—Que será o cavalo de Troia?

—Não sabemos Alex.

—Este Tom não é de confiança.

Alex mirava e remirava o cavalo de pau. Depois deu uma ordem.

—Procurem na biblioteca.

Os vinte e quatro «gangsters» puseram as suas armas de parte e lançaram-se sobre os trinta e sete mil volumes. Faltavam dez minutos para a meia noite. Os «gangsters» folheavam os livros com rapidez. Rimas de livros despenhavam-se no chão.

Alex olhava o cavalo de pau.

Minutos depois um dos homens, pôs-se a gritar:

—Alex, descobri! Cá está, o cavalo de Troia.

—Lê essa passagem—disse Alex.

O homem começou a ler.

Três segundos depois a casa ia pelos ares. Longe, num jardim, Tom Blunt ouviu a explosão. Sorriu e disse:

—Ganhei.

Depois, muito contente, foi ver um filme de polícias e ladrões.

ALJUBARROTA

Portugal encontrava-se numa situação crítica.

A maioria dos nobres negava-se a defender a Pátria do perigo, fiéis a uma palavra que, se em proveito próprio, talvez não hesitassem em quebrar. Apenas um punhado de bravos se dispôs a lutar para conseguir que Portugal não fosse assimilado pelo país vizinho. Tarefa difícil, sem duvida, quando lhes faltava tudo: partidários na classe mais importante, dinheiro, exército. Tinham ao nosso lado o povo, o nosso bom povo, que pressentia o desastre que o ameaçava. Mas não é fácil constituir um exército só de povo, mesmo que este tenha a alma do Português: não há organização, não há treino nas armas, não há ordem; há, sim, uma grande dose de entusiasmo e coragem. Mas isso não chega, principalmente quando o inimigo possui um exército grande e experiente como o espanhol, aumentado nessa altura com armas potentes e desconhecidas de que só a lembrança fazia tremer os mais timoratos.

Só quase um milagre pôderia fazer-nos vencer. Foi o que aconteceu em Aljubarrota, no dia 14 de Agosto de 1385. Se Portugal perdesse, Portugal caia, desapareceria na Península unificada sob a bandeira castelhana; só ficaria a existir nas recordações dos seus filhos.

E foi realmente um milagre, um milagre de amor patriótico ligado a uma táctica inteligente—que opunha á pesada cavalaria inimiga uma infantaria disposta em quadrado, táctica essa usada pela primeira vez na guerra dos Cem Anos, pelos Ingleses—que levou, nesse dia, os Portugueses á vitória, que fez com que um exército grande e bem treinado fosse vencido por outro mais pequeno, composto na sua maioria por homens rudes, mas que queriam legar a seus filhos a honra de serem Portugueses.

Ganha a batalha, que seria a decisiva, os Portugueses continuaram a lutar com muito mais ânimo, convencidos já de que não tentavam o impossível.

O povo sustenta a luta com o seu braço, a burguesia com o seu dinheiro. O nosso rei D. João I, para compensar e incitar os burgueses a tomar parte na defesa do País doava-lhes terras e direitos civis; por isso, a importancia da burguesia começou a aumentar até chegar á situação de uma verdadeira nobreza, visto que para um reino em tempo de guerra o mais rico é o mais importante. A velha fidalguia, desprestigiada pela sua ida para Castela abandonando a Causa nacional, decaiu completamente.

Assim, defendido por gente de valor, Portugal conseguiu dominar a situação e ainda que a luta demorasse mais uns anos, a nos afastar definitivamente dos Espanhois.

D. João I, lembrado de quanto o povo contribuira para o desfecho da guerra, compensou-o dando-lhe uma liberdade e uns direitos que até aí tinham estado fora do seu alcance, trabalhando todo o seu reinado para lhe proporcionar melhores condições de vida.

E esse mesmo povo que se revolta fàcilmente, mas que sabe ser grato àqueles que sejam generosos para com ele, respeitou e amou esse rei que foi, por isso, cognominado o de «Boa Memória».

MARIA GUILHERMINA CLARO LOBATO (15 anos) — 1.º prémio do concurso sobre «Aljubarrota»

O GRANDE DECTETIVE P

Naquele dia, pela manhã, após ter lido o jornal, Parraraios exclamou, voltando-se para o ajudante:

—Basilio! Hoje mesmo saimos da Itália.

—Sério?

—Sério. Logo á tarde larga o paquete *Saturnia*. Trata de comprar bilhetes.

Uma notícia assim tão de chofre não podia deixar de provocar abalo. Aquelas semanas — longas semanas! — em que o maçarrão ensarilhava os sonhos e a realidade de

CRIME NO SA

Basilio, faziam-lhe lembrar com profunda saudade o bife suculento, o suculento cozido á portuguesa. Tudo isso lhe vinha á memória tanto ás claras, tanto ao vivo, que Basílio Sopito se via obrigado a desapertar o colarinho e ir para a varanda respirar fundo.

Tratou de, gostosamente, desempenhar-se da missão de que fora incumbido. E não tardou a apresentar-se no gabinete do detective, de semblante carregado.

—Vai-te ganho que me dás perca!

—Explica-te, Basílio.

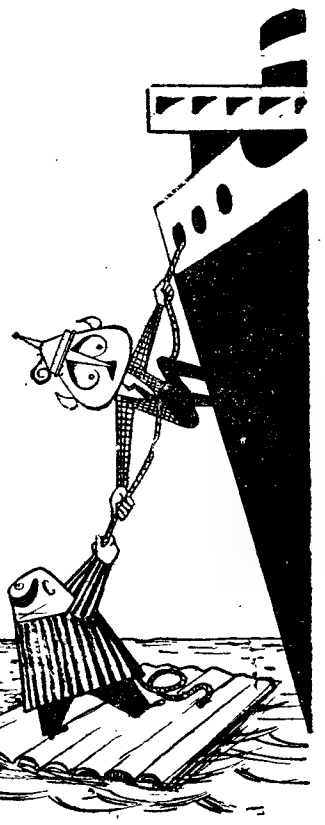
—Meu amo sabe para onde vai o *Saturnia*?

—Para a América.

—Aí está... E eu a pensar que íamos direitos a Lisboa...

Pararraios explicou que um detective não pode sonhar com a tranquilidade burguesa de pijama e chinelas. Não lhe constava que Sherlok Holmes resolvesse os intrincados problemas metido no gabinete, e que Hércules Poirot trocasse uma vida de bolandas por um bife com batatas no ripanso do lar! O detective que se preze está onde o crime esteja. E pachorrentamente o detective leu no jornal que os crimes, só em Nova York, tinham aumentado em 41 por cento em relação a 1956. Nessas condições o seu lugar era em Nova York. A experiência demonstrara ao ajudante que, em questões de crimes, o detective era inabalável. E a meio dessa tarde, aos olhos de Sopito debruçado na amurada do *Saturnia*, o mar estendia-se até ao infinito como uma enorme, tranquila porção de esparregado... A vida a bordo do paquete, com seus dois mil e quinhentos passageiros, era monótona, sempre igual. Os eternos parceiros do xadrez, o eterno parzinho de namorados, as eternas musicas filtradas pelos microfones, as eternas graças do capitão que se bamboleava, de mãos atrás das costas, a eterna figura do milionário Joe Smith, rei do petróleo, em viagem de recreio pela Europa. Alto, esgrouviado, de camisa por fora dos calções, pernas cabeludas á mostra e com um gorro curto, colorido, no alto da cabeça totalmente desprovida de cabelos, Joe Smith era uma figura caricata, conhecida de todos e amada de ninguém.

A vida calma a bordo do *Saturnia*, alguns dias depois da largada, foi agitada por um insólito acontecimento. Joe Smith, o rei do petróleo, aparecera morto no seu camaróte. Este facto capaz, só por si, de interessar toda uma cidade onde tantas coisas acontecem, com mais forte razão se transformou no motivo obrigatório de todas as conversas a bordo do *Saturnia*. Passado



QUEM **FAZ** UMA FOLIE (LOUCURA) MERECE UM CASTIGO. QUEM COME UMA **FOLIE** (TABLETTE [illegible] RECHEIO DE AMENDOAS) MERECE COMER MAIS...
DIZ AOS TEUS PAIS QUE MERECES COMER MAIS...
Regina

NO PROXIMO NUMERO FALAREMOS DA PRIMEIRA SESSAO DE CINEMA CULTURAL E DAS PREVENÇÕES A TER COM A GRIPE ASIATICA

PRIMEIRA SESSÃO DE CINEMA CULTURAL

PARA OS LEITORES DO JUVENIL:

PROGRAMA

1.—«Cinemagazine n.º 18»
2.—«A terra salgada de Middelharnis»
3.—«A formação do petróleo»
4.—«A história dos fósseis»

A partir, pois, do dia 19 de Outubro, data em que vos ofereceremos este primeiro programa de cinema cultural — vamos organizar sessões destinadas aos amigos do «Diário de Lisboa Juvenil». Estas sessões são concebidas com o mesmo critério que orienta o nosso Suplemento. Vamos apresentar-vos bons filmes que vos divertirão e, ao mesmo tempo, vos porão ao corrente de muitas coisas uteis que se passam no Mundo.

Para esta primeira sessão escolhemos alguns filmes que nos são cedidos pela Shell Portuguesa. A Shell, como sabem, é uma companhia de petróleos, mas não tenham receio, pois não vão ver uma sessão com filmes publicitários. Pelo contrário: os filmes que vamos exibir são muito educativos. Aquela Companhia tem um grande conjunto de técnicos de cinema cuja missão é realizar filmes apresentando aspectos interessantes da vida. Estes técnicos têm realizado películas de grande valor educativo, como, por exemplo, os seguintes, que se tornaram justamente célebres: «A destruição de frutos e vegetais pelos insectos daninhos», «A história da Aviação e de como o petróleo se encontra na terra e no fundo do mar».

Como acima leram, escolhemos quatro filmes para a nossa sessão inaugural: «Cinemagazine n.' 18», é um noticiário desportivo. «A terra salgada de Middelharnis», conta-nos como o mar rebentou os diques numa região da Holanda e como foi necessário o esforço de tantos homens e de tantas máquinas para recuperar a terra invadida pelas águas. «A formação do petróleo», é a empolgante história de como nasce o petróleo a partir de organismos microscópicos e da importancia que os elementos naturais têm na formação deste produto. Finalmente veremos «A história dos fósseis», que nos dá uma visão da vida da Terra quando ela ainda não era povoada pelos homens, mas sim por animais gigantescos, dos quais, exactamente, só conhecemos os respectivos fósseis.

Esperamos que estes quatro filmes vos agradem, pois eles têm muitos ensinamentos uteis.

VASCO GRANJA
(Cine-Clube Imagem)

4-10-957

REPÚBL

um ideal português que tinha qu

«Fui um dia achar Manuel Fernandes Tomás no seu gabinete de estudo — conta o seu companheiro de luta Xavier de Araujo —tendo diante de si abertas as constituições dos estados *republicanos* da América espanhola; a alegria brilhava nos seus olhos.

—Eis aqui — me disse ele — a constituição que nos convém!

Era a constituição *republicana* da Bolívia».

Estava-se em 1820 — o ano da Grande Revolução patriótica e o seu Chefe era, por formação, um *republicano*. Não admira: todos os grandes movimentos libertadores de finais do século XIX (Revolução americana da Independência, Grande Revolução Francesa de 1789) e de início do seguinte (independência da Venezuela, da Argentina, do Chile, do Peru, da Bolívia, etc.) — haviam vencido sob a forma de regimes republicanos.

Em 1820, porém, não era só Fernandes Tomás (o Justo), que, em Portugal, amava o ideal republicano. Amava-o profundamente a juventude, sobretudo a juventude universitária de Coimbra. Entre ela se contava Garrett, também republicano. Já antes uns três anos, em 1817, um jovem muito jovem — Rodrigo da Fonseca Magalhães — tivera de exilar-se porque era republicano e conspirava para libertar Portugal do domínio do Marechal Beresford. Onze dos seus heroicos companheiros, pertencentes a uma associação secreta, *o Supremo Conselho Regenerador de Portugal, Brasil e dos Algarves*, pagaram com a vida o seu amor á Pátria. Em sua homenagem se chamou ao largo onde foram enforcados, o Campo dos Mártires da Pátria. Com eles, mas executado na Torre de S. Julião da Barra, desapareceu também o ilustre Marechal Gomes Freire de Andrade...

Escapara o jovem Rodrigo, disfarçado de galego, fugido para longes terras. E assim, o ideal republicano ganhava na dor dos primeiros sacrifícios, as primeiras raizes no solo do País.

Mas por que não foi a Constituição de 1820 uma constituição republicana? — podereis perguntar e com razão. O Chefe do Estado não era o rei (D. João VI)?

O Chefe do Estado era o rei, sem duvida, e a resposta á primeira pergunta tem sido feita de várias maneiras. Porque a pergunta me foi feita no entanto a mim, eu responderei com a resposta que se me afigura mais justa. Eis o que penso: a revolução de 1820 foi uma revolução burguesa, isto é de comerciantes e industriais. Para ambos, o mercado consumidor e fornecedor (de açucar, sobretudo) do Brasil era uma razão de vida ou de morte. Ora no Brasil estavam, desde 1808 (primeira invasão francesa), o rei e a Corte. Se em Portugal se instaurasse a Republica, uma coisa parecia certa: os burgueses portugueses perderiam o então nosso grande território da América do Sul. A Revolução, portanto, ao libertar o País, manteve o aspecto monárquico. Mas reparem que eu digo *aspecto*, quer dizer responde ao «recheio». O rei era apenas um símbolo, o primeiro magistrado da nação, tal qual um presidente da Republica. A fidelidade ao rei transformou-se em fidelidade á Pátria. Os Portugueses faziam

TEÓFILO BRAGA

...RARRAIOS

...e foi o primeiro instante de de...entação. Pararraios apresentou-...o capitão, declinou a sua iden...de de polícia amador e imedia...ente as investigações começa...m.

—Que caminho vai seguir?—per...tou o capitão.

—Em primeiro lugar — retorquiu ...tective — saber quais os ami...s e inimigos do milionário.

—Depois?

—Depois, saber quem lucraria ...a morte dele.

—E' tudo?

—Não. Resta saber quem poderia ...r criminoso.

...TURNIA

Logo a seguir aos primeiros pas...s determinou-se que Joe Smith, ...ntropo e irrascível, não conse...ira fazer uma unica amizade em ...da a tripulação e passageiros. ...anto ao interesse no seu desa...recimento, o detective verificou ...e, viajando só, sem a presença de ...isquer parentes próximos ou de ...síveis herdeiros, ninguém se ...ostrava muito interessado na mor...de Joe Smith. Uma investigação ...idadosa mas discreta levou o de...tive á conclusão de que nenhum ...ipulante ou passageiro possuia ali...s suficientemente fortes. A' hora ...ovável do crime qualquer indiví...uo, a bordo, o podia ter cometido, ...m excepção de Basílio Sopito.

—Isso é grave, Basílio.

—Não percebo. A essa hora es...va eu a dormir... Nunca poderia ...r sido eu.

—Pois não, mas é isso que torna ...caso particularmente difícil.

—Ai a minha vida...

—Isso mostra a tua ignorancia. ...m qualquer livro policial o crimi...oso é sempre aquele sobre quem ...caem menos ou nenhumas suspei...s. Parece-me a tua posição insus...ntável.

—Acha então que... eu... sem ...ais nem menos...

—Possas ser pronunciado por cri...e de morte? Acho mais que pro...ável, acho certo! Se houvesse ao ...enos uma leve suspeita... Mas não, ...ormias a sono solto, ressonavas, ...nda para mais! Houve quem te ...uvisse... Enfim, estás em maus ...nóis!

Todos os passageiros começaram ...olhar Basílio de soslaio, a apon...-lo como provável criminoso. O ...ntar decorreu frio. E enquanto ...ararraios, com aplicação, cortava o ...fe, dizia entre dentes:

—Basílio, estás salvo! Encontrei ...ma pista. A manhã, ás primeiras horas da madrugada, vamos fugir do *Saturnia!*

—Fugir? Como?

—Numa jangada que eu próprio, esta noite, fabricarei.

—Pelo mar fora? E a comida?

—Deixa isso por minha conta. Tu, se quiseres, fica. E' contigo... Mas lembra-te que não recai sobre ti a mais leve suspeita e que isso te pode trazer complicações!

Pela primeira vez na vida, o bife custou a passar na garganta de Basílio.

...E ás primeiras horas da madrugada, cercados ainda de escuridão e de silêncio, uma jangada foi lançada ao mar. Dois vultos, com pequeno intervalo, saltara nela. Levados pela corrente, não tardou que o corpo monstruoso do *Saturnia* não fosse mais do que uma sombra no horizonte onde a manhã, suavemente, começava a pintar.

Diario de Lisboa

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tossan e António Domingues

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

Diário de bordo

RESULTADOS DO CONCURSO «ALJUBARROTA»

1.°—Amigo n.° 365—Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro)—«O romance da familia Chuzzlewit», de Carlos Dickens (Edição Romano Torres) e «A Jornada de Africa», de Jerónimo de Mendonça (Livraria Educação Nacional).

2.°—Amigo n.° 386—Fernanda Maria Conde Silva (Coimbra)—«Anapurna — a primeira ascensão aos 8.000 metros» de Maurice Herzog (Livraria TAVARES MARTINS).

3.°—Amigo n.° 29—José Miguel da Silva Santos (Fuzeta)—«Viagens na Minha Terra» de Almeida Garrett (Livraria [illegible] da Costa).

4.°—Amigo n.° 21—José Joaquim Gonçalves Isabelinha (Santarém)—«A Vida [illegible] do Condestável», de Mário [illegible] Edições Romano Torres).

5.°—Amigo n.° [illegible]—Maria de Fátima Fonseca [illegible] (Lisboa)—«Feira das Vaidades», de William Thackeray (Edições Romano Torres).

6.°—Amigo n.° 59—Dunia Rosale Entrudo Viegas (Faro)—«O Capitão da Morte—Pequena história de Roberto Scott e da sua viagem ao Polo Sul», de Adolfo Simões Muller (Livraria Tavares Martins).

Por termos hoje o espaço esgotado, deixaremos para o próximo numero alguns comentários.—TROTE.

CONCURSO DA SEMANA N.º 24

O Grande Detective Pararraios anda a preparar o seu escudeiro Basílio para os altos problemas policiais. Na primeira semana fez-lhe as seguintes perguntas:

1.°—O que é que atravessa o vidro sem o partir?

2.°—O que é que reflecte muito mas não fala?

Basílio pensou um bocado, mas respondeu e acertou. Serão vocês capazes de fazer o mesmo? As respostas podem ser-nos enviadas até ao dia 15 de Outubro.

O Basílio não teve, como vós, bons livros e bem óptimos bombons REGINA...

A COLECÇÃO SABER, editada por PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA — é composta por obras de grandes cientistas e escritores de todo o Mundo. Faz falta por isso, nas vossas bibliotecas

Nos mares do Sul XXIII

NOS MARES DO SUL: XXIII
RESUMO:

A reportagem do «Diário de Lisboa» sobre o rapto do sábio dr. Gedeão de Azevedo, dos seus cinco jovens sobrinhos e do pescador Lidoro, causaram a maior sensação em todo o Mundo. Em seguida, o Governo mexicano e a Unesco fizeram uma solene declaração sobre o rapto do sábio espanhol Ortega y Lafuente e o roubo do submarino CRISTÓBAL COLÓN. As 4 grandes potências intervieram, organizando a perseguição do submarino.

VII — PASSOS FURTIVOS NA NOITE

Não era um ruído de passos o que estava ouvindo? Lidoro soergueu-se um pouco no beliche para libertar a cabeça da almofada e assim permaneceu, profundamente atento. Era um leve ruído, talvez como o de um rato que roi. Muito longe? Ali próximo? Só os sentidos de um marinheiro seriam capazes de ficar alerta com tão ténue barulho. E no entanto Lidoro havia sido acordado por ele... E' verdade que Lidoro tinha um sono ágil como o dos gatos e, dormindo, dificilmente qualquer som, por mais brando, lhe passaria despercebido. Lidoro quase pode jurar que o ruído parte da escada que, ao meio do corredor do submarino, liga o primeiro e o segundo andares. Sim! — se tivesse alguém com quem exercitar uma aposta, apostaria em como o barulho é produzido por alguém que, cautamente, desce degraus um após outro... Mas não tem ninguém com quem apostar. E' verdade que também não tem medo. Foi coisa que nunca teve. Muitas vezes viu a morte á frente dos olhos e sempre disse, resignado: ela tem de vir, um dia. No entanto Lidoro franziu as sobrancelhas. Que desejaria quem com tanto cuidado caminhava? Pensou no seu querido Miudinho, ou nos outros jovens. Depois estremeceu ao lembrar-se do doutor. Se todos ali estavam presos porque tinham querido prender o doutor — então também, decerto, alguém, de noite, o desejaria matar.

Lidoro só receava o mal dos outros; não o seu. Ficou, portanto, ainda mais atento ao ruído. Entre um passo, ou o que supunha ser um passo, e o outro a seguir medeava bastante tempo. As máquinas do barco, lá no outro extremo, difundiam um distante zumbido. Mas por cima dele lá soava outro passo. Agora outro. Depois o ruído de um pé que tacteia á procura duma base segura. E alguma coisa que cai no chão. Lidoro recorda que ao fim do corrimão se encostam uns tubos... Quem quer que desce derrubou-os. Deve estar a procurar levantá-los, porque Lidoro julga discriminar um raspar de unhas no chão.

Em qualquer sítio, abriu-se uma porta e uma voz bradou:

—Que hay?

Silêncio.

A voz tornou a indagar quem estava e como não obteve resposta desistiu. Uma porta fechou-se com estrondo. Tudo voltou ao sossego. Passados, porém, uns minutos o ruído voltou. Agora já não partia das escadas, já... Caramba, que estrondo! «Via-se» mesmo que o visitante nocturno tinha pisado os tubos e dera uma tremenda queda. Mas logo se refez porque se distinguiu nitidamente que subia os degraus a todo o gás.

Mais uma vez uma porta de abriu e a mesma voz de há pouco quis saber quem vinha. Fez-se um revelador silêncio e então o homem resolveu tirar as coisas a limpo. Bradou pelo nome de Pepe, o dono do nome acusou-se e, em seguida, estiveram os dois cochichando umas impressões. Logo os seus passos lentos soaram no corredor. Observavom tudo com vagar; abriam portas á esquerda e á direita; e assim se foram aproximando dos beliches onde se distribuiam Lidoro, o professor e os cinco jovens. Lidoro baixou a cabeça para a almofada e imitou na perfeição o estertor de quem ressona. Em frente da sua porta os homens estacaram, porventura deliciados com o concerto... Um danado de concerto que não os deixava prestar atenção ao que se passava nos outros beliches. Talvez por isso, procuraram abrir as portas, experimentando todas as maçanetas. Mas as portas estavam fechadas, isso sabia Lidoro, pois fora uma medida férreamente assente entre todos.

Os passos afastaram-se. Por alturas do patamar da escada os dois homens abriram a porta que dava para ela.

—El perro! — bradou um dos comparsas.

O outro teve uma gargalhada de alívio e Lidoro não ficou satisfeito porque estava a pensar que o pobre do cão de Paco Bueno, o «Ebro», ainda seria incomodado com algumas bordoadas. Paco Bueno tinha sempre o cão no seu beliche, com receio disso.

Os homens voltaram ao poiso donde tinham partido, a porta fechou-se com estrondo e tudo caiu no silêncio.

Quando, decorrida talvez meia hora, Lidoro já sonhava com as queridas areias da Costa Nova — de novo seu fino ouvido captou um leve ruído de passos. Imediatamente Lidoro acordou, cerrando o sobrolho. Outra vez!... Ná, não estava enganado! Pés cautelosos apalpavam os degraus das escadas uma um. Talvez mais certo dos obstáculos, evitou-os, pois não aconteceu qualquer novo desastre. E já a porta se abria e já os passos se aventuravam no corredor, vagarosos, cuidadosos, A's vezes suspendiam-se por momentos num sítio, para se certificarem de que poderiam prosseguir. E prosseguiam. Estavam mesmo próximo.

Lidoro pensou se deveria voltar a ressonar, se deveria esconder-se atrás da porta. Mas para quê? A porta estava fechada... Todas as portas, aliás, estavam fechadas. *E se possuíssem outras chaves que servissem nas fechaduras? Lidoro agora já não hesitava: num pulo saltou para o chão, tacteou no armário a sua navalha e escondeu-se atrás da porta.*

Os passos suspenderam-se, como por encanto, junto dela. Mão delicada deslisou pela parede de aço, arrancando um som que ressoava ao ouvido de Lidoro, encostado á face do outro lado. «Procura, com certeza, o fecho» — pensou o marinheiro e preparou-se para a defesa. Na realidade a mão continuou a tactear, agora já na porta... agora já na fechadura... agora já na maçaneta, que fez rodar lentamente. Lentamente e inutilmente... Seguiu-se um compasso de espera, mas depois qualquer coisa esgaravatou na fechadura. «A chave falsa! — disse para si Lidoro. E' a chave falsa! Mas muito se engana quem espera...» E concretizando a ameaça, ergueu o punho robusto.

(Continua no próximo numero)

...ICA
...se cem anos

...epender os seus sentimentos de ...olidariedade, de comum-sacrifício ...ão do rei, mas da Pátria. No fun...o portanto, nos seus princípios a ...Constituição de 1820 era republi...ana. Fundava-se, por isso, no ...rincípio da *soberania nacional*, ...sto é: a soberania, o poder residia ...o povo, na nação; os governantes ...com o rei) eram magistrados, es...olhidos e aceites pela nação; to...os os homens eram iguais perante ... nação (o que acabava com os ...rivilégios da nobreza); todos os ...omens, sem excepção, eram livres ... sujeitos ás mesmas Leis. Mas a ...Revolução de 1820 foi vencida em ...823 pela reacção absolutista; á ...morte de D. João VI, em 1826, seu ...ilho D. Pedro *outorgou* aos Por...ugueses a chamada *Carta Consti...ucional*.

Ao contrário da Constituição an...erior, *expressão da vontade na...ional*, a Carta era *expressão da ...ontade real*. A primeira era uma ...conquista; a segunda era uma con...essão. Já vos ouço exclamar:

—Então a segunda não se funda...a no princípio da soberania na...ional?! Não fundava, não, senho...es. Mas foi aceite porque sempre ...era melhor que o regime absolu...ista. No entanto este abandono do ...princípio da soberania nacional te...ve importantes consequências: *o ...uturo partido republicano, aque...e que vencerá a Revolução de 5 ...e Outubro de 1910* (que todos os ...portugueses hoje comemoram, so...idariamente), — crescerá ao rei...vindicar o princípio da soberania ...nacional.

Eis porque nos detivemos tão ...onge. Não foi só para vos mostrar ...que o ideal republicano era, entre ...nós, muito velhinho...

Durante todo o século XIX, as ...mais generosas aspirações de re...novação nacional baseavam-se no ...princípio da soberania popular e ...na obediência de todos á Lei. De...pois do absolutismo miguelista, ...restaurou-se, como sabem a Carta, ...os reinados de D. Pedro IV e de ...ser «coisa aparente», que não cor...reu a filha D. Maria II. Mas em ...836 houve nova revolução que pre...endia restaurar (e restaurou) o ...princípio de soberania nacional: Chamou-se — lembram-se? — a Revolução de Setembro e foi seu chefe um grande Português, a quem o ensino, *e sobretudo o ensino liceal* muito deve. Por isso um Liceu de Lisboa lhe venera justamente, o nome: PASSOS MANUEL.

Todavia, seis anos depois (1842) havia um golpe de Estado que volta a pôr em vigor a Carta. Embora com uma pequena melhoria em 1852 (o chamado Acto adicional)— será a Carta que vigorará até aos fins da Monarquia.

Ora bem: cá chegamos nós ao ponto. Na Carta onde estava a soberania? No rei. Que consequências vos parece que viriam (e vieram) daqui? O Trono começou a ser considerado como um inimigo. Muitos espíritos diziam — e eram cada vez mais: a monarquia não pode resolver o nosso fundamental problema político; procuremos, pois, a republica. E puseram as mãos á obra...

Em 1848 surgem os dois primeiros jornais republicanos: o «Regenerador» e a «Republica». A maioria dos grandes vultos do pensamento português é, a partir desta data, republicana. Um dos maiores — TEÓFILO BRAGA — diz mesmo que *a Republica é o necessário fim para onde se encaminha a perfeição moral do povo português*.

A partir de 1880 — data em que publica o seu primeiro verdadeiro programa — o jovem partido republicano torna-se uma alta força cívica, cheia de utilidade, sempre á cabeça dos mais belos movimentos de patriotismo. O primeiro — inolvidável! — foi a comemoração do tricentenário de Camões. Dessa comovente Festa disse Teófilo Braga que ela demonstrava o «contentamento de um povo que, pelas conquistas lentas mas sucessivas da liberdade, soube remir-se neste século daquela *apagada e vil tristeza* que prenunciava ao Poeta a decadência da Pátria».

Depois (1890) veio o *Ultimato* — lembram-se que foi por causa do Mapa cor de rosa. Todos os bons Portugueses sofreram — e á frente de todos, como não podia *já* deixar de ser, o partido republicano. Da generosa onda de protesto que varreu o País nasceu o nosso belo Hino, A PORTUGUESA.

Em 31 de Janeiro de 1891, ainda oprimidos pela sombra do Ultimato, os republicanos tentam no Por-

(Continua na 20.ª página)

Vencedores

CONCURSO N.° 22

1—Amigo n.° 174—Augusto Matthioli Mateus (Lisboa).

2—Amigo n.° 182—António Maurício Esteves (Figueira da Foz).

3—Amigo n.° 369—Maria José Gonçalves Isabelinha (Santarém).

4—Amigo n.° 427—Maria Otilia de Lima Nobre (Queluz).

5—Amigo N.° 456—Rosa Dulce Barroso Coelho (Trofa).

6—Amigo n.° 205—Manuel Pedro Bravo Pestana Gil (Lisboa).

7—Amigo n.° 279—Isabel Maria da Silva Paiva (Lisboa).

8—Amigo n.° 388—António José Ferreira Vidal Nabais (Lisboa).

9—Amigo n.° 450—António Maria Fonseca Ribeiro (Lisboa).

10—Amigo n.° 454—Clarinda Cavaleiro (Lisboa).

Prémios

1—«Do Átomo á Estrela», por Pierre Rosseau — COLECÇÃO SABER.

2—«Albert Einstein», por Leopold Infeld — COLECÇÃO SABER.

3—«História das Técnicas», por Pierre Ducassé — COLECÇÃO SABER.

4—«A inquisição Portuguesa», por António José Saraiva—COLECÇÃO SABER.

5—«História da Velocidade», por Pierre Rousseau — COLECÇÃO SABER.

6 a 10 — uma caixa de bombons REGINA — que sabem a pouco como já se imagina...

Amigo! O «DIÁRIO DE LISBOA JUVENIL» publica-se aos sábados

DESPORTOS

A 5.ª JORNADA DA I DIVISÃO

Seis jogos de desfecho duvidoso

sobressaindo as partidas de Braga e de Setúbal

Prossegue depois de amanhã o Campeonato Nacional da Primeira Divisão, realizando-se a quinta jornada, a qual fornece alguns encontros de responsabilidade. Constituem a jornada os seguintes encontros:

Oriental-Barreirense
Benfica-Caldas
Vit. Setubal-F. C. do Porto
Salgueiros-Académica
Torriense-Lusitano
C. U. F.-Belenenses
Sporting de Braga-Sporting

A caracteristica dominante da 5.ª jornada é a de equilibrio, visto haver determinados factores que nivelam as partidas. Só em um caso é possível determinar quase que com certeza o vencedor, o que sucede no jogo que se trava no Estádio da Luz. O Benfica, que chama á linha da frente, novamente, Palmeiro Antunes, não deve ter qualquer dificuldade em bater o Caldas, somando mais dois pontos, o que fundamentalmente interessa.

Os restantes desafios apresentam-se como de resultado duvidoso, sendo dois desses encontros da maior responsabilidade: Braga-Sporting e Setubal-Porto.

São duas provas, repete-se, de grande responsabilidade principalmente para o Sporting e para o Porto, que, livrando-se desses obstáculos, afirmariam mais fortemente as suas possibilidades á conquista do título.

O clube leonino encontrará, decerto, nos Bracarenses, um adversário difícil, que o obrigará a jogo alternado, quase com iguais possibilidades para ambos os grupos.

A linha atacante de Braga é muito hábil e a defesa organiza-se regularmente. A circunstancia do Sporting ser mais forte e estar bem preparado quanto a condição física, não constitui argumento decisivo para conceder-lhe a vitória, ainda que as suas probabilidades sejam um pouco maiores.

A mesma duvida, quanto ao resultado, mantém-se no que diz respeito a Setubal. Há a impressão de que o onze portuense dispõe de mais força e está mais trabalhado, devendo pertencer-lhe talvez em maior numero as operações de ataque. Todavia, a equipa de Setubal já provou, de maneira clara, que dispõe de suficiente capacidade técnica para lutar de igual para igual com qualquer grupo.

Os restantes jogos também são de vaticinio difícil. O Oriental, embora jogando no seu campo, deve encontrar grande resistência por parte do Barreirense. O Torriense empregar-se-á, certamente, com rara energia, para conquistar os dois pontos á custa do Lusitano que, sem duvida, é conjunto mais estruturado. Anote-se o esforço do Torriense para reforçar as suas fileiras (Galileu, além de um elemento espanhol). O Salgueiros deve constituir uma prova muito difícil para a Académica, embora esta afirme uma engrenagem mais perfeita. Será essa melhoria no «jogo de conjunto» suficiente para dominar o espírito de luta que animará decerto o onze do Salgueiros?

A partida C. U. F.-Belenenses é também das mais difíceis, pois o onze do Restelo não deseja naturalmente afastar-se muito dos mais qualificados concorrentes. A equipa, que alinhará com Paz como defesa-central, parece já devidamente organizada e em condições de dominar, jogando fora, a energia e força de vontade, já não referindo a táctica, de grupos como a C. U. F., menos aptos técnicamente. Mas isto é simples teoria, pois na prática outras verdades vêm ao de cima...

GINÁSTICA

As provas de selecção

para o Campeonato da Europa

Superiormente autorizado, uma equipa de dois ginastas portugueses participará no campeonato europeu de 1957, que se realiza em Paris, no próximo dia 19 do corrente.

Devido ao facto de entre o campeonato nacional e o torneio europeu existir um longo intervalo, a Federação Portuguesa de Ginástica, a fim de escolher os nossos representantese da maneira mais criteriosa, marcou para ontem as primeiras provas de apuramento, a decidir entre Joaquim Granger e Manuel Prazeres, do Lisboa Ginásio, respectivamente, campeão e subcampeão de Portugal, e Armando Barrento, do Ginásio Clube Português. Na presença do conselho técnico e da direcção da F. P. G., os três candidatos fizeram demonstrações de numeros facultativos nas seis modalidades regulamentares, para dar a conhecer a sua forma actual (valor da dificuldade e correcção de execução), provas seguidas com grande interesse por numeroso publico afecto ás coisas da ginástica, incluindo muitos praticantes.

Numa análise de relance, e em atenção ao que demonstraram, os três cnadidatos manifestaram certo equilibrio, embora qualquer deles não tivesse atingido a sua melhor bitola. oJaquim Granger e Manuel Prazeres, acusaram os efeitos de treino desordenado, enquanto que Armando Barrento apresentou-se, ainda, ressentido da larga digressoã a Angola e de uma lesão num pé. Os três porém, e especialmente os dois primeiros, melhorarão por certo, com melhor doseamento de esforço, menor excitação e a correcção de alguns exercícios (para isso serviu a sessão de ontem).

As provas finais, efectuam-se na próxima segunda-feira, ás 21 e 30 horas, também no Lisboa Ginásio.

E' hoje homenageada a delegação do Ginásio que actuou em Angola

Conforme haviamos divulgado, realiza-se hoje, ás 21 e 30, na sede do Ginásio Clube Português, uma sessão de homenagem á comitiva que, com tão grande êxito, fez, recentemente, uma digressão de propaganda por terras de Angola, no decorrer da qual exibir-se-ão todos os ginastas que integraram a delegação e será prestado publico reconhecimento ás entidades oficiais que tornaram possível a deslocação áquela província ultramarina.

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Sortes diferentes

para os guias das duas zonas:

Tranquilidade para o Boavista e apreensões para o Portimonense

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão prossegue depois de amanhã, no ambiente de interesse e animação que o tem caracterizado.

Em cada uma das zonas há já um guia isolado—Boavista e Portimonense—o que não obsta a que a luta se desenrole com o maior entusiasmo. E' que o termo do despique vem tão longe que... tudo é possível.

O programa de depois de amanhã na zona Norte inclui os seguintes desafios:

Gil Vicente (4)-Vila Real (2)
Sanjoanense (3)-Leixões (1)
Marinhense (6)-Vianense (2)
Covilhã (7)-V. Guimarães (6)
Boavista (8)-Tirsense (6)
Chaves (2)-Peniche (3)
Espinho (5)-«Leões» (2)

Entre parêntesis indicam-se os pontos que as equipas têm para a classificação.

Um relance sobre este lote de desafios indica-nos que, dum modo geral o favoritismo pode ser concedido aos grupos visitados. E, caso curioso, só em relação ao Chaves-Peniche não sucede a equipa que recebe o adversário não ter mais pontos do que a que se desloca.

Tem as honras da jornada o desafio Sporting da Covilhã-Vitória de Guimarães (2.º contra 3.º). Para os Vimaranenses, sobretudo o resultado reveste-se de excepcional importancia. Os Covilhanenses, se não confiarem demasiadamente, deverão vencer mais este obstáculo.

Os jogos da Marinha Grande e do Porto não serão, por certo, muito difíceis para o Marinhense e para o Boavista. A menos que os adversários adreguem de se adiantar no marcador.

Os Barcelenses, os Espinhenses e os Sanjoanenses deverão contar com réplica esforçada dos seus adversários, o que valorizará os despiques.

Finalmente, em Chaves deverá assistír-se a um dos mais equilibrados encontros da jornada.

*

Na zona Sul, teremos:

Atlético (5)-Olhanense (6)
Coruchense (2)-Montijo (5)
Juventude (3)-Almada (3)
União de Montemor (3)-Serpa (4)
Farense (6)-Portimonense (8)
Portalegrense (1)-Arroios (4)
Beja (4)-Estoril (2)

Têm especial interesse os desafios da Tapadinha e de Faro, por sinal aqueles em que intervêm as três equipas algarvias—todas no cimo da tabela da classificação.

A circunstancia de serem visitados não chega ao Atlético e ao Farense para que se lhe conceda franco favoritismo. Nada disso. A posição que o Olhanense e o Portimonense ocupam é, ao fim e ao cabo, um incentivo para que se acredite nas suas possibilidades. A perspectiva é, por conseguinte, a de jogos renhidos e equilibrados.

O Coruchense, este ano com uma carreira menos valorosa do que a das ultimas épocas, precisa de recuperar o terreno perdido até agora. Jogando em casa é altura de se lançar nessa recuperação, que, todavia, está, depois de amanhã, dificultada pelo valor e entusiasmo do adversário. Um empate—eis uma hipótese de aceitar.

O Juventude e o Desportivo de Beja são as equipas mais capazes de merecer favoritismo na próxima jornada—ainda que os Bejenses se tenham mostrado algo irregulares.

Em Montemor-o-Novo e em Portalegre, as lutas deverão desenrolar-se com equilibrio, fornecendo resultados nivelados — mais provávelmente favoráveis aos visitados.

Grande Campeonato Internacional de Luta Livre Americana no Coliseu

Primo Carnera e os maiores campeões do Mundo apresentam-se hoje no Coliseu

Não há palavras que exprimam o entusiasmo e o delírio com que o publico receberá hoje no Coliseu Primo Carnera e os maiores campeões do Mundo que ali começam a disputar um Grande Campeonato Internacional de luta livre americana.

E' que, realmente, o estofo e a técnica dos campeões que vieram a Lisboa disputar a Primo Carnera o seu título máximo de campeão do Mundo de luta livre são das mais perfeitas que se têm visto em *rings* nacionais e estrangeiros. Homens habituados a combates duros, exaustivos mesmo, dão o máximo do rendimento, empregando-se a fundo num alarde desportivo digno dos maiores elogios e encomios.

Este campeonato reveste-se, assim, de um verdadeiro acontecimento desportivo que terá, sem duvida, enorme projecção e que conta para a classificação mundial do título máximo.

Continuará Primo Carnera a conservar o seu título de campeão dos campeões ou este será arrebatado por algum dos seus mais valentes e valorosos adversários?

Faça os seus prognósticos. Escolha o seu favorito.

Amanhã, sábado, ás 21 e 30, novos combates com os maiores lutadores do Mundo.

Tauromaquia

Amanhã, á tarde, em Algés

Amanhã, á tarde, em Algés, em festa do antigo bandarilheiro Agostinho Coelho, lidam oito novilhos-touros os famosos Manolo Vazquez, Cesar e Rafael Giron, e António dos Santos, e os jovens cavaleiros Luís Barahona Nuncio, Luís Neto Rebelo da Gama, Alfredo Conde e José Maldonado Cortes.

E, depois de amanhã, também ás 16 horas, em Vila Franca de Xira, realiza-se a primeira das três corridas da Feira, com os cavaleiros D. Francisco de Mascarenhas e Manuel Conde, o fino sevilhano Mário Carrion e o triunfante Armando Soares.

Toureiros mexicanos e espanhois

MADRID, 4. — Os toureiros mexicanos voltaram a romper relações com os seus colegas espanhois, pelo que não terão validade os contratos destes para o México. Em represália, os mexicanos não podem tourear em Espanha a partir do próximo domingo. — (Efe.).

Êxito dos «Bienvenida»

UBEDA, 4. — Na 1.ª corrida da Feira obtiveram grande êxito os irmãos «Bienvenida», Pepe, António e Juanito, cortando orelhas e rabos e saindo em ombros.—(Efe).

Roubaram os trofeus de Cesar Giron

CARACAS, 4—Os trofeus de ouro que Cesar Giron tinha na sua casa de Maracay foram roubados, calculando-se em duzentas mil pesetas o seu valor.—(Efe).

Outras provas para domingo

ATLETISMO

Prossegue depois de amanhã o «Decatlo Nacional», organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo, nas pistas do Estádio Nacional. O programa começará a ser cumprido ás 15 horas e incluirá as seguintes provas: 110 metros barreiras (séries), disco, vara, dardo e 1.500 metros (séries).

*

O Benfica promove depois de amanhã, ás 9 e 30 horas, no Campo Grande, um torneio de atletismo destinado a sócios e simpatizantes, constando do programa as seguintes provas: 80 metros, comprimento, altura, peso, disco e dardo.

AUTOMOBILISMO

Sob a organização do Clube «100 á Hora» realiza-se, depois de amanhã, na pista do aerodromo de Alverca, uma «Prova de arranque» para automóveis, motos e *scooters*.

CAMPISMO

No Pinhal da Tanoeira, em Cascais, tem, no domingo, a sua ultima jornada o 2.º Acampamento Zonal do Sul. A comissão organizadora, que espera ver representadas neste certame todas as colectividades campistas de Lisboa e algumas da província, promoverá, ás 10 horas, uma excursão em autocarros á zona turística Cascais-Guincho-Lagoa Azul. Ás 15 horas, um campista fará uma palestra de divulgação campista e ás 20 horas far-se-á o encerramento do acampamento.

CICLISMO

No Porto, disputam-se depois de amanhã, os campeonatos nacionais de velocidade — certame em que Lisboa estará representada por Pedro Polainas e Américo Raposo (independentes); José M. Marques e Arlindo Carvalho (seniores); José P. Carvalho e João Patrício (juniores); António Capitão e Jaime Valente (iniciados)

*

Os corredores «populares» terão depois de amanhã uma jornada em cheio. Assim, disputar-se-ão o 4.º Circuito de Montemor, com início ás 13 e 30 horas (quatro voltas ao percurso Montemor, Loures, Mealhada, Póvoa de Santo Adrião, Odivelas e Montemor).

—Na Baratã (Sintra) disputa-se uma prova de 72 quilómetros.

—O G. S. de Carcavelos promove mais uma vez o Circuito de Carcavelos.

—No Seixal disputa-se o 2.º «Circuito de Arrentela», na distancia de 60 quilómetros.

FUTEBOL (A. F. L.)

As várias competições da A. F. L. prosseguem, no próximo domingo, com o seguinte calendário:

Campeonato da 1.ª Divisão — Olivais-Sintrense, nos Olivais; Alverca-Casa Pia, em Alverca; Vilafranquense-Futebol Benfica, em Vila

(Continua na página seguinte)

Ajudauto, L.da
Secção de desempanagem de automóveis
R. Damião de Goes, 18-B a 18-E a Algés — T. 610051
Todos os dias até às 0 horas incluindo domingos

BASQUETEBOL

O Campeonato do Mundo no Rio de Janeiro

Num avião da Panair passou por Lisboa, em viagem para o Rio de Janeiro, a selecção feminina de basquetebol da Hungria, que vai disputar o campeonato do Mundo daquela modalidade, que se realiza no Brasil.

Lustres e candeeiros "Murano" - Veneza
Lindissimos modelos em Exposição
ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA
Praça da Alegria, 44, 1.º—Telef. 34774

DESPORTOS

Outras provas para domingo

(Continuação da página anterior)

Franca; Operário-Sacavenense, em Chelas—todos ás 15 e 30 horas (reservas e honra); Palmense-Alhandra, em Palma, ás 14 e ás 16 horas (reservas e honra).

Campeonato de juniores 1.ª Divisão — Série A — Alhandra-Atlético, em Alhandra, ás 9 e 30; Torriense-Povoense, em Torres Vedras, ás 10; Sacavenense-Vialonga, em Sacavém; Belenenses-Olivais, nas Salésias—ambos ás 10 e 30 horas.

Série B — Estoril-Cascalheira, na Amoreira; Oriental-Benfica, em Marvila; Palmense-Arroios, em Palma—os três ás 10 e 30; Sporting-Casa Pia A. C., em Alvalade, ás 11 horas.

NATAÇAO

No canal do Alfeite e sob a organização da Federação Portuguesa de Natação disputar-se-á, depois de amanhã, a prova denominada 2.ª «Meia-Milha», com classificação individual e destinada, apenas, a nadadores juniores e seniores.

A prova (926 metros) disputa-se ao longo da muralha da Estrada Marginal de Cacilhas, entre a Margueira e Mutela. A partida será dada ás 11 e 15 horas.

TÉNIS

Nos «courts» de Santo Amaro de Oeiras prosseguirão depois de amanhã os campeonatos de Oeiras, para seniores. A ordem dos encontros só amanhã será determinada pelo juiz-árbitro, conforme os resultados que se verificarem na jornada de amanhã.

Está prevista a realização em Cascais, dos primeiros encontros do campeonato nacional de juniores, entre clubes—prova que é dotada com a taça «Serra e Moura».

VELA

No percurso Belém-Pedrouços-Trafaria disputam-se depois de amanhã, as ultimas regatas do Campeonato Nacional de Vougas.

AUTOMOBILISMO

Modelos sensacionais nos Concursos de Elegancia Automóvel no Estoril

O VIII Concurso de Elegancia Automóvel, marcado para domingo, 13, no Estoril por iniciativa da Sociedade Propaganda da Costa do Sol, em colaboração com o Grémio dos Vendedores e Importadores de Automóveis e o A. C. P. vai, por certo constituir um grande êxito.

A organização pode desde já contar com a apresentação de alguns modelos que vão causar sensação. As casas importadoras sabem que o certame servirá os seus interesses, estimulando o gosto dos compradores, criando-lhes o desejo de aquisição fora dos «stands».

Para premiar os carros classificados a organização dispõe de mais de quarenta taças e troféus, que se estendem também ao Concurso de Elegancia Feminina em Automóvel, uma competição que marca sempre pela suprema distinção das concorrentes.

O publico pode livremente assistir á esta grande parada, pois, não há lugares pagos, o que significa que a iniciativa da Sociedade Propaganda da Costa do Sol não tem intuitos comerciais.

A classificação dos carros começa ás 10 horas, realizando-se o desfile pelas 16, no Parque Estoril. O acontecimento será fixado pelos serviços de Televisão e filmado pelas «Actualidades».

Nas sedes do A. C. P. e do Grémio dos Importadores e Vendedores de Automóveis está aberta a inscrição.

III Rallye-Carris, 1957

O Grupo Desportivo da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, realiza no próximo domingo, o «III Rallye Carris, 1957» no qual foi admitida a inscrição de todos os seus sócios motociclistas «scooteristas» e automobilistas amadores, de ambos os sexos, funcionários da empresa.

O «Rallye» consta de uma prova de regularidade em estrada, no percurso compreendido entre Lisboa (Estação do Arco do Cego) e Bucelas, num total de 29,7 quilómetros, á média de andamento de 40 quilómetros á hora, e uma prova complementar a realizar no Campo de jogos de Bucelas.

A partida do primeiro concorrente está marcada para as 8 horas da manhã, saindo os imediatos com intervalos de 2 minutos, por ordem crescente do numero do sorteio.

HÓQUEI EM PATINS

17 jogadores convocados para a selecção

Com vista ao torneio internacional de hóquei em patins, a disputar em S. Paulo, no próximo mês de Novembro, Emídio Pinto, seleccionador nacional, acaba de convocar para treinos os seguintes jogadores:

LOURENÇO MARQUES — Moreira, Fernando, Adrião, Velasco e Bouçós. CAMPO DE OURIQUE—Matos e Bernardino. BENFICA — Perdigão e Mário Lopes. SINTRA — Pompílio e Faria. P. ARCOS—Valente e Virgílio. CASCAIS—Luís Mota. OEIRAS—Nogueira. F. C. PORTO—Acursio. INFANTE SAGRES—António Figueiredo.

A preparação dos convocados deve começar no próximo dia 8.

Uma infanta de Orleans e Bragança vai casar com um automobilista

No dia 7, na Quinta do Anjinho, com toda a pompa, vai consorciar-se a infanta D. Teresa de Orleães e Bragança, com o conhecido automobilista Ernesto Martorelly Calderon. Para assistir á cerimónia, estão já em Lisboa os condes de Paris, D. Pedro de Orleães e Bragança, pretendente ao trono do Brasil e seus irmãos D. João de Orleães e Bragança, a princesa Fátima e a duquesa de Bragança que são também irmãos da noiva. E' curioso notar que, pela primeira vez, depois de 1939, os cinco irmãos se reunem sob o mesmo tecto.

Serão padrinhos da noiva os condes de Paris, seu cunhado e irmã, e, por parte do noivo, o conde de Barcelona e a mãe do noivo.

Muitos outros convidados, da antiga aristocracia da Europa, são esperados em Lisboa.

JOGOS FLORAIS

da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 3 — Durante uma sessão, realizada no salão do Grande Casino Peninsular, foram tornados publicos os nomes dos vencedores dos Jogos Florais da Figueira da Foz, em cuja lista figuram Eduardo Saramago e D. Maria Joana Couto (poesia lírica); D. Lídia Correia Senas Pereira, Lamberto Brás e Carlos Conde (quadra popular); Fausto Pereira de Almeida (conto e narrativa); e D. Raquel Palma Pardilho, de Madrid (poesia lírica) em língua espanhola).

Após a proclamação dos vencedores, a declamadora Dulce de Oliveira apresentou-se num pequeno recital, em que disse poesias de Afonso Lopes Vieira, Fernanda de Castro, Augusto Gil, João de Barros e Augusto Pinto, estes dois ultimos naturais da Figueira da Foz.

O SANEAMENTO

da Costa de Caparica

Continuam em plena actividade os trabalhos de ensaio de todas as estações de bombagem do sistema de esgotos da Costa da Caparica, duas das quais já estão a funcionar, aguardando-se para muito breve que, pelo menos, mais três sejam postas a trabalhar. O conjunto será de oito estações, trabalhando automáticamente, sendo os dejectos atirados para o rio completamente triturados.

No próximo ano serão concluídos os trabalhos com a construção de um tunel entre a Trafaria e o Porto Brandão. Esta obra, que custará mais de 4.000 contos, é sem duvida um grande melhoramento para a Praia do Sol, que fica a dever-se á iniciativa do presidente do Município local, sr. dr. Aquiles Monteverde.

Cortejo de oferendas

Em Seixas do Minho realiza-se no domingo um cortejo de oferendas a favor do Hospital de Caminha.

Semana do contribuinte

(Apontamentos)

Decreto-lei n.º 31.948

IMPOSTO PROFISSIONAL

Decreto-Lei n.º 31.948, de 1 de Abril de 1942.

ARTIGO 7.º.

§ 2.º — A simples alteração de vencimentos dos empregados por conta de outrem ocorrida durante o ano não importa liquidação adicional, nem anulação.

Empregados por conta de outrem. Da tributação.

— *Alteração de vencimento ocorrida durante parte do ano — superior ou não superior ao limite de isenção. (a).*

Consultar:

Revista de Direito Fiscal, ano VII, pág. 157.

Boletim da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, ano de 1954, parte IV, págs. 126-130.

Diário do Governo n.º 113, de 17 de Maio de 1937.

Jornal de *O Contribuinte*, ano 25.º (n.º 883), pág. 145.

Anotação

...tendo-se terminado por estabelecer essa doutrina, a fim de harmonizar o procedimento com um princípio unico a aplicar, quer no inicio da tributação quer na cessação, tal como se pratica nos casos em que se trata de alterações de vencimentos por parte de contribuintes que estavam já tributados e continuam sujeitos ao imposto após a alteração.

E' que não parece defensável o critério da exigência do imposto a partir do início do trimestre em que o empregado, por virtude de alteração de vencimento, passava a auferir importancia correspondente a um quantitativo anual superior ao limite de isenção, enquanto que, tratando-se de contribuinte sujeito a tributação que sofresse alteração para quantitativo não superior ao limite, não era reconhecido o direito á anulação do imposto correspondente aos trimestres por decorrer até ao fim do ano.

Despacho do sr. subsecretário de Estado do Tesouro de 9 de Fevereiro de 1954.

No imposto profissional (empregados), *qualquer* alteração nos vencimentos, só na colecta do *ano seguinte* é que deve ser tida em conta no lançamento.

Circular n.º 155, da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, de 11 de Março de 1937.

Decreto-lei n.º 16.731

Decreto n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929.

ARTIGO 62.º — *O imposto a que se refere o n.º 1.º* (b) *do artigo anterior recai:*

1.º — Sobre a importancia do vencimento ou qualquer outra remuneração;

Empregados por contra de outrem.

A remuneração a sócio-gerente de quantia certa (garantida mensalmente), relativa a um determinado período de tempo — préviamente fixada, está sujeita a imposto sobre ordenados.

Consultar:

Revista de Direito Fiscal, vol. 7.º, pág. 178.

Revista cit., vol. 1.º, pág. 134.

Compilação de Acórdãos, vol. 24.º, n.º 2.400.

Compilação cit., vol. 58.º, n.º 5.788.

Diário do Governo n.º 287, de 13 de Dez.º de 1955, Rec. n.º 12.842.

Anotação:

Segundo o artigo 6.º da Lei n.º 1.952, de 10 de Março de 1937, o ordenado compreende a remuneração em dinheiro, fixa ou variável, *e qualquer outra retribuição acessória com caracter de regularidade ou permanência.*

E este Supremo Tribunal, partindo do conceito que esta disposição encerra, tem vindo doutrinando no sentido de que não pode considerar-se como ordenado uma remuneração com carácter variável e não préviamente fixada.

Acórdão do S. T. Administrativo de 16 de Fevereiro de 1955.

(a) Empregado omisso no lançamento, há mais de cinco anos, com alterações de vencimento, no decurso desses anos. *Rev. de Direito Fiscal*, ano VII, pág. 238.

(b) Artigo 61.º: 1.º — Os empregados por conta de outrem no comércio, na industria, na agricultura e nas profissões liberais incluindo os das associações de qualquer natureza, e bem assim os membros dos corpos gerentes e conselhos fiscais das sociedades.

Neoit de festa

na colónia da F. N. A. T. na Costa da Caparica

Integrada nas comemorações do XXIV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, realizou a F. N. A. T., na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol», na Caparica, uma «Noite de Cultura e Arte».

Esta festa, presidida pelo director do Pelouro de Colónias da F. N. A. T., dr. Sollari Allegro, despertou grande interesse da parte das centenas de trabalhadores portugueses que ali se encontram, assim como duma centena de trabalhadores espanhóis que, dentro do intercambio estabelecido com o organismo congénere espanhol, vieram passar esta vintena naquela colónia.

Depois de algumas palavras iniciais por Miguel Trigueiros, seguiu-se «Meditação do Outono», por Manuel Lereno e Fernanda Montemor. O serão terminou com uma palestra-recital pelo poeta Miguel Trigueiros com poemas de sua autoria.

VIDA MUSICAL

Juventude Musical Portuguesa

A sede da Juventude Musical Portuguesa passou a funcionar, também ás terças e sextas-feiras das 21 e 30 ás 23 e 30, estando então á disposição dos sócios os serviços da biblioteca e da discoteca.

Nestes dias haverá audição de discos, tendo como base a audição de uma obra precedida de comentários e outros solicitados pelos auditores.

Na próxima sexta-feira ouvir-se-á a «Sinfonia Concertante», de Frank Martin.

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

Directo para:

CADIZ, NEW YORK, HABANA e VERA CRUZ

o paquete rápido espanhol

"GUADALUPE"

esperado em 11 do corrente

Recebe passageiros em 1.ª classe e Cabin Class
Carga Geral e de Frigorifico

Também recebe carga com conhecimento directo e com transbordo em CADIZ para os portos de:

La Guaira, Curaçao, Cartagena, Ciudad Trujillo e San Juan Puerto Rico

Para reserva de passagens e de carga tratar com

OS AGENTES GERAIS:

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21, 1.º — Telefones 24671 e 27258
Teleg. «LLOXAVE» — LISBOA

CARRIS

Elevador de Santa Justa

Por motivo de continuação da reparação geral, a cabine n.º 1 deste elevador suspende o seu funcionamento no dia 7 de Outubro corrente, pelo período aproximado de 15 dias.

A ADMINISTRAÇÃO

Alegria é saude. A criança precisa de ter á sua roda optimismo e o riso franco da mãe

Eduquemos o nosso filho!

Fenómenos da linguagem

De todos os progressos manifestados com o decorrer do tempo, na criança, o da linguagem—como o do andar—é o mais impacientemente aguardado. Falar é dar a quantos a rodeiam, a sensação de que, enfim, a criança entende e é entendida. Há agora uma franca interpretação de relações. O mecanismo complexo da linguagem vai ser posto a funcionar, segundo o nivel intelectual da criança—e dos pais—e o seu sistema nervoso.

A verdade é que a linguagem não principiou com a primeira palavra pronunciada — papá... mamã...—mas com o funcionamento de vários estágios do seu entendimento, desenrolados á medida que se iam desenvolvendo as sucessivas e progressivas descobertas desse mesmo entendimento.

Se não, vejamos que o primeiro desses estágios foi o grito ao nascer, simples exercício respiratório, é certo, mas uma forma de expressar a vida e de comunicar com ela e aqueles que a rodeiam; depois, quando ainda era de peito, vieram os gritos de fome, de cólera, de dor, de medo—todos eles tão diferentes uns dos outros, mas todos traduzindo necessidades especiais que a mãe o entederá e agirá segundo as circunstancias, dando-lhe alimento, mudando-lhe a fraldinha, encolando-o, consolando-o. Isto, claro, independentemente do que na criança possa tornar-se «hábito», em presença das reacções do meio. Daí, as mães terem de considerar a oportunidade das suas intervenções, pois começarão aí os primeiros passos da educação e disciplinização do «bebé»: não se deve acorrer ao mínimo apelo nem satisfazer a mais imperativa das suas vontades gritantes—embora não seja de aplaudir a atitude daquelas que deixam os filhos gritar o dia inteiro—outro hábito adquirido...—sob o falso pretexto de que assim desenvolverão os pulmões. Haverá que conhecer primeiro a causa desses gritos: causa física ou psicológica (manha?...) porque uma criança que não tem fome, que está enxuta e que não está doente, dificilmente gritará de manhã á noite.

O nosso filho, porém, já fez dois meses e meio, emite agora sons mais ou menos articulados só aparentemente sem significado: começa a «galrejar»...

Sabem todos que alguns especialistas recolheram, em cada criança, a diversidade de setenta e cinco sons?

Trata-se de um exercício vocal que se aproxima das emissões de adultos, com ritmo, como se houvesse agrupamento de sílabas. Dir-se-ia que, ao oitavo ou nono mês, a criança já «fala»—e não apenas com a boca mas também com os olhos, as mãos e os pés. Aqui, então, os diálogos com os adultos são já quase correntes: o «bebé» obedece, executa gestos e gesticulações que lhe são solicitados. Todavia, só pelos 14 meses poderá atribuir ás palavras um significado preciso. Mas, então, começará nitidamente a articular palavras. Papá e mamã serão a etapa da «palavra-frase»; com o valor de uma variedade de frases Papá quer dizer «aqui está, papá», «papá, pega-me ao colo», ou «adeus, papá»... E' este também o período em que a criança generaliza o sentido das palavras, aplicando-o a uma série de objectos que ofereçam uma certa analogia: «pópó» será tudo quanto rola...

E' a altura de ajudar o «bebé» a alargar o valor do seu vocabulário. A criança, como escreveu Beynon, «quer dizer mais do que as palavras». Será util ensinar-lhe o nome dos objectos, para que possa alargar por imitação o seu mundo verbal. Isto significa que devemos ter o maior cuidado em ensinar as crianças a pronunciar as palavras concretamente, evitando as deformações pseudo-infantis, como o «pipi», por galinha, o «óóó», por dormir, o «papar», por comer, o «bau-bau», pelo cão, a «bua», pela água, ou, pior que tudo—aquela linguagem «dita de preto»: «caóça» por carroça ou «senhola» por senhora—que não passam, afinal, de maus costumes de adultos...

Assim a criança chegará á idade de poder exprimir as suas interrogações. E por que para ela tudo são pequenos mistérios desvendáveis, perguntará: «quem fez?», «que é aquilo?», «como é?».

A tudo teremos de responder, dando uma explicação certa, clara e simples. Na verdade, nenhuma pergunta do nosso filho deverá ficar sem resposta, por muito que ele nos fatigue. A criança tem uma desmedida necessidade de saber. A riqueza e a extensão do seu vocabulário—pelos dois ou três anos—dependerão da natureza das suas relações com os adultos e do lugar da criança na família: se há muitos filhos, em regra os ultimos desembaraçam-se primeiro, graças á sua convivência com os mais velhos; mas será a influência do adulto que dominará a aprendizagem linguística da criança.

Convém também assinalar que as meninas, em regra, se desembaraçam mais depressa do que os rapazes, embora a linguagem destes, mais reflectida e original, alcance a das rapariguinhas aos 7 anos.

Mas — perguntar-se-á — se existem leis naturais, que regem o fenómeno da linguagem, como se explica que umas crianças falem mais cedo do que outras? Será o caso de julgarmos menos inteligentes aquelas que se atrasam?

Mas não, não há motivo de apreensões. Repetimos: o progresso provém do meio habitado pela criança. Mais do que nunca, aqui, o imprime a sua marca, dependendo o desenvolvimento da linguagem do nivel cultural dos parentes.

Que fazer se há posses para começar a dar-lhe uma certa ginástica mental e linguística, ensinando-lhe um novo idioma?

O «bebé» vai fazer 4 ou 5 anos. Há quem admita a facilidade de uma aprendizagem de um idioma estrangeiro. Mas só então, Porque antes, o bilingnismo só poderia ser prejudicial, do ponto de vista psicológico e pedagógico.

Pelo menos, é esta a opinião de Pichon.

Respeitemos-lhe as primeiras brincadeiras

A brincadeira é o trabalho das crianças, os brinquedos são os seus instrumentos de trabalho. Uma criança goza mais com o seu sonho á roda de um brinquedo do que pròpriamente com o brinquedo (este é ás vezes simples pretexto ou ponto de partida para o seu mundo imaginativamente maravilhoso). E' por isso que, aos quatro anos, a criança prefere brincar com uma boneca feita por ela própria, de trapos ou de peças de roupa, a entreter-se com um brinquedo caro.

De qualquer modo, não intervenhamos, não interceptemos essas figuras fugazes da sua imaginação: se encontramos a criança a falar e a brincar sòzinha, deixemo-la assim até que por si própria regresse á sua realidade.

A arte de repreender

Conheço dois irmãos, dois rapazinhos que dormem no mesmo quarto. Naturalmente, zaragateiam muitas vezes e muitas outras brincam á hora de deitar. Têem-lhes dito que se calem quando estão na cama mas não tem servido de nada. Assim que a luz se apaga e a mamã parte, a brincadeira e as conversas estalam.

Um dia, a mamã apareceu pela segunda vez para ralhar aos desobedientes. Mêta consciente da necessidade que há de infligir uma punição, meia-risonha, pois surpreende ainda nos rostos amados o disfarce do riso, ela diz:

—E' assim tão difícil, obedecer? Coitadas das mamãs: terem de fazer homens bons e leais de rapazinhos desobedientes. Como poderei conseguí-lo com vocês? Ah! não é fácil nem agradável, acreditem!

Foi uma simples observação e a mamã como que espera uma resposta. Uns segundos de silêncio e é o mais pequeno dos «futuros homens bons e leais» que levanta a cabeça do travesseiro e diz com a vozita emocionada:

—Sim, tenho já pensado nisso, que deve ser muito triste para ti, quando não somos tão bons como tu querias!

E a mãe retira-se contente e reconhecida.

J. LAMERS HOOGVELD

Para uma jovem que vai mandar o seu filho à escola

O seu filho vai dentro de dias á escola, não é verdade? Vai, talvez, pela primeira vez. Pois, então, lembre-se de que a entrada na escola é uma coisa muito importante na vida de seu filho. Da maneira como você lhe apresentar as «cores» da escola, dependerá em grande parte o seu triunfo escolar, o entusiasmo, o gosto pelos estudos...

1.º — Nunca apresente a escola como um lugar de castigo: «Tu hás-de ver, quando fores para a escola, a mestra te ensina!».

2.º — Faça que o seu filho deseje o contacto das aulas como um prémio e não como um castigo. Diga: «Se não comes, não te deixo ir á escola!». E nunca: «Se fores teimoso, levo-te para o colégio!».

3.º — Evite, tanto quanto possível, o internato que é um regime contra a natureza, principalmente contra a natureza dos mais pequenos que tanto necessitam do carinho do papá e da mamã.

4.º — A escolha da escola é importante: estarão todas em condições de desenvolver na criança qualidades humanas de trabalho, asseio, delicadeza, lealdade, exactidão e ordem, a par de uma instrução sólida?

República

(Continuação da página juvenil)

to a Revolução. Mas foram vencidos.

Daí em diante, a sua força e a sua autoridade moral não fazem mais que aumentar, como aumentam, as suas fileiras com os nomes dos Homens com que hoje tanto se orgulha a cultura portuguesa: Latino Coelho, José Falcão, Elias Garcia, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, Manuel de Arriaga, Miguel Bombarda, Gomes Leal, Basílio Teles, Aquilino Ribeiro, Braamcamp, Teixeira Gomes e sempre mais, cada vez mais...

Também mais, cada vez mais era o amor e adesão do povo ás ideias republicanas. E assim nenhum de vós se espanta ao saber que a gloriosa Revolução de 5 de Outubro de 1910 não necessitou de cruenta luta para derrubar uma Monarquia que atingira setecentos e setenta anos. Durante quase um século os ideais republicanos foram crescendo, alimentados por nobres aspirações e por nobres espíritos. Desabrochavam, por fim, como uma bela certeza. E o futuro e o progresso da Pátria estavam na Republica, tal como, jovens amigos que sois a garantia de amanhã, os seus generosos ideais dependem da vossa paixão pelo estudo, do vosso apego ao trabalho, da vossa coragem ante os sacrifícios e de um tão puro e tão grande amor á terra onde nascestes que sempre respeitareis os afectos e as ideias de vossos compatriotas, pois em verdade, verdade, todos são os obreiros comuns da incomparável alegria de nos aperfeiçoarmos e perpetuarmos *PORTUGUESES*. — **T.**

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 13.ª página)

Os segredos que nos vierem do Universo por via acustica presumo eu que sejam pequenos sinais mas nada nos impede de os ampliar. O Homem é um grande bisbilhoteiro. No infinitamente pequeno descobriu primeiro os micróbios, depois os antibióticos para combater os micróbios. Depois foi-se ao átomo, desmontou-o, pô-lo ao seu serviço de tal forma que tem hoje ao seu dispor os engenhos nucleares que curam a Humanidade em bloco, abolindo de uma assentada as doenças e os doentes. E os sãos conjuntamente. E este eclectismo dos resultados da Ciência prova o seu desinteresse. E as técnicas ajudando, os céus hoje são nossos; o fundo dos mares que eram o domínio dos peixes, são nossos. E podemos optar ou viver mais tempo, ou morrer mais depressa e em conjunto. O meu amigo Malaquias que é um tipo sincero mandou gravar no seu jazigo estes dizeres: «aqui jaz Malaquias Raposo mas acredita, ó viandante, que aceito gostosamente a permuta e ofereço-te o meu beliche».

E está entusiasmado com a descôbertà do ouvido da terra. Diz ele que é agora que o Homem vai saber segredos que lhe utilizem. Cada planeta deve ter a sua especialidade. Incorrigível idealista, impenitente amoroso, diz-me que se chegar o tempo em que se vendam ouvidos interplanetários como se vendem aparelhos de rádio, ele ligará para Venus para saber coisas. Eu digo-lhe que já é tarde e explico-lhe que os possiveis comunicados planetários chegam á terra com um certo atraso — coisa de alguns milhões de anos do tempo em que ainda não viviam sobre a Terra os homens de Cro-Manon ou de Chancelade. E ele pergunta-se a si próprio se nos outros planetas terá havido também um pai Adão e uma mãe Eva. Eu respondo-lhe que não sei. Parece-me que a criação é muito antiga e mais complicada do que se pensava. Estou mesmo que todas essas coisas que nós jugamos se passaram no tempo passaram-se fora do tempo. O tempo foi criado com o Universo e essa ideia livra-nos de certas dificuldades metafísicas. O interessante seria que, assim como nós vamos poder ouvir o Universo, pudessemos dizer de cá alguma coisa para a Sirius por exemplo. Tal como nós faziamos aos caloiros do meu tempo de Coimbra que levavamos ao Jardim Botanico para experimentar o Eco. E o caloiro por nossa indicação dizia em voz alta o primeiro verso dos Lusiadas: «As armas e os barões assinalados». A que logo o Eco, instruido por centenas de gerações académicas, respondia: que da ocidental praia lusitana. O porteiro do jardim era um velhote chamado Lacerda e nós diziamos ao caloiro para chamar o porteiro em voz alta. Não me lembro se o eco dizia: cá estou sr. dr. ou dava qualquer outra resposta. É esta história que eu conto ao Malaquias por causa da ideia de ele comunicar com o seu planeta predilecto.

—Não experimentes Malaquias, não experimentes que tens uma desilusão! Talvez seja preferível dirigires-te a Saturno, por exemplo. E' um planeta que simboliza o mais antigo deus do paganismo, do qual diz a lenda mitológica que comia os filhos. Como és velho como ele talvez que te responda. Quanto a comunicações interplanetárias espera que se criem agências de informação especializadas. Essas dar-te-ão a resposta e o comentário e ficarás sabendo tudo como se vivesses no planeta. E quanto ao distico que te propões gravar no teu mausoléu aconselho-te a que o não faças. E' dar parte de fraco. Proponho-te antes este que é dum poéta grego: «Viandante que páras e que espreitas: o unico desejo que me anima é que este mausoléu te caia em cima».

Todavia, Malaquias insiste, quer ouvir as comunicações cósmicas para lhe satisfazer uma curiosidade insatisfeita. Eu por mim estou em que se nos espaços siderais houver seres que lhe respondam eles serão como nós. Ou piores. E esta ideia aflige-me. Eu prefiro que isto seja só uma doença da pequena terra. Seria desolador se o não fosse.

RAMADA CURTO